UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Direito e Ciências do Estado
Programa de Pós-Graduação em Direito e Justiça

Gabriella Maria Segantini Souza

O *MIR* E O MUNDO:
Marx em diálogo com o movimento revolucionário russo no século XIX

BELO HORIZONTE
2025

Gabriella Maria Segantini Souza

O *MIR* E O MUNDO:

Marx em diálogo com o movimento revolucionário russo no século XIX

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Mestrado em Direito e Justiça do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais na Linha de Pesquisa 3 – História, Poder e Liberdade; Projeto Coletivo: H-12 — "Crítica marxista à economia política, ao Direito e ao Estado".

Orientador: Dr. Leonardo Gomes de Deus

Belo Horizonte

2025

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Meire Queiroz - CRB-6/2233.

Souza, Gabriella Maria Segantini
S729m O *MIR* e o mundo [manuscrito]: Marx em diálogo com o movimento revolucionário russo no século XIX / Gabriella Maria Segantini Souza. - 2025.

Orientador: Leonardo Gomes de Deus.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Direito.

1. Direito - Teses. 2. Marx, Karl, 1818-1883 - Teses. 3. Rússia - Revolução - Teses. I. Deus, Leonardo Gomes de. II. Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Direito. III. Título.

CDU: 335.51

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO

UFMG

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA

GABRIELLA MARIA SEGANTINI SOUZA

Realizou-se, no dia 25 de fevereiro de 2025, às 14:30 horas, da Faculdade de Direito, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *O MIR E O MUNDO: Marx em diálogo com o movimento revolucionário russo no século XIX*, apresentada por GABRIELLA MARIA SEGANTINI SOUZA, número de registro 2023660844, graduada no curso de DIREITO/DIURNO, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em DIREITO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Leonardo Gomes de Deus - Orientador (UFMG), Prof(a). Vitor Bartoletti Sartori (UFMG), Prof(a). Ester Vaisman Chasin (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

(X) Aprovada, tendo obtido a nota 100.

( ) Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.
Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 2025.

Prof(a). Leonardo Gomes de Deus (Doutor) Nota: 100 (cem)

Prof(a). Vitor Bartoletti Sartori (Doutor) Nota: 100 (cem)

Prof(a). Ester Vaisman Chasin (Doutora) Nota: 100 (cem)

Agradecimentos

Esse trabalho resultou de uma pesquisa que venho desenvolvendo há mais de quatro anos e do esforço coletivo de inúmeras pessoas, algumas das quais aproveito aqui para agradecer. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), pelo financiamento concedido, que possibilitou esse trabalho.

Ao professor Leonardo de Deus, pela orientação sem a qual este trabalho não estaria pronto. Aos membros da banca, a profa. Ester Vaisman e o prof. Vitor Sartori, pela crítica minuciosa e necessária à dissertação, e também pelos comentários, sugestões e críticas feitos durante a qualificação, que ajudaram enormemente a moldar o texto. Aos membros da Revista Verinotio, que são constante fonte de conhecimento, inspiração e motivação: Ester Vaisman, Ronaldo Vielmi, Vânia Noeli Ferreira e Vitor Sartori.

Aos meus pais, Kristianne e Marcelo, e às minhas irmãs, Sarah e Isabella, por todo o amparo e carinho. Aos meus amigos do grupo de orientandos do prof. Vitor Sartori da Faculdade de Direito da UFMG, em especial à Ana Marra, ao Gabriel Perdigão e ao Matheus Correa, pela amizade e pelas várias trocas, que estão presentes em todo este trabalho.

— Aí está, aí está. Então aquele médico é o pai dele. Hmm! — Pável Petróvitch cofiou os bigodes — pois bem, e o próprio sr. Bazárov, o que ele é precisamente? — perguntou com voz pausada.

— O que Bazárov é? — sorriu Arkádi.

— Tio, o senhor que que eu lhe diga o que ele é, precisamente?

— Faça-me-lhe o favor, sobrinho.

— Ele é niilista.

—Como? — perguntou Nikolai Petróvitch, enquanto Pável Petróvitch se punha imóvel, a faca erguida no ar com um pouco de manteiga na ponta da lâmina.

— Ele é um niilista — repetiu Arkádi.

— Niilista — disse Nikolai Petróvitch — Vem do latim nihil, nada, até onde posso julgar; portanto essa palavra designa uma pessoa que… não admite nada?

— Digamos: que não respeita nada — emendou Pável Petróvitch e novamente se pôs a passar manteiga no pão.

— Aquele que considera tudo de um ponto de vista crítico — observou Arkádi.

— E não é a mesma coisa? — Indagou Pável Petróvitch.

— Não, não é a mesma coisa. O niilista é uma pessoa que não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio aceito sem provas, com base na fé, por mais que esse princípio esteja cercado de respeito.

— E o que há de bom nisso? — interrompeu Pável Petróvitch

— Depende, titio. Para uns é bom, mas para outros é péssimo.

(Turgueniêv, Pais e filhos)

Resumo

Este trabalho parte do estudo de alguns textos escritos por Marx sobre a Rússia em seus últimos anos de vida, com destaque para a carta para o comitê editorial da revista russa *Otechestvennye zapiski* [Notas Patrióticas], de 1878, e para a carta escrita à Vera Zasulich e os seus quatro esboços, de março de 1881. Nesses textos, o autor tratava precipuamente da perspectiva de uma revolução russa ao final do século XIX e da possibilidade de a *obshchina* [comuna agrícola russa] desempenhar algum papel no revolucionamento da sociedade russa. A partir da análise desses textos, buscamos investigar a relação desses dois escritos com o primeiro livro de *O Capital*, de modo a verificar se é possível dizer que há neles indícios de uma certa ruptura com relação não apenas àquela obra em específico, mas ao pensamento marxiano do período de 1844-1867 como um todo, como apontam certos intérpretes, tais como Michel Löwy, Teodor Shanin, Haruki Wada e Enrique Dussel. Pretendemos também inserir as considerações desenvolvidas por Marx em 1878 e 1881 sobre a problemática russa dentro dos debates que ocorriam na Rússia sobre a questão revolucionária e sobre a obshchina, com destaque para as discussões dentro do movimento revolucionário populista (*narodnichestvo*).

Palavras-chave: Marx; marxologia; Rússia; revolução; comuna agrária; populismo russo; *O Capital*;

Abstract

This work is based upon the study of a couple of texts Marx wrote on Russia during in his later years, in particular of two sets of letters: one written in 1878 to the editorial committee of the Russian periodic *Otechestvennye zapiski* [Patriotic Notes], and the letter written to Vera Zasulich along with its four drafts, from March 1881. In these texts, the author primarily addressed the perspective of a Russian revolution at the end of the 19th century and the possibility of the *obshchina* [Russian agricultural commune] playing a role in revolutionizing the Russian society after a revolutionary uprising. Through the analysis of these texts, we seek to connect these two writings with the first book of *Capital* as it is our goal to determine whether it is possible to assert in them any kind of rupture or turn in relation to the *Capital* and the Marxian thought as we may conceive it from the period of 1844-1867 as a whole. By doing so, we establish a dialogue with certain authors to whom it is possible to identify such rupture or turn in Marxian thought from the 1870 and on, such as Michel Löwy, Teodor Shanin, Haruki Wada, and Enrique Dussel. We also intend to place Marx's considerations developed in 1878 and 1881 within the russian debates regarding the revolutionary question and the *obshchina*, particularly highlighting the discussions within the populist revolutionary movement (*narodnichestvo*).

Key words: Marx; Marxology; Russia; revolution; agrarian commune; Russian Populism; *The Capital*;

Sumário

Introdução……09
Capítulo I: O povo e a sua vontade:
o populismo russo e as discussões sobre o futuro da comuna agrária……26
Zemlia i volia:
uma nova geração revolucionária de volta de sua viagem ao povo……27
Narodnaia volia:
o terror como veículo da Vontade do Povo……43
Chernyi peredel:
o prólogo da *Osvobozhdenie Truda*……52

Capítulo II: Marx, os russos "and the road not taken":
a Carta ao comitê editorial da *Otechestvenye zapiski*……..55

Capítulo III: A batalha das Fúrculas Caudinas do capital:
a carta a Vera Zasulich e seus esboços……..92
Vera Zasulich a Karl Marx: o que faremos?……92
A resposta de Marx: "chère citoyenne…"……..99
Os quatro esboços: reflexões deixadas às traças.……109
O Capital e a Rússia...……109
Do passado das comunidades primitivas ao futuro da comuna agrária na Rússia……112
A *obshchina* no fim do século……..145

Considerações finais……158

Referências bibliográficas……165

Índice onomástico..……173

Glossário……178

Introdução

No princípio de 1848, quando chegavam em São Petesburgo as notícias da proclamação da Segunda República em Paris, o futuro tsar Alexandre II celebrava um baile de carnaval no Palácio de Anichkov. Enquanto os convidados dançavam a mazurca, seu pai, o tsar Nicolas I entrou subitamente no salão, interrompendo a dança para anunciar que o povo havia derrubado o rei da França e proclamado a República. Algumas fontes contam que o tsar, cheio de bravata, teria declarado que reuniria o exército russo e marcharia até o Reno para combater os revolucionários franceses (Yarmolinsky, 1956, p. 54). Já outros contam que mesmo que as notícias da República na França tenham sem dúvida deixado Nicolas I apreensivo, o tsar teria confidenciando então aos seus conselheiros mais próximos que não tinha intenção alguma de ajudá-lo a reconquistar o trono, pois Luis Felipe era ele mesmo um usurpador, então, perder seu trono era um destino adequado (Roberts, 1991, p. 11).

De toda forma, qual tenha sido realmente o estado de espírito de Nicolas naquele dia, fato é que, pouco depois, o exército russo estava pronto para enfrentar a ameaça da revolução. Desde a derrota de Napoleão, que de modo algum teria sido possível sem os russos, o tsar da Rússia havia se convertido no ‘chefe da contrarrevolução europeia’, como certa vez escreveu a Thomas Jefferson o Marquês de Lafayette, em dezembro de 1823 (Du Motier, 1823). E, assim como seu irmão mais velho, Alexandre I, havia feito em 1814, Nicolas I estava pronto para encabeçar a hidra contrarrevolucionária em 1848.

Sem o exército cossaco do tsar Nicolas I, a reação europeia talvez teria sucumbido diante da pressão do movimento revolucionário. Isso foi evidente no caso da Revolução de Março na Prússia. Como fogo que pega na palha, a revolução rapidamente se espalhou de Paris para o resto da Europa continental, e em março de 1848 já havia chegado em Berlim, para o terror do cunhado do tsar Nicolas I, Frederico IV. No campo revolucionário da Prússia, destacaram-se três principais elementos: a nobreza junker, a burguesia alemã e o povo. A reação era o campo da nobreza *junker*, isto é, os proprietários de

terras de origens feudais, era representada pela Coroa e pela dinastia Hohenzollern, e por mais que se recusasse a abandonar os velhos preconceitos feudais, os *junkers* já haviam se tornado mais burgueses do que tudo. Já a burguesia alemã, que era predominantemente industrial, não possuía uma gota sequer do espírito revolucionário de suas primas francesa e inglesa, de modo que estava plenamente disposta a “alargar os caminhos de sua atuação, especialmente econômica” (Cotrim *In.* Marx, 2020, p. 47) por meios conciliatórios e legais. Ela viria a ser representada pela Assembleia Nacional e depois pelos ministérios de Camphausen, entre março e junho de 1848, e Hansemann, de junho de 1848 até setembro de 1848. Por fim, o povo, o verdadeiro sujeito revolucionário, representado no partido democrático e presente na Assembleia Nacional. Em meio ao povo, destacavam-se três classes: o proletariado, que definhava sob a burocracia e sob a burguesia; a pequena burguesia, que estava à beira da ruína; e os camponeses, sufocados pelos encargos feudais da nobreza rural e pelas hipotecas e agiotagem da burguesia financeira.

Temendo sofrer o mesmo destino de Luis Felipe na França, Frederico IV optou por ceder diante das reivindicações revolucionárias do povo, ao menos temporariamente, e foi então constituído o Ministério Camphausen, em 29 de março de 1848. Mas, enquanto o povo acreditava que havia se entendido com a burguesia para fazer revolução contra a Coroa, na realidade ele havia feito a revolução para que a burguesia se entendesse com a Coroa, pois a burguesia alemã não tinha intenção alguma de levar a cabo a revolução. Assim, ao invés de fazer avançar a revolução, o Ministério representava os interesses reformistas da burguesia prussiana, em uma conciliação pelo alto entre os interesses burgueses e dos *junkers*. Em virtude disso, em vez da ruptura e da destruição do velho, do feudal, a burguesia prussiana propôs uma conciliação entre o velho e o novo e convocou a velha Dieta Unificada, isto é, aquilo contra o que o povo se insurgira, para eleger a Assembleia Constituinte ou, como Marx coloca, a Assembleia Ententista. Ou seja, se criaria uma nova constituição a partir da velha, de modo que no lugar da derrubada dos Hohenzollerns, da ruptura absoluta com a sociedade feudal, chegou-se à

conciliação da burguesia com a Coroa. Como avaliou Marx, “a burguesia havia sido arremessada à cumeeira do Estado, mas não como havia desejado, através da transação pacífica com a Coroa, mas por uma revolução” (Marx, 2020, p. 322), de modo que, se permaneceu no campo do Direito existente, o campo na burguesia conservadora, negando a Revolução de Março. A burguesia alemã apenas usou o ímpeto revolucionário do povo alemão para seus próprios fins materiais, vez que o Estado absolutista havia se tornado um entrave para seus interesses, mas estando sempre pronta para trair o povo e aliar-se com a nobreza e a Coroa.

Desde o princípio de seu ministério, Ludolf Camphausen não destruiu e removeu os restos das velhas instituições, permitindo que a contrarrevolução feudal pudesse reunir forças e se recuperar do abalo de março. A burguesia se deixou levar pela ilusão de que o povo e a revolução eram os únicos obstáculos para poder tratar com a Coroa, pois “a revolução era o protesto da entente da burguesia com a Coroa. A burguesia, entendendo-se com a Coroa, deveria protestar, portanto, contra a revolução” (Marx, 2020, p. 327). Mas isso duraria apenas até que a Coroa se sentisse forte o suficiente para se despir da máscara liberal-burguesa, representada no Ministério Camphausen.

Camphausen se demitiu em junho de 1848 e foi sucedido por David Hansemann, que cumpriu a negação da revolução, marcando a passagem do “período de traição passiva ao povo em favor da Coroa, ao período de subjugação ativa do povo sob seu domínio em compromisso com a Coroa” (Marx, 2020, p. 329). Hansemann, que foi um ministério de polícia, fortaleceu os velhos aparatos prussianos, caindo na ilusão de que estavam a serviço da burguesia contra o povo. A burguesia se enganou achando que a reação feudal havia se submetido a ela, mas sua ilusão se despedaçaria em novembro de 1848, com o ministério Brandenburg. A partir daí, a conciliação foi rompida definitivamente pelo partido feudal, que de modo algum permitiria a eliminação das bases de sua dominação, e pela Coroa, que se via mais confortável no chão feudal do que no burguês. Em dezembro, foi anunciada por Frederico IV uma nova constituição, em que não apenas se criavam novos privilégios para a Coroa e se garantiam os interesses da burocracia, da nobreza e dos

proprietários de terras, mas também se barrava a expansão capitalista e a acumulação de capitais. Teve-se, então, o fim da revolução e a derrota da burguesia e do povo. Com isso, a miséria alemã foi renovada.

E nisso tudo Nicolas I e o exército russo desempenharam papel fundamental. Sem o cunhado Nicolas, Hohenzollern nunca teria recuperado a força que perdeu quando foi forçado a ceder em março de 1848. Foi graças à intervenção do exército russo no território alemão que o partido feudal prussiano se sentiu fortalecido o suficiente, depois do baque de março, para abandonar a proteção da burguesia alemã, com a qual tinha se aliado para sobreviver. A Coroa prussiana pôde trair seus tutores burgueses porque sabia que "da província oriental prussiana, de braços dados com os bravos pomeranos" (Marx, 2020, p. 115), o exército russo estava pronto para marchar sobre a "Sodoma e Gomorra" e restabelecer "o 'prestígio' da Prússia, isto é, da dinastia prussiana, da monarquia absoluta[…] perdido desde o dia em que o absolutismo foi obrigado a imiscuir um 'pedaço de papel escrito'" (Marx, 2020, p. 116). A invasão russa nos territórios alemães foi donde o partido feudal prussiano "hauriu […] a necessária coragem para renunciar a seu papel de covarde do pós-março, para suprimir o 'pedaço de papel imiscuído entre ele e seu povo' pela revolução" (Marx, 2020, p. 558).

Entre 1848/49, a intervenção da Rússia foi para a burguesia e a monarquia europeia a "única maneira de escapar do proletariado que despertava" (Marx & Engels, 2013, p. 102), de modo que coroaram o tsar Nicolas I "chefe da reação europeia" (Marx & Engels, 2013, p. 102). A única participação da Rússia naquela época era no campo da contrarrevolução, estando no exército russo "a velha Europa representada e coalizionada" (Marx, 2020, p. 557) e a diplomacia russa era o "centro da contrarrevolução permanente" (Marx, 2020, p. 359). Em grande parte, é certo que a Rússia só pôde estar na ponta da cunha da reação europeia em 1848 e 1849 porque as chamas da revolução não arderam em seu palheiro. Em que pese a existência de um número de russos bastante loquazes em sua oposição ao tsar e à ordem das coisas na Rússia, alguns deles inclusive tendo chegado a tomar parte ativa na revolução na Europa, como Mikhail Bakunin e Aleksandr Herzen, a maior

atividade minimamente revolucionária dentro da Rússia em 1848 foi a de um pequeno círculo de leitura em São Petesburgo. Referimo-nos aqui ao Círculo Petrachevsky, o qual, apesar de ter tido como membros alguns personagens celebres na história russa, incluindo Fiodor Dostoiévski, foi mais uma conspiração de ideias do que uma organização revolucionária propriamente dita. Mesmo assim, a Terceira Sessão da Chancelaria imperial rapidamente se infiltrou no grupo e o desmantelou, levando à prisão de seus membros em abril de 1849.

Seria apenas na segunda metade do século XIX que um movimento revolucionário socialista contra o tsarismo se organizaria na Rússia, ganhando forças sobretudo a partir da década de 1870: o Наро́дничество [*Narodnichestvo*[i]], em especial sua corrente revolucionária. *En effet*, a década de 1870 pode ser considerada um verdadeiro ponto de virada na história do movimento revolucionário russo. Em 1878, a jovem revolucionária Vera Zasulich cometeu um atentado contra o prefeito de São Petesburgo, Feodor Trepov, como retaliação pelos tratamentos cruéis de um prisioneiro político na Casa de Detenção Preliminar de Petesburgo. Num desenrolar de eventos surpreendente, Zasulich, o “anjo da vingança” foi absolvida pela tentativa de assassinato, e sua coragem deu início a uma onda de atos terroristas contra autoridades do tsarismo (*cf*. Siljak, 2013). E o principal deles certamente se passou em 1881, quando um grupo populista revolucionário, a Наро́дная во́ля [*Narodnaia volia*], executou o filho e sucessor de Nicolas I, o tsar Alexandre II, no que poderíamos chamar de um prelúdio para as revoluções na Rússia. O movimento revolucionário russo cresceu em tal ritmo e força que em três décadas a Rússia passou de baluarte da contrarrevolução para compor a vanguarda do movimento socialista na Europa. E como era de se esperar, essa rápida progressão não passou despercebida de Marx e Engels, que, em 1882, abordaram isso no prefácio para a segunda edição da tradução russa do *Manifesto Comunista*.

[i] Em geral, *Narodnichestvo* é traduzido como Populismo — inclusive por vezes empregamos esses dois termos de forma intercambiável ao longo do texto. Contudo, concordamos com Oittinen (2023, p. 42) quando o autor finlandês aponta para o fato desse termo, “populismo”, ser uma tradução imprecisa para o *Narodnichestvo,* uma vez que não capta adequadamente a especificidade desse movimento.

Foi Bakunin o primeiro tradutor do *Manifesto*, ainda na década de 1860. Aquela primeira tradução, elaborada pelo anarquista russo, foi publicada no *Kolokol*, o jornal editado por Herzen e Nikolai Ogarev em Londres. Duas décadas depois, entre 1881 e 1882, aproximando-se cada vez do marxismo[ii], Gueorgui Plekhanov decidiu fazer uma nova tradução do texto para o russo, considerando ser necessário que o texto voltasse a circular entre os russos, principalmente dada a nova guinada reacionária do tsarismo depois do assassinato de Alexandre II em março de 1881. Em janeiro de 1882, a pedido de Plekhanov, Pyotr Lavrov enviou uma carta a Marx pedindo que ele e Engels escrevessem um prefácio para o texto, pedido ao qual os autores alemães logo atenderam. Datado do dia 21 de janeiro de 1882, o prefácio foi enviado em alemão a Lavrov no dia 23 daquele mês. Em fevereiro de 1882, o texto traduzido em russo foi publicado pela primeira vez pela revista *Narodnaia volia*.

Marx e Engels iniciam o texto relembrando a primeira tradução do *Manifesto*, feita por Bakunin na década de 1860. Naquela época, o texto parecia ser algo mais próximo de uma curiosidade literária para os russos do que uma obra que viria a ter alguma relevância prática na Rússia. Isso na medida que, em 1860, o movimento socialista russo ainda estava em sua tenra infância, eis que, com exceção de alguns poucos grupos revolucionários, era marcado precipuamente pelas manifestações literária de críticos como N. Chernyshevsky, N. Dobrolyubov, A. Herzen e N. Ogarev. Destarte, naquela época, a perspectiva de uma revolução socialista na Rússia parecia até então um sonho. Já em 1882, tornara-se praticamente impossível manter essa posição (Marx & Engels, 2013, p. 102). Fato é, a Rússia sequer era mencionada no *Manifesto Comunista*, escrito às vésperas da Revolução de 1848. Entretanto, isso de modo algum se devia a uma escolha arbitrária da parte dos autores. Como explicam Marx e Engels, no momento em que o *Manifesto* foi escrito (dezembro de 1847), o campo de atuação do movimento proletário era limitado, o que é bastante evidente na última parte do texto, que tratava da "posição dos comunistas em relação aos vários partidos de oposição nos diferentes países" (Marx e Engels, 2013, p. 102). Na década de 1840, a

ii. Ao menos de sua versão dele.

Rússia decerto não era um desses campos, uma vez que ela era até então a "última grande reserva da reação europeia" (Marx & Engels, 2013, p. 102), um dos "pilares da ordem europeia vigente" (Marx & Engels, 2013, p. 102).

E como a situação da Rússia era diferente em 1882, exclamavam Marx e Engels: se em 48-49 o tsar era o bastião da reação na Europa, em 1882 ele era "prisioneiro de guerra da revolução" (Marx & Engels, 2013, p. 102) e a Rússia era "a vanguarda da ação revolucionária na Europa" (Marx & Engels, 2013, p. 102). Aqui os autores fazem referência ao assassinato do tsar Alexandre II em março de 1881 pelo comitê executivo da *Narodnaia volia*. Depois que assumiu o trono do pai, Alexandre III tornou-se praticamente um recluso na fortaleza de Gachina, sempre a olhar por cima do ombro por medo da revolução. Ainda que com o atentado de março de 1881 a *Narodnaia volia* não tenha conseguido dar ainda início à revolução, o assassinato do tsar não deixou de ser um momento decisivo para movimento revolucionário russo, colocando-o definitivamente no 'mapa' do socialismo europeu. Como a Rússia havia avançado no campo da revolução em menos de quarenta anos!

Entretanto, o caso da Rússia era bastante ímpar dentre os europeus. Se no final de 1847 o "*Manifesto Comunista* tinha como tarefa a proclamação do desaparecimento próximo e inevitável da moderna propriedade burguesa" (Marx & Engels, 2013, p. 102), em 1882, aquela 'moderna propriedade burguesa' — que já era um verdadeiro corpo putrefato — apenas começava a se colocar sobre seus próprios pés na Rússia. Ou seja, a questão do comunismo ali assumia um colorido particular, bem distinto do que víamos no restante da Europa e, principalmente, do que vemos no *Manifesto*, até porque ali o tratamento de Marx e Engels partia de um elevado grau de abstração. Ao mesmo tempo que víamos na Rússia o "florescimento acelerado da velhacaria capitalista e da propriedade burguesa" (Marx & Engels, 2013, p. 103), colocam os autores do Prefácio, "mais da metade das terras é posse coletiva dos camponeses" (Marx & Engels, 2013, p. 103). Era algo que não se via no restante da Europa, onde a enorme maioria das terras coletivas já havia desaparecido há muito tempo, cedendo lugar à propriedade privada da terra, de maneira que qualquer consideração sobre a revolução na Rússia deveria

ser colocada considerando essas complexidades. À vista disso, Marx e Engels colocam então que a questão seria a seguinte:

> poderia a *obchtchina* russa – forma já muito deteriorada da antiga posse em comum da terra – transformar-se diretamente na propriedade comunista? Ou, ao contrário, deveria antes passar pelo mesmo processo de dissolução que constitui a evolução histórica do Ocidente? (Marx & Engels, 2013, p. 103)

E para os autores do *Manifesto Comunista*, a resposta para isso era que "se a revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista" (Marx & Engels, 2013, p. 103). *C'est-à-dire,* Marx e Engels assumiam como uma possibilidade real que a comuna agrária russa, uma forma pré-capitalista de propriedade da terra, pudesse servir de alavanca para o comunismo da Rússia. Certamente uma via bastante distinta daquele 'caminho clássico' para o desenvolvimento socialista, que partiria de um capitalismo em estágio avançado de desenvolvimento.

Em verdade, esse texto condensa vários anos da pesquisa de Marx [e de Engels] sobre a Rússia, com destaque para os estudos sobre a comuna agrária russa (*obshchina*) e sua condição na segunda metade do século XIX. Sabe-se que, entre 1868 e 1883, Marx acumulou uma vasta coleção de livros sobre a Rússia, além de um uma extensa coleção de resumos de obras estatísticas sobre o país, que Nikolai Danielson lhe havia enviado (Engels *In.* Danielson *et. al*, 1983, p. 190; Marx[iii] *In.* MECW v. 43, 2010h, p. 545). Marx também começou a estudar obsessivamente a língua russa no começo de 1870, para que pudesse ter acesso àquelas obras em seu idioma original (Marx[iv] *In.* MECW v. 43, 2010h, p. 551). A maior parte desses livros, artigos e periódicos que Marx coletou ao longo desses anos haviam sido enviados por amigos e correspondentes russos, como Maksim Kovalevsky, Nikolai Danielson e Piotr Lavrov. Esses escritos versavam sobre assuntos diversos, mas a maior parte deles tratava da situação agrária russa, com destaque para a propriedade

iii. Jenny Longuet *née* Marx.

iv. Jenny Marx *née* von Westphalen.

comunal, bem como sobre o desenvolvimento do capitalismo no país e o movimento revolucionário conhecido como 'populismo russo' (*narodnichestvo*), que crescia com rapidez.

Em uma dada medida, devemos considerar os estudos de Marx a partir de 1868 sobre Rússia como relacionado às atividades do autor na Associação Internacional dos Trabalhadores. Isso, uma vez que, na reunião do dia 22 de março de 1870, o Conselho Geral admitiu o ingresso na Internacional de um grupo de emigrados russos anti-bakuninistas sediado em Genebra, assim criando a Seção Russa (Marx *In.* MECW v. 21, 2010d, p. 110). A pedido do grupo de emigrados, Marx tornou-se o representante da nova Seção Russa no Conselho Geral (Marx *In.* MECW v. 43, 2010h, p. 462). Embora a Seção Russa da Internacional tenha cessado suas atividades em 1872 (MECW v. 43, 2010h, p. 644), certamente suas responsabilidades como representante dos russos na Internacional foram incentivos para Marx aprender russo e familiarizar-se melhor com o movimento revolucionário daquele país[v]. Por outro lado, também é certo que o fato de que na Rússia ganhava forças um movimento socialista que ia além de Herzen e Bakunin era algo que certamente atraiu a atenção de Marx, para além das questões diretamente afeitas à Seção Russa da Internacional. A possibilidade de uma revolução socialista na Rússia era algo que Marx e Engels não poderiam ignorar, até mesmo porque o fim do tsarismo russo certamente teria impactos positivos no futuro da revolução na Europa como um todo, como podemos ver no prefácio de 1882.

Para além do prefácio de 1882, da parte de Marx, talvez os dois textos mais conhecidos e discutidos, produzidos por esse contato do autor com a literatura revolucionária russa, foi sua carta ao corpo editorial da revista *Otechestvennye zapiski*, de 1878, e, especialmente, sua carta escrita a Vera Zasulich e os seus quatro esboços, de 1881. Mesmo que nunca tenha sido enviada por Marx, a carta escrita para a revista Notas Patrióticas foi publicada em russo, oito anos depois, em 1886 no quinto volume da *Vestnik Narodnoi voli*

v. Entretanto, já advertimos aqui que não há como explorarmos esse ângulo dos estudos russos de Marx, uma vez que a grande massa dos cadernos e das notas de Marx sobre a Rússia ainda estão para serem publicados pela *Marx-Engels-Gesamtausgabe* (Mega).

em Genebra[vi], e em alemão no ano seguinte, em maio de 1887, no *New-Yorker Volkszeitung*. Já a carta à Vera Zasulich e os quatro esboços só foram publicados pela primeira vez em 1924 pelo Arquivo Marx-Engels em Moscow, traduzidos em russo, apesar das promessas que a revolucionária russa fez a Marx de traduzir sua resposta e publicá-la para o público russo (MECW v. 47, 2010l, p. 640). Ambos esses textos foram objeto de repetidas discussões ao longo do século XX, não apenas porque neles Marx discute uma revolução iminente na Rússia — o que, à luz dos eventos de 1905 e 1917, certamente atrai a curiosidade dos intérpretes —, mas também porque tratava da possibilidade de uma revolução socialista partindo de uma Rússia ainda marcada pelo modo de produção agrário e comunal, engajando diretamente nos debates dos *narodniks* com aqueles que defendiam que o desenvolvimento do capitalismo no país era condição imprescindível para o socialismo.

Nas mãos de muitos intérpretes, sobretudo desde a segunda metade do século XX, esses textos foram lidos das mais diferentes formas. Alguns viam neles indícios de um Marx em declínio intelectual, considerando que nesses textos o autor teria perdido seu característico rigor teórico. Por exemplo, David Riazanov, que em 1911 foi quem descobriu a carta a Vera Zasulich e os quatro esboços nos arquivos pessoais de Paul Lafargue, sugere os esboços teriam as marcas de uma “capacidade de trabalho já solapada” (Riazanov *In.* Marx & Engels, 2013, p. 62).

Outros autores fazem afirmações semelhantes quanto a uma suposta falta de rigor teórico nesses textos, vendo no tratamento de Marx sobre a possibilidade de uma revolução em um país de desenvolvimento capitalista atípico uma espécie de desvio em relação à sua obra pregressa. Entretanto, atribuem-no não tanto à uma decrepitude intelectual, mas a um desejo por parte de Marx de não desanimar os revolucionários da *Narodnaia volia*, de modo que teria evitado expressar suas verdadeiras opiniões sobre uma revolução russa. Riazanov traz algo semelhante em seu texto sobre a

vi. Foi Engels o responsável pela publicação desse texto, tendo enviado o manuscrito a Vera Zasulich para que ela traduzisse o texto para o russo e organizasse sua publicação (Engels *In.* MECW v. 47, 2010l, p. 111).

correspondência entre Marx e Zasulich, dizendo que "[Edouard] Bernstein tem mais razão ao dizer que Marx e Engels 'às vezes se continham na expressão de seu ceticismo' para não decepcionar demais os revolucionários russos, que, como bem sabiam, 'atribuíam grande importância à questão da propriedade comunal'" (Riazanov *In.* Marx & Engels, 2013, p. 63). Karl Korsch também era de opinião semelhante, postulando que tanto Marx quanto Engels em certas ocasiões, como nos textos do fim do século sobre a Rússia, teriam transformado suas posições crítico-teóricas 'marxistas' em "meros adornos ideológicos" no intuito de promover e incentivar o futuro do movimento revolucionário (Korsch, 1938, sp.). Maximilien Rubel também via nesses mesmos textos uma tentativa da parte de Marx de "stimuler l'énergie révolutionnaire des *narodniki* dont il admirait le courage et l'abnégation" (Rubel, 1947, p. 12)[vii], embora não chegue propriamente a questionar a honestidade das posições do autor.

Eric Hobsbawm também é da opinião de que os textos de 1878 e 1881 demonstrariam uma espécie de declínio na produção intelectual de Marx, embora não adentre exatamente nas razões disso. Por exemplo, na sua introdução à primeira tradução inglesa das *Formas que precederam a produção capitalista*, Hobsbawm escreve que a visão expressa por Marx acerca da Rússia e da questão da comuna agrária em 1881 deixaria de seguir a tendência natural de seu pensamento histórico anterior, bem como que seria uma posição que a história demonstraria infundada. O historiador britânico afirma ainda que, nos textos sobre a Rússia, transparece uma certa dificuldade da parte de Marx de fundamentar sua posição teórica acerca da questão russa, o que refletiria certo constrangimento da parte de Marx sobre o que defendia nesses escritos. Hobsbawm chega ainda a falar em um marcante contraste entre a maneira como Marx discute essas questões em 1878 e 1881 e o tratamento de Engels sobre a Rússia em 1894, em seu posfácio à brochura *Questões Sociais na Rússia*. Para o britânico, em contraposição às supostas

vii. *Estimular a energia revolucionária dos narodniks, cuja coragem e abnegação admirava* (tradução nossa).

concessões teóricas de Marx em 1881, na década de 1890 veríamos Engels fazer um brilhante e lúcido retorno à tradição fundamental do marxismo[viii].

Ainda que cada um ao seu modo, esses autores vêem sobretudo nos escritos de Marx de 1881 uma espécie de desvio em relação ao seu pensamento 'clássico', por assim dizer, quanto aos caminhos do capitalismo para o socialismo, considerando que a defesa da possibilidade de revolução em uma Rússia ainda predominantemente agrícola seria um abandono de sua linha teórica. Alguns outros autores compartilham da posição de que existiria nesses textos uma espécie de rompimento por parte de Marx com seu pensamento de até então, mas ao invés de considerarem isso como um sinal de decadência intelectual, vêem nisso um progresso em relação à obra anterior e um abandono de aspectos que, para esses autores, seriam problemáticos.

Essa é, por exemplo, a visão de Michel Löwy, para quem os textos dos últimos anos de Marx representariam um verdadeiro progresso dentro da obra do autor, assinalando uma "verdadeira 'virada' metodológica, política e estratégica" (Löwy *In.* Marx & Engels, 2013, p. 8) dentro do pensamento marxiano a partir do fim da década de 1870, que significaria "uma ruptura profunda com qualquer interpretação unilinear, evolucionista, "etapista" e eurocêntrica do materialismo histórico" (Löwy *In.* Marx & Engels, 2013, p. 8).

Teodor Shanin, o organizador da tradução inglesa dos últimos textos de Marx e Engels sobre a Rússia (*Late Marx and the Russian Road*), também era de opinião similar, defendendo que o pensamento de Marx teria passado por uma virada durante a década de 1870, a partir da qual abandonaria os traços de evolucionismo e eurocentrismo que supostamente marcariam sua obra até

viii. "This view does not follow from the natural trend of Marx's earlier historical thought, was not accepted by the Russian Marxists (who were among the *Narodniks*' opponents on this point) or by subsequent Marxists, and in any case proved to be unfounded. Perhaps the difficulty Marx had in drafting a theoretical justification of it, reflects a certain feeling of awkwardness. It contrasts strikingly with Engels' lucid and brilliant return to the main Marxist tradition—and to support for the Russian Marxists—when discussing the same topic some years later" (Hobsbawm *In.* Marx, 1964, p. 50). *[Essa visão não segue a tendência natural do pensamento histórico anterior de Marx, não foi aceita pelos marxistas russos (que constavam entre os oponentes dos narodniks neste ponto) ou pelos marxistas subseqüentes, e em qualquer caso provou ser infundada. Talvez a dificuldade que Marx teve em redigir uma justificação teórica para ela reflete um certo sentimento de estranheza. Contrasta de forma marcante com o retorno lúcido e brilhante de Engels à principal tradição marxista e ao apoio aos marxistas russos quando discutiu o mesmo tema alguns anos depois]* (tradução nossa)

então (Shanin *In.* Shanin (org), 2017, p. 27). Para Shanin, os textos elaborados por Marx em 1878 e 1881 sobre a Rússia seriam justamente prova escrita dessa suposta virada em Marx, eis que evidenciariam um rompimento com aquelas leituras evolucionistas e unilineares que teriam se mostrado em seus trabalhos até então (Shanin *In.* Shanin (org), 2017, pp. 32-33).

De modo parecido, Enrique Dussel também sustenta em *El ultimo Marx y la liberación latinoamericana* que, nos últimos textos de Marx sobre a Rússia, transpareceria uma profunda transformação da postura do alemão com relação aos países não capitalistas. Para o marxista argentino, Marx teria abandonado uma noção unilateral de uma história universal e uma posição 'desenvolvimentista' presentes em sua obra até os fins da década de 1860, inclusive em *O Capital*, algo que, por exemplo, poderíamos ver de forma clara nas cartas de 1878 e 1881 (Dussel, 1990, p. 245). Em razão disso, Dussel avalia que esses últimos anos da vida do autor e os trabalhos que elaborou nessa época seriam especialmente valiosos para o marxismo latino-americanos, por concernirem à revolução em países da periferia da produção capitalista (Dussel, 1990, p. 243).

Em *Marx nas Margens*, a posição de Kevin Anderson é similar à desses autores. Embora não sustente uma ruptura ou virada radical nos anos 1870 como Shanin ou Löwy, o norte-americano é também da opinião de que, em um dado período da vida intelectual do autor, seu pensamento teria sido implicitamente marcado por um modelo unilinear de desenvolvimento e do progresso humano, como no *Manifesto Comunista* (Anderson, 2019, p. 328), bem como por posições impregnadas de eurocentrismo e orientalismo (Anderson, 2019, p. 16). Anderson considera então que, a partir aproximadamente da década de 1850, Marx teria passado por um gradual desenvolvimento como teórico, distanciando-se cada vez mais daquelas posições problemáticas. Assim, Anderson considera que seria nos textos de 1878 e 1881 sobre a Rússia que veríamos Marx afastar-se ainda mais completamente daquele suposto modelo unilinear de desenvolvimento (Anderson, 2019, p. 328).

Em comparação com a interpretação de que os textos do chamado "último Marx" evidenciariam uma decadência intelectual, atualmente é muito mais popular a leitura desses textos que os toma como uma virada positiva com relação a supostos traços eurocêntricos, deterministas, evolucionistas, etc. que estariam presentes até a década de 1870 no pensamento de Marx. Isso porque, no contexto das críticas das teorias pós-coloniais e das teorias decoloniais feitas contra Marx por autores como Edward Said, Walter Mignolo e Ramón Grossfoguel[ix], vários autores inseridos na tradição marxista, sobretudo na América Latina, viram naqueles textos de 1878 e 1881 uma possibilidade para conceber um novo Marx, um preocupado com sociedades não Ocidentais em contraposição àquele Marx supostamente eurocêntrico e etnocêntrico, impermeável a considerações sobre questões que não as do proletariado europeu ocidental, que tanto teria embaraçado seus "seguidores no Terceiro Mundo" (Shanin *In.* Shanin (org), 2017, p. 30).

Nesse sentido, esses intérpretes marxistas vêem na década de 1870 a instauração de um momento inteiramente novo na obra de Marx, no qual o autor se dedicaria especialmente às questões dos países da chamada periferia do capitalismo, isto é, aqueles países que, excetuando os Estados Unidos, estariam fora do contexto da Europa Ocidental e, pois, do capitalismo desenvolvido. Com isso, tornaria possível se contrapor àquelas críticas a Marx que mencionamos à partir desse 'novo momento' do pensamento do autor, que não mais seria maculado por um dogmatismo excessivo. O Marx dos anos 1870 e 1880 seria um antídoto contra aquele Marx tão criticado pelos autores do fim do século XX, sisudo, hermético, dogmático e eurocêntrico. Assim, os anos 1870 e 1880, os anos do "último Marx" seriam dedicados a um novo projeto, dito mais amplo e dessa vez preocupado com novas questões e horizontes não "ocidentais", chegando-se mesmo a se falar em um novo tom "terceiro-mundista" (Shanin *In.* Shanin (*org.*), 2017).

De todo modo, é interessante notar como, apesar da avaliação que fazem dos trabalhos de 1870-80, existe algo de comum entre aquelas duas

ix. Cf. Grosfoguel, *In.* Castro-Gomez & Grosfoguel, 2007; Mignolo, 2009.

leituras desses textos: ambas vêem nas posições de Marx sobre a Rússia em 1878 e 1881 uma espécie de descontinuidade ou uma ruptura em relação ao corpo de seu pensamento de até então. Se uma vê nisso sinais de um pensador em declínio e se a outra vê nisso evidências de um grande salto teórico, não deixa de ser verdade que as duas posições consideram que em 1878 e 1881 existiria algo absolutamente inédito no pensamento de Marx e até mesmo que nessas duas cartas teria se distanciado do próprio *O Capital*.

Tudo isso exposto, o objetivo deste trabalho é mergulhar nesses últimos textos de Marx sobre a Rússia, avaliando qual era efetivamente a posição expressa pelo autor nesses escritos, de modo a verificar se podemos de fato ver neles a instauração de um novo momento no pensamento de Marx. Buscamos também analisar esses textos dentro do debate russo sobre uma revolução futura e sobre a comunidade agrícola russa, a fim de delinear o contexto no qual se inseriam e o que Marx buscava a partir deles.

Tendo isso em vista, o primeiro capítulo deste trabalho (*O povo e sua vontade: o povo russo e as discussões sobre o futuro da comuna agrária*) se dedica a uma breve apresentação dos três principais grupos populistas revolucionários russos do fim da década de 1870 e dos primeiros anos da de 1880, esboçando as ideias centrais nas quais se baseavam e as principais discussões dentro do socialismo russo do momento. Trata-se, pois, de parte do esforço de compreender o contexto dentro do qual Marx escreveu os textos de 1878 e 1881, com quem o autor dialogava e quem seriam seus leitores, buscando auxiliar na explicação tanto da gênese desses escritos, como de sua função. Em seguida, no segundo capítulo (*Marx, os russos "and the road not taken": a carta ao comitê editorial da Otechestvennye zapiski*) passaremos à análise da carta de Marx para a edição da revista Notas Patrióticas, do começo de 1878, o primeiro texto em que Marx aborda propriamente os debates russos sobre o futuro do capitalismo na Rússia e sobre a possibilidade de a *obshchina* ter algum papel em um desenvolvimento socialista na Rússia. Ato contínuo, no terceiro capítulo (*A batalha das Fúrculas Caudinas do capitalismo: a carta a Vera Zasulich e seus rascunhos*) passaremos à correspondência entre Marx e Vera Zasulich, analisando separadamente a versão final da carta enviada à

Zasulich e os quatro esboços que o autor renano elaborou em seus trabalhos preparatórios.

***

Antes de prosseguirmos, alguns esclarecimentos são necessários. Em primeiro lugar, como o leitor notará, ao longo do texto não fazemos qualquer menção direta à Revolução Russa de 1917. Isso foi uma escolha deliberada. Em que pese o diálogo de Marx com os populistas russos possa lançar luz para o contexto revolucionário russo do século XX, optamos por focar nossa análise especificamente no contexto no qual o autor de *O Capital* se inseria. Dessa maneira, deixamos de lado os debates russos que se passaram após sua morte, com exceção daqueles nos quais Engels se inseriu diretamente e que dialogavam diretamente com as considerações marxianas sobre a questão da Rússia, isto é, o prefácio de 1894. Além de nos permitir desviar de algumas questões potencialmente pedregosas no tocante à Revolução de 1917, acreditamos que essa escolha é a mais adequada ao nosso objeto, dado que assim podemos dar a devida atenção às considerações propriamente marxianas sobre o debate populista das décadas de 1870 e 1880. Embora seja de extrema relevância relacionar essas discussões com os debates revolucionários do século XX, trazer questões da Revolução Russa de 1917 poderia facilmente turvar nossa análise com pontos que fogem do objeto tratado por Marx em 1878 e 1881.

Por demais, ao longo do texto, foram empregadas vários nomes e expressões transliterados/romanizados do russo original, como *obshchina, narodniki, krestyanskaya chern, muzhik*, dentre outras. Embora a regra da transliteração do do russo para o português até 2009 (NP 47:1961) seguia o padrão da regra internacional ISO 9, depois de 2009, quando a regra NP 47:1961 foi cancelada, a ABNT não sugere mais nenhuma regra oficial para a transliteração do cirílico para o português (Pinto & Salgado, 2017). Dessa forma, é possível encontrar várias grafias transliteradas possíveis para uma mesma palavra russa, uma vez que se costuma reproduzir a forma romanizada

para o inglês, que segue a regra ALA-LC para publicações americanas e para as britânicas posteriores a 1975 (Library of Congress, 2012).

Por exemplo, o sobrenome Чернышéвскй pode ser transliterado tanto como Chernyshevsky, segundo a ALA-LC, ou como Tchernyshevsky/ Tchernichevski e até mesmo como Tschernyschewski. De modo similar, община pode ser transliterado tanto como *obshchina,* como *obtchina* e como *obschina*. мужи́к pode aparecer tanto como *muzhik*, seguindo a transliteração para o inglês, quanto como *mujique*, segundo a transliteração espanhola, que segue a ISO 9. Народничество, o nome para o populismo russo, pode ser romanizado como *narodnichestvo* ou como. Como a maior parte das nossas fontes sobre o populismo russo foram em língua inglesa, empregamos algumas formas romanizadas do inglês segundo a regra da ALA-LC. Por isso, escrevemos Чернышéвский como Chernychevsky, segundo a ALA-LC, que utiliza -*ch* como a forma transliterada de Ч — embora em português o som de Ч seria mais expresso por -*tch* do que -*ch*[x]. Do mesmo modo, escrevemos община como *obshchina*, transliterando щ como -*shch*, ao invés de usar a grafia *obschina*, segundo a grafia da ISO 9.

[x] Assim, toda palavra que no original russo seja escrita com Ч deve ser lida com som de -*tch*, e não -*ch*. Por exemplo, ainda que escrevemos a versão romanizada de Отечественные записки como *Otechestvennye*, o som da segunda sílaba (чест) é mais próximo de -*tchest* do que -*chest*. Do mesmo modo, Наро́дничество é pronunciado como algo próximo de |*na-rod-ni-tchest-va*|, com a penúltima sílaba (чест) pronunciada como -*tchest*.

II. O povo e sua vontade: o populismo russo e o futuro da comuna agrária

O textos de Marx 1878 e 1881-82 sobre a Rússia não existem em um vácuo. Eles se inseriam num grande debate que ocorria entre os revolucionários russos a partir da década de 1870 acerca dos caminho de uma revolução na Rússia. Dentro desse debate, destacam-se os *narodniki*. Em razão disso, para que seja possível analisarmos propriamente os textos de Marx sobre a questão russa, portanto, torna-se necessário compreender o debate em que esses escritos se inseriam e as tendências com as quais dialogavam.

Considerando que populismo na Rússia possui uma história que pode ser traçada até o fim da década de 1840, optamos por restringir nossa exposição ao período entre 1870 até 1881, destacando três dos principais grupos relacionados ao *narodnichestvo* [populismo] e as ideias defendidas por eles, a saber, a segunda *Zemlia i volia* [Terra e Liberdade], a *Narodnaia volia* [Vontade do Povo] e a *Chernyi peredel* [Repartição Negra], os três principais grupos *narodniki* revolucionários no fim do século XIX[xi]. Estabelecemos esse recorte específico porque ele limita nosso tratamento aos atores mais relevantes para a análise dos textos dos anos 1870-80 escritos por Marx sobre a Rússia. Esses foram os grupos populistas mais relevantes naquele momento e representavam as principais ideias com as quais o autor de *O Capital* dialogava. Em função disso, não trataremos dessas organizações depois do assassinato do tsar em 1881 e tampouco abordaremos as polêmicas que Lenin travou com os populistas na década de 1890, uma vez que são discussões que fogem do escopo de contextualização do debate de Marx com os russos ao qual nos propomos aqui.

Sobre a denominação ‘populismo russo’ ou *narodnichestvo*, é necessária outra advertência — para além do que já mencionamos anteriormente sobre a imprecisão da tradução ‘populismo russo’/‘populistas

xi. Para compreender o contexto geral no qual esses grupos nasceram, *cf.* Venturi, 1960 e Siljak, 2013.

russos' para os nomes *Narodnichestvo* e *narodniki* (cf. Oittinen, 2023, p. 42). Em que pese a denominação *narodnik* ter surgido apenas na década de 1870 para se referir a organizações revolucionárias de tendências socialistas-populistas (Venturi, 1960, xxxiii)[xii], posteriormente passou-se também a tratar por *narodnik* grupos e escritores de antes da década de 1870, como Aleksandr Herzen e o próprio Nikolai Chernyshevsky, bem como os mais variados projetos políticos e correntes de pensamento, sendo possível se referir como *narodniki* grupos e autores liberais, anarquistas, socialistas e mesmo legalistas (Walicki, 1977, pp. 25-26). Nesse sentido, para os fins aqui propostos, estabelecemos a distinção de que, quando tratarmos dos *narodniks*, estaremos nos referindo especificamente aos populistas revolucionários das décadas de 1870 e 80, em especial aos militantes dos grupos supramencionados, deixando de lado as outras tendências também denominadas 'populistas'.

1. *Zemlia i volia*: uma nova geração revolucionária de volta de uma viagem em direção ao povo

Na segunda metade do século XIX, a Rússia abundava em energias revolucionárias e jovens entusiasmados pela perspectiva revolucionária de autores como Nikolai Chernyshevsky, Pyotr Lavrov e Mikhail Bakunin e Nikolai Dobrolyubov. Entretanto, até aproximadamente 1873-75, esse ânimo encontrava-se ainda muito disperso, apesar da existência de algumas iniciativas isoladas que tentaram transformá-lo em ação. Foi o caso da primeira *Zemlia i volia* (1861-62) da conspiração de Sergey Nechaev, a *Narodnaia rasprava* [Vingança do Povo], bem como do grupo Chaicovskista. Ainda que tenham tido uma influência inegável na história do movimento revolucionário russo do fim do século XIX, essas organizações não atraíram a mesma mobilização ou tiveram o mesmo impacto de seus sucessores, a segunda *Zemlia i volia* e a *Narodnaia volia*.

xii. Como Venturi explica, até 1870, que foi quando o movimento tornou-se organizado, não se falava em *narodnichestvo* ou em *narodniks*, mas comunistas, socialistas, radicais e em niilistas para tratar dos grupos e dos autores que depois passariam a ser agrupados como 'populistas' (Venturi, 1960, xxxii-xxxiii).

Se nos anos 1860 se formaram as bases do movimento revolucionário populista, foi apenas depois de 1873-74 que esse movimento se consolidou como uma grande força revolucionária efetiva na Rússia. Os anos 1873 e 1874 foram os da chamada 'ida ao povo', que foi o prelúdio das atividades dos *narodniks* nas décadas de 1870 e 1880. Inspirados por suas leituras do socialismo alemão e francês, assim como pelas ideias de autores como Bakunin, Chernyshevsky e Lavrov e movidos pelo apelo de N. Flerovsky para que "fossem ao povo", contar-lhes a verdade de que deveriam viver segundo a "lei da natureza" (Flerovsky *apud* Venturi, 1960, p. 498), no começo da década de 1870 um grupo de jovens *narodniks* convenceu-se de que era seu dever pregar a 'religião da igualdade' para o povo russo — o socialismo. Muitos desses jovens revolucionários populistas integraram o grupo Chaicovskista, e sua experiência no grupo os levou a concluir que que o melhor meio de fazer propaganda para o povo russo seria se se infiltrassem entre o povo, que integrassem suas vidas com a do russo comum (Venturi, 1960, p. 484). isso porque esses *narodniks* passaram a se indagar sobre como poderiam 'salvar o povo', falando-lhes sobre o socialismo, quando sequer realmente conheciam realmente esse povo. Falavam tanto das demandas do trabalhador russo e do sofrimento dos camponeses, mas nunca as escutaram as palavras vindas da própria boca desses trabalhadores. Como poderiam conhecer o trabalhador russo quando viviam tão isolados deles, nas cidades e nas universidades? Como falariam de seu sofrimento sem nunca terem conhecido um duro dia de trabalho no campo ou na fábrica (Venturi, 1960, p. 483)?

Em razão disso, no período entre 1873-1874, que ficou conhecido como a "ida ao povo", vários desses jovens decidiram se mudar para vilas camponesas e para centros industriais para viver e trabalhar com o povo russo no intuito de pregar o socialismo. A esses jovens juntaram-se muitos mais outros, sobretudo estudantes universitários de Moscou e São Petesburgo, que decidiram responder ao clamor dos *narodniks* de que era necessário 'ir até o povo'. Ainda que existisse clara influência de autores como Chernyshevsky, Flerovsky, Lavrov e Bakunin, esse movimento foi um de caráter marcadamente espontâneo, dado que não havia qualquer tipo de programa definido ou sequer

uma concordância geral sobre quais eram exatamente os objetivos dessa 'ida ao povo'. É possível, entretanto, identificar certa oposição subjacente ao liberalismo e o constitucionalismo que caracterizara a maior parte da *intelligentsia* russa na primeira metade do século XIX, na medida que, no espírito do populismo revolucionário dos anos 1860, consideravam que concessões políticas de talhe liberal por parte do regime tsarista iriam apenas prejudicar o potencial de um desenvolvimento socialista partindo das comunidades camponesas (Venturi, 1960, p. 485). Por demais, a influência do cristianismo nesse movimento era bastante forte, como o próprio N. Flerovsky não deixou de notar, comparando esses jovens com os primeiros cristãos (Flerovsky *apud* Venturi, 1960, p. 498). Eles possuíam também uma visão marcadamente romântica do camponês russo e da comuna agrária, acreditando que o comunismo era uma tendência natural do *muzhik,* de modo que não encontrariam obstáculos em sua tarefa de pregar-lhes sobre o socialismo.

Como ressaltado, muitos dos que se juntaram ao movimento eram estudantes universitários (incluindo a jovem Vera Zasulich), que, por serem em grande parte filhos da nobreza ou das classes médias urbanas, não só não tinham costume algum de conviver com a classe trabalhadora russa, mas também não estavam acostumados a dura vida de trabalho no campo ou nas fábricas. Isso explica como muitos desses jovens foram recebidos com desconfiança e reticência pelo povo, que rapidamente os percebiam como forasteiros, de modo que a "ida ao povo" foi repleta de vários episódios de marcante ingenuidade e estranheza. Mas, como sugere Venturi (1960, p. 502), não podemos nos distrair pela ingenuidade que caracterizou esse movimento e assim desconsiderar o impacto geral que os eventos de 1873-74 tiveram sobre o movimento revolucionário na Rússia. Isso porque, apesar de a maior parte de seus participantes não estarem prontos para a tarefa à qual se propuseram executar, esses *narodniks* puderam finalmente conhecer em primeira mão o povo russo, sua vida, sua miséria, suas percepções e suas demandas.

No que dizia respeito especificamente à *obshchina* [comuna agrícola russa], foi também possível aos *narodniks* observar com seus próprios olhos os impactos negativos que a reforma de 1861 produziu sobre as relações coletivistas na comuna agrária, sobretudo a alta carga tributária que caía sobre os camponeses e o surgimento dos *kulaks* ou *miroeds*, camponeses que enriqueciam por meio da usura às custas da *obshchina* e sob a proteção do Estado tsarista. Nada disso era exatamente uma novidade, pois autores como Flerovsky já vinham advertindo sobre a deterioração da situação dos camponeses russos e da comuna agrária em razão das reformas de Alexandre II desde 1869, com seu *Situação da classe trabalhadora na Rússia*. Contudo, a 'ida ao povo' permitiu a confirmação dessas advertências e a percepção de que a miséria do *muzhik* só aumentava. Isso influenciou diretamente organizações revolucionárias como a *Zemlia i volia* e depois a *Narodnaia volia*, que muito se guiariam pelas questões e demandas dos camponeses e pela convicção da necessidade de salvar a *obshchina*.

A mobilização e o entusiasmo que caracterizou a 'ida ao povo' foi sem precedentes na história russa e a tarefa de espalhar o socialismo sobretudo entre as classes trabalhadoras no campo foi realizada com certo grau de sucesso, ainda que o movimento tenha carecido enormemente de organização e coerência. Por exemplo, sabe-se que, entre 73 e 74, vários importantes centros de propaganda foram estabelecidos com sucesso em centros industriais em São Petesburgo, Moscou, Kiev e Odessa. Dado esse alcance, a 'ida ao povo' certamente não passaria despercebida do regime tsarista. Constam nos relatórios imperiais que cerca de 4000 pessoas foram investigadas pela Terceira Seção, 770 das quais foram julgadas e 265 presas (Venturi, 1960, p. 506). *En effet*, o trabalho da polícia tsarista não foi muito difícil, pois muitos dos jovens que participaram da 'ida ao povo' fizeram-no por conta própria ou com um pequeno grupo de amigos, sem grande organização, e não tomaram muitas precauções para evitarem a prisão. Como viam que tinham como dever dizer a verdade para o povo, não tomavam cuidado ao expor suas ideias, de modo que eram facilmente descobertos pelas autoridades locais (Venturi, 1960, p. 505). Isso acabou oferecendo uma

importante lição para os *narodniks*, a da necessidade de organizar-se como uma conspiração, pois seria impossível conseguir atuar na Rússia senão em segredo.

Munidos das lições de 73-74 e animados pelas rebeliões nos Balcãs do fim de 1874, entre 1874 e 1875 começou a se formar em São Petesburgo uma organização revolucionária que uniria em si algumas dessas várias correntes, fundindo essas 'energias' dispersas da juventude revolucionária russa: a segunda *Zemlia i volia*[xiii], criada por Mark Andreyevich Natanson, que foi também o criador do grupo Chaicovskista, e sua esposa, Olga Alexandrovna. Vários dos *zemlevoltsy* participaram ativamente do grupo Chaicovskista e também tomaram parte do movimento de 73-74, como, além de Natanson, Alexey Oboleshev, Sofia Perovskaya, Nikolai Morozov e Sergey Kravchinsky. Enquanto a primeira *Zemlia i volia*, que fora mais do que tudo um grupo de produção e discussão intelectual, nunca chegou a colocar efetivamente em prática seu programa, a *Zemlia i volia* da década de 1870 era uma organização revolucionária ativa e que teve grande impacto. Além de possuir um programa completo e prático, bem como um regulamento para seus membros, ela tomou parte ativa no movimento obreiro nascente, realizou demonstrações públicas e extensa propaganda no campo e na cidade, também tendo planejado e executado atos diretos contra o governo tsarista. Alguns outros membros notáveis do grupo foram Georg Plekhanov, Aleksandr Mikhailov, Adrian Mikhailov.

Segundo o primeiro programa dos zemlevoltsy, escrito em São Petesburgo por Oboleshev, a *Zemlia i volia* restringia seus objetivos àqueles possíveis no futuro mais imediato, que seriam justamente as reivindicações do próprio povo russo naquele dado momento. Essas exigências do povo foram resumidas em três pontos principais. Primeiramente, exigiam que fosse feita a transferência de todas as terras para a classe trabalhadora agrícola, dois terços das quais os *zemlevoltsy* estavam convencidos que seriam cultivadas na base da *obshchina*. Essas terras deveriam ser redistribuídas entre os camponeses

xiii. 'Terra e liberdade'.

em partes iguais. Em segundo lugar, que o Império Russo fosse fragmentado segundo a vontade do povo de cada região que o compunha, dando à cada um desses povos autonomia. Por último, que todas as funções sociais e administrativas fossem transferidas para as *obshchinas*, de modo que a lhes conferir autonomia administrativa. Sobre esse último ponto, o programa dos *zemlevoltsy* fazia questão de ressaltar que a organização estava ciente de que nem todas as *obshchinas* desejavam autonomia administrativa. Assim, os revolucionários ofereciam como solução que essas *obshchinas* se unissem e formassem um governo entre si (Venturi, 1960, p. 573-574). Esses eram os objetivos imediatos da *Zemlia i volia*, embora seja imperativo ressaltar que, como se tratava de um grupo populista revolucionário radical, o fim último da organização era a construção de uma sociedade russa socialista, ainda que nesse programa de 76 isso não estivesse colocado explicitamente. Note-se ainda como a ênfase do movimento aqui é colocada de forma predominante no campo e nas reivindicações dos camponeses, um aspecto bastante tributário da tradição populista da Rússia.

Para a realização desses objetivos, os *zemlevoltsy* não viam outro meio que não uma revolução violenta. Para preparar o caminho dessa revolução e para fazê-la eclodir, a *Zemlia i volia* propunha dois meios, a agitação, que serviria para organizar as forças revolucionárias e estimular no russo um ‘sentimento revolucionário’, e a desorganização do Estado, o que nos faz pensar no terrorismo político. Contudo, até 1877, o uso de meios terroristas não aparecia ainda no programa elaborado por Oboleshev, ao menos não da maneira proeminente como viria a ser nas propostas de Aleksandr Mikhailov e no programa que originaria a *Narodnaia volia* (Venturi, 1960, p. 574).

Nessa mesma época, alguns *zemlevoltsy* tiveram bastante sucesso em se inserir na vida das vilas camponesas, de modo que começavam a se formar importantes centros de atividade da *Zemlia i volia* nas comunidades rurais, os quais viriam a ser importantes canais de comunicação com os camponeses. Eles ofereciam serviços importantes para a vilas camponesas, atuando como médicos e professores, estabelecendo relações amigáveis e de cooperação

nas comunidades locais. Com o tempo, os médicos e professores *zemlevoltsy* se tornaram também referência para os camponeses contra os abusos por parte das autoridades legais, encorajando-os a resistência. Contudo, apesar do relativo sucesso em incentivar a agitação no campo, essas iniciativas logo encontravam um forte obstáculo nas autoridades locais, que eram desde os *kulaks* até a própria autoridade do tsar. Isso fez com que a discussão da luta política e da necessidade de atuação direta contra o Estado fosse levantada com cada vez mais força na *Zemlia i volia*. Assim, vários dos que atuaram nas colônias rurais da *Zemlia i volia* seriam os mesmos que, voltando para as cidades, levantariam a questão do terrorismo e, em 1879, desenvolveriam o programa que daria origem à *Zemlia i volia* (Venturi, 1960, pp. 575-577).

Grande exemplo disso foi Vera Figner, que foi membro de uma organização revolucionária adjacente à *Zemlia i volia* e participou ativamente na organização dessas colônias. Quando as discussões dentro da *Zemlia i volia* sobre a necessidade de uma luta sistemática contra o Estado conduziram à quebra da organização na *Narodnaia volia* e na *Chernyi peredel*, as experiências de Figner nas colônias rurais foram essenciais para fazê-la ficar do lado do programa terrorista da *Narodnaia volia*. Figner considerava que o despotismo tsarista e toda sua estrutura política era um dos maiores obstáculos para a realização das reivindicações do povo russo, de maneira que se convenceu que o primeiro passo deveria ser justamente uma revolução explosiva contra o Estado russo. Sua experiência nas colônias havia mostrado que, se em 1873 e 74 os populistas falharam por inexperiência e por ausência de um programa acessível ao povo ou que correspondesse às suas principais reivindicações, em 1877 as comunidades da *Zemlia i volia* haviam falhado porque não existia liberdade política na Rússia. Em 1877-78, os *narodniks,* agora mais mais experientes, não haviam superestimado o estado de preparação do povo para a revolução e dessa vez possuíam um programa que correspondia às demandas mais vitais do povo, mas mesmo assim haviam falhado. Como então deveriam proceder? Figner concluiu que a resposta estava na luta explosiva contra o tsarismo (Figner *apud* Venturi, 1960, p. 577). Entretanto, nem todos os populistas que atuaram nesses assentamentos

haviam chegado à mesma conclusão que Vera Figner e eles comporiam a oposição à *Narodnaia volia* [*Chernyi peredel*].

Na década de 1870, sobretudo depois da publicação da tradução russa de *O Capital*, existia entre os círculos revolucionários liberais e socialistas da Rússia uma forte discussão sobre se existiam no país condições para a implementação de um programa socialista. Alguns argumentavam que seria impossível o socialismo na Rússia, pois ela não era propriamente capitalista, inexistindo uma burguesia propriamente russa, ao menos no sentido europeu de uma classe burguesa. Segundo esses russos, o socialismo só era possível em um país no qual o capitalismo tivesse atingido um dado grau de desenvolvimento, o que certamente não era o caso russo em 1870, de maneira que o socialismo só seria uma possibilidade efetiva na Rússia caso a produção capitalista no país chegasse a um determinado grau de amadurecimento.

Muitos dos que defendiam essa posição se baseavam em suas leituras pessoais de *O Capital*, sobretudo na asserção de Marx de que o modo de produção capitalista colocava as bases para o desenvolvimento do socialismo, isto é, que criava as condições de sua própria superação. Por exemplo, no capítulo XXII do livro I, Marx escreve que

> como fanático da valorização do valor, o capitalista força inescrupulosamente a humanidade à produção pela produção e, consequentemente, a um desenvolvimento das forças produtivas sociais e à criação de condições materiais de produção que constituem as únicas bases reais possíveis de uma forma superior de sociedade, cujo princípio fundamental seja o pleno e livre desenvolvimento de cada indivíduo (Marx, 2017a, p. 667).

Do mesmo modo que a produção que existia na Europa antes do capitalismo havia criado os "meios materiais de sua própria destruição" (Marx, 2017a, p. 831), os meios materiais para a superação do capitalismo são também engendradas por ele, bem como as forças e paixões que conduzirão à sua destruição, as quais se "unem e se instruem pelo próprio mecanismo do processo de produção capitalista" (Marx, 2017a, p. 832).

Diante do fato de a Rússia mal possuir naquele momento uma produção capitalista propriamente desenvolvida, alguns leitores russos de Marx

concluíam que no país não estariam prontas ainda as condições de sua superação. Esses russos consideravam que essas condições só existiriam em um país onde as relações capitalistas tivessem atingido um alto grau de desenvolvimento e onde o "monopólio do capital" tivesse já se convertido "num entrave para o modo de produção que floresceu com ele e sob ele" (Marx, 2017a, p. 832), como era o caso da Inglaterra. Caso o objetivo fosse implementar na Rússia uma sociedade socialista, *a fortiori*, o que se deveria fazer era aguardar, pois ela só poderia ser palco de uma revolução socialista uma vez que nela tivesse amadurecido de forma suficiente a produção capitalista. Viam ainda mais provas para sua posição no uso que Marx fez do caso inglês na exposição do livro I de *O Capital*, o que esses russos acreditavam significar que a teoria marxiana seria aplicável somente à *Merry Old England* ou aos países que experimentaram desenvolvimento similar ao inglês. Marx mesmo não havia dito que "ainda que uma sociedade tenha descoberto a lei natural de seu desenvolvimento, ela não pode saltar suas fases naturais de desenvolvimento, nem suprimi-las por decreto" (Marx, 2017a, p. 79)? Se a sociedade comunista nasceria a partir da destruição da capitalista como uma fase superior do desenvolvimento humano, seria um desperdício de energias revolucionárias se dedicar à implementação de um programa socialista na Rússia, eis que ela sequer era ainda propriamente capitalista.

Para os populistas, entretanto, isso não era o caso, principalmente para os membros da *Zemlia i volia*. Contra os defensores da impossibilidade de um programa socialista para a Rússia, os populistas argumentavam que o capitalismo já era uma realidade no país, tendo sido a reforma de 1861, que pôs fim à servidão no país, o passo decisivo nesse sentido. Argumentavam também que o socialismo não seria uma possibilidade apenas em países com um dado grau de desenvolvimento capitalista. Nas publicações clandestinas da *Zemlia i volia*, os *zemlevoltsy* sustentavam ainda que eram os liberais, não os socialistas, que defendiam que o socialismo só seria possível na Rússia quando o capitalismo ali tivesse atingido seu ápice e que, não estando ainda a Rússia madura para isso, uma revolução socialista seria impossível. Em um dos artigos da revista, os *zemlevoltsy* indagavam: o que deveriam fazer os

socialistas? Trazer as condições econômicas que os 'liberais' diziam ser necessárias para que a Rússia pudesse se tornar socialista, fazendo o país passar de uma produção ainda predominantemente agrária e comunal para uma fabril capitalista? Os *zemlevoltsy* acreditavam que se deveria evitar que o capitalismo fixasse suas raízes de forma definitiva na Rússia e que a passagem direta para o socialismo seria possível. Observa-se aqui uma certa influência das ideias de Nikolai Chernyshevsky sobre os *zemlevoltsy*, que defendia também a passagem da Rússia para uma produção coletiva baseada na propriedade comunal sem que o capitalismo tivesse se consolidado no país.

Em *Uma crítica aos preconceitos filosóficos contra a propriedade comunal*, Chernyshevsky defende que a sobrevivência na Rússia de uma forma de propriedade primitiva como a *obshchina* oferecia aos russos uma oportunidade que a Europa Ocidental não possuía. Chernyshevsky argumenta que, embora a propriedade privada da terra tenha em algum momento oferecido vantagens tanto para o desenvolvimento agrícola, quanto para os produtores diretos, com o desenvolvimento da atividade industrial e comercial essas vantagens haviam sido completamente destruídas (Chernyshevsky, 2017, p. 265).

O autor argumentava então que, naquele momento, a propriedade comunal era "o único meio de dar à vasta maioria de agricultores uma parcela dos lucros que a terra venha a proporcionar como resultado de melhorias produzidas no trabalho feito nela" (Chernyshevsky, 2017, p. 266). Ela não apenas era a melhor forma de propriedade para o bem estar dos agricultores, mas para o próprio progresso da agricultura. Nesse sentido, enquanto no Ocidente as relações comunais da terra foram quase que completamente substituídas pela propriedade privada da terra, uma forma de propriedade que já não mais oferecia vantagens, na Rússia a propriedade comunal da terra sobrevivia ainda em larga escala, de modo que os russos teriam uma vantagem em relação aos seus primos ocidentais.

Entretanto, diferentemente dos autores eslavófilos das décadas anteriores, "adoradores exclusivos do caráter nacional russo" (Chernyshevsky,

2017, p. 261), Chernyshevsky não tratava a *obshchina* como "um objeto de orgulho mítico" (Chernyshevsky, 2017, p. 261), como algo que era uma peculiaridade inata dos povos eslávicos ou dos russos e que os tornaria superiores de alguma forma. O autor ressalta que a forma da propriedade comunal que ainda existia na Rússia naquele momento era um aspecto comum à história de vários povos, existindo registro de formas comunais entre os alemães, os franceses, os ingleses e os italianos. Dessa maneira, a *obshchina* não deveria ser encarada como "um aspecto inato", peculiar dos russos (Chernyshevsky, 2017, p. 261), eis que era uma forma comum a vários povos em um dado momento de seu desenvolvimento ao longo da história.

Ademais, Chernyshevsky dizia que a sobrevivência dessa forma primitiva não deveria ser causa de orgulho nacional entre os russos, eis que apenas seria uma evidência de que viviam mais devagar do que os povos entre os quais essa forma não mais existia (Chernyshevsky, 2017, p. 261). Ou seja, ele rejeita que a comuna agrária fosse usada como símbolo de orgulho nacional ou para defender a superioridade dos russos, pois além de não se tratar de uma forma de relação com a terra exclusiva à Rússia, era acidental o fato de que ela ainda existia ali no século XIX, ao passo que na Europa já havia desaparecido.

Mas como ressalta o autor populista, isso tampouco significava que, por se tratar de uma forma primitiva de propriedade da terra, a *obshchina* deveria desaparecer como ocorreu na Europa ocidental. Ele rejeita a aversão que naquela época alguns expressavam em relação a essa forma de propriedade da terra em razão de seu caráter arcaico, dado que Chernyshevsky considerava que não se baseariam "em fatos ou ideias especificamente relacionadas ao objeto em questão, mas em concepções morais e filosóficas gerais sobre a vida", movidos apenas por preconceitos em relação à comuna agrária russa (Chernyshevsky, 2017, p. 263). O autor afirma não possuir fôlego a contestação de que "a propriedade comunal é uma forma primitiva, enquanto a propriedade privada da terra aparece mais tarde e é, portanto, uma forma superior de relação com a terra" (Chernyshevsky, 2017, p.

268), o que seria usado contra a ideia de que a *obshchina* deveria ser mantida na Rússia. A isso, Chernyshevsky responde que “precisamente porque a propriedade comunal é uma forma primitiva, deve-se considerar que é impossível conduzir a uma forma superior de desenvolvimento de relações com a terra sem essa primeira forma” (Chernyshevsky, 2017, p. 269). Não há, pois, em Chernyshevsky a romantização da comuna agrícola que caracterizava outros autores do *narodnichestvo*, uma vez que ele reconhecia o baixo desenvolvimento de forças produtivas na *obshchina*.

Segundo o autor, “a história, como uma avó, adora seus jovens netos. *Tarde venientibus* [aos recém-chegados] ela não dá *ossa* [ossos], mas *medullam ossium* [medula óssea] para romper enquanto a Europa Ocidental feriu dolorosamente seus dedos” (Chernyshevsky, 2017, p. 266). Com isso, Chernyshevsky queria dizer que graças ao seu atraso, a Rússia poderia chegar a um estágio de desenvolvimento mais avançado (socialismo), baseado na propriedade comunal da terra, aprendendo com todas as lições que a mais avançada Europa ocidental havia aprendido ao longo de sua história, o que se refere não apenas a todos os avanços que haviam produzido nos últimos séculos, mas também as vicissitudes que seu desenvolvimento havia engendrado, a “taça amarga que outros beberam” (Chernyshevsky, 2017, p. 269). Os russos poderiam mais facilmente comer o tutano macio, sem precisar ferir os dedos quebrando os ossos como foram obrigados a fazer seus irmãos mais velhos, os europeus.

A aqueles que questionassem essa possibilidade de a atrasada *Matushka Rossiya* [Mãe Rússia] chegar mais rapidamente a uma forma de sociedade mais avançada do que seus vizinhos mais desenvolvidos, alegando uma suposta ‘inevitabilidade histórica' que tornaria forçoso que os russos “por mil anos” (Chernyshevsky, 2017, p. 269) bebessem da mesma taça amarga que a Europa ocidental, Chernyshevsky perguntava: “mas […] isso já foi consumido por outros, por que nós devemos beber?” (Chernyshevsky, 2017, p. 269). O autor continua, “a experiência deles nos instruiu, e seus bons serviços nos ajudam a preparar uma nova bebida, mais gostosa e saudável”

(Chernyshevsky, 2017, pp. 269-270). Ou seja, com o aprendizado oferecido pela experiência amarga do capitalismo na Europa os russos poderiam construir uma nova sociedade que garantisse o bem estar geral e o progresso humano. Afinal, não viviam também os russos na Europa? “Toda boa realização de qualquer povo avançado já está, assim, em três quartas partes à nossa disposição”, diz Chernyshevsky (2017, p. 270). Todas as conquistas positivas com as quais o capitalismo enriqueceu a Europa ocidental estavam disponíveis aos russos, assim como as lições que os europeus do oeste haviam aprendido. Que a história da Europa ocidental servisse de professora dos russos.

Percebe-se, pois, como os *zemlevoltsy* (e depois deles, os *narodovoltsy*) foram inspirados por essas ideias, defendendo também que era possível que a Rússia evitasse de um só golpe a consolidação do capitalismo e todos os males que o acompanham, e criar uma nova sociedade socialista baseada na *obshchina* enquanto unidade administrativa e econômica. Havia, portanto, grande foco de suas energias e esforços no campo russo e no *mir*, justamente porque consideravam que a *obshchina* teria importante papel na sociedade pós-revolucionária. Mas, ainda que existisse no programa da *Zemlia i volia* um grande foco na questão dos camponeses e da *obshchina*, os *zemlevoltsy* atuavam também nos centros urbanos, onde já ocorria uma considerável movimentação organizada entre os trabalhadores industriais. No campo, ainda não havia um movimento camponês organizado, de modo que a ação dos *zemlevoltsy* deveria ser sobretudo de iniciar o trabalho de organização dos *muzhiks*. Mas diferentemente da ‘ida ao povo’ de 73 e 74, na *Zemlia i volia* os revolucionários atuariam no campo com mais paciência e cuidado, sabendo que sua tarefa não seria de fruto imediato. Algumas das ‘colônias’ dos *zemlevoltsy* tiveram relativo sucesso, mas encontravam cada vez mais obstáculos na nobreza e no Estado (Venturi, 1960, pp. 575-576).

À medida que encontravam no Estado cada vez mais obstáculos para suas atividades revolucionárias, entre alguns dos membros da *Zemlia i volia* surgia a convicção cada vez mais forte de que abordar a questão do Estado e da política era uma necessidade premente e cada vez mais se aproximavam da

conclusão de que lutar diretamente contra o Estado era inevitável. Para esses *zemlevoltsy*, era essencial atuar diretamente e mediante a violência, inclusive porque a própria atuação dos revolucionários contra a miséria do povo encontrava a todo tempo obstáculos políticos e legais. As ondas de prisões dos revolucionários ocorridas entre 1876 e 1877 e os julgamentos públicos de 1877 em são Petesburgo só reforçaram essa convicção, atraindo cada vez mais os olhos do movimento revolucionário russo para a sede do poder estatal russo e para a indispensabilidade de combate direto com o tsarismo (Venturi, 1960, p. 577).

Ademais, os julgamentos públicos de 1877 tiveram um profundo impacto no público russo. Ao julgar publicamente os revolucionários populistas, as autoridades russas pretendiam manipular a opinião pública contra os movimentos socialistas e anarquistas. Todavia, os julgamentos de 1877 provocaram o efeito contrário, atraindo a simpatia do povo russo para os revolucionários e sua causa. Os jovens *narodniks* aproveitavam o banco de réu para fazerem longos e comoventes discursos para o público sobre o socialismo populista, discursos que inclusive eram divulgados pela *Zemlia i volia* em publicações clandestinas para expandir seu alcance. O julgamento de 193 rebeldes em outubro de 1877 e janeiro de 1878 foram igualmente desastrosos para o Estado russo, pois apenas atraiu ainda mais a atenção positiva do povo russo para o movimento dos populistas revolucionários. A reação do público diante dos *narodniki* revolucionários apenas fortalecia o movimento e os ensinava novas táticas de agitação popular. Ao mesmo tempo que essas várias prisões e condenações afinaram as fileiras da *Zemlia i volia*, elas também fortaleceram o espírito do movimento populista revolucionário, bem como a convicção da imprescindibilidade de uma ação organizada e violenta contra o Estado (Venturi, 1960, pp. 585-587; Siljak, 2013, p. 244-248). A propaganda foi substituída por organização e a agitação, por terrorismo (Venturi, 1960, p. 587).

Mas o grande catalisador do movimento terrorista que marcaria a Rússia até 1881 ocorreu em 24 de janeiro de 1878, quando Vera Zasulich atirou contra o prefeito de São Petesburgo, o general Fyodor Trepov. Zasulich,

fruto da união de um capitão do exército com uma filha da aristocracia rural russa, decidira assassinar o prefeito pelo brutal açoitamento de Arkhip Bogolyubov, um jovem prisioneiro político, ordenado por Trepov no dia 13 de junho de 1877 no Centro de Detenção Preliminar. Bogolyubov fora detido durante uma manifestação de operários organizada pelos *zemlevoltsy* ocorrida em dezembro de 1876 na Praça de Nossa Senhora de Kazan[xiv] (Venturi, 1960, p. 586).

No dia 13 de junho de 1877, enquanto visitava o Centro de Detenção Preliminar, o prefeito Trepov ordenou o açoitamento de Bogolyubov sem qualquer prerrogativa, causando um motim entre os prisioneiros. Essa revolta escorreu para fora dos muros do centro de detenção, quando as notícias do açoitamento arbitrário de Bogolyubov vieram a público e vários revolucionários chegaram à conclusão de que Trepov deveria morrer pelo que fizera. Mas seria Vera Zasulich quem executaria a sentença de Trepov, acendendo uma fagulha entre os revolucionários populistas (Siljak, 2013, p. 262).

Embora fosse ativa nos círculos revolucionários desde o fim da década de 1860, tendo sido presa e exilada pela sua atuação com o grupo de Nechaev, Vera Zasulich nunca participou da *Zemlia i volia*, mas seu ato naquela tarde de janeiro de 1878 foi decisivo no movimento populista revolucionário no fim da década de 1870. Não apenas Vera fora bem sucedida em dar um tiro no prefeito de São Petesburgo, mas ela fora absolvida pelo júri, mesmo que tenha se declarado culpada (Siljak, 2013, p. 301). O atentado e o julgamento foram o grande gatilho da onda de atos terroristas que culminaria no assassinato do tsar Alexandre II em 1881.

A partir daí, os revolucionários da *Zemlia i volia* passaram a colocar de forma definitiva o terrorismo como uma questão central para a organização e, em 1878, a *Zemlia i volia* se tornou o inquestionável centro das atividades dos populistas revolucionários. A eliminação das personalidades mais perigosas ou de maior autoridade do governo tornou-se a nova arma dos *zemlevoltsy*. ‘Uma

xiv. Essa manifestação contou com a presença de um jovem Georg Plekhanov, então membro da *Zemlia i volia*, o qual também foi preso por sua participação.

morte por uma morte', dizia o panfleto de Sergei Kravchinskii, que junto de Aleksandr Mikhailov e outros membros da *Zemlia i volia* orquestraram o assassinato do general Mezenstev, que seria levado a cabo em agosto de 1878 por Kravchinskii. Por meio desses assassinatos, pretendiam dar fim à velha ordem política para que pudessem dar início a uma nova ordem. Entretanto, colocavam-se como socialistas, não como liberais, e a morte do despotismo não era seu objetivo último, mas sim "destruir o sistema econômico existente e erradicar a desigualdade econômica" (Kravchinskii *apud* Siljak, 2013, p. 318).

Em fevereiro de 1879, Alexander Solovev, um dos *zemlevoltsy* que defendiam o uso sistemático do terrorismo contra o Estado tsarista como arma revolucionária, decidiu assassinar o tsar. Embora essa resolução tenha vindo exclusivamente de Solovev, o núcleo terrorista da organização acabaria endossando totalmente sua decisão, com destaque para Alexander Mikhailov. Contudo, esse apoio não era unânime dentro da *Zemlia i volia*. Quando convocados em uma reunião interna da organização, Mikhail Popov e Georg Plekhanov levantaram forte oposição à ideia de assassinar o tsar naquele momento, considerando que atentar contra a vida do tsar traria mais mal do que bem para as atividades revolucionárias. No fim, os *zemlevoltsy* chegaram a uma espécie de consenso, mas a partir daí, as distensões que ainda naquele mesmo ano gerariam uma cisão da *Zemlia i volia* foram se tornando cada vez mais evidentes (Venturi, 1960, p. 631).

A tentativa de Solovev contra o tsar acabou falhando e o revolucionário foi preso e executado. Depois de Solovev, três outros *zemlevoltsy* atentaram contra a vida de Alexandre II, mas eles também falharam e foram condenados a subir no cadafalso. Iniciou-se então mais uma onda de repressão na Rússia, levando à forca muitos membros da *Zemlia i volia*. Em meio a isso, a *Zemlia i volia* passaria por uma grande reestruturação entre abril e agosto de 1879, e em agosto a organização se dividiria em duas: *Narodnaia volia* e *Chernyi peredel*. O que conduziu à cisão da *Zemlia i volia* foi a discussão em torno do uso do terrorismo como arma revolucionária, dado que nem todos os *zemlevoltsy* consideravam que esse seria o melhor meio para os fins dos

populistas socialistas. Depois de semanas de discussões entre os *zemlevoltsy* sobre o terrorismo como arma revolucionária, bem como sobre a organização do grupo, em 26 de agosto de 1879, o recém-formado comitê executivo sentenciou formalmente o tsar Alexandre II a morte — com isso, nasceu a *Narodnaia volia* (Rubel, 1947, p. 2).

2. *Narodnaia volia*: o terror como veículo da Vontade do Povo

A seção da *Zemlia i volia* que formou a *Narodnaia volia* era composta principalmente pelo núcleo terrorista dos *zemlevoltsy*, com destaque para Nikolai Morozov, Aleksander Mikhailov, Nikolai Kibalchich, Vera e Evgenia Figner, Sofia Perovskaya e seu marido, Andrei Zhelyabov. O programa da *Narodnaia volia* buscava uma síntese entre uma conspiração armada, a luta política contra o Estado tsarista e uma revolução social do povo contra as classes dominantes. Seus membros haviam chegado à conclusão de que a derrubada do despotismo do tsar era *conditio sine qua non* para as tarefas sociais às quais se dedicavam os populistas socialistas. Ou seja, os *narodovoltsy* consideravam imperativo continuar aquilo que Solovev havia iniciado em fevereiro: aniquilar o núcleo do tsarismo e destruir o despotismo na Rússia. Para eles, o passo crucial para a derrubada do despotismo seria justamente a morte do tsar Alexandre II, a qual deveria se dar o quanto antes.

Além de se dedicarem às atividades de propaganda e agitação, os *narodovolsty* colocavam grande ênfase na necessidade do uso do terrorismo como uma arma revolucionária, por meio da qual eliminariam as "personalidades mais atrozes do regime" (*Narodnaia volia,* 2017, p. 295), com destaque para o tsar, a cabeça coroada da brutalidade estatal. Conforme postulado no programa da organização, o objetivo do terrorismo era "destruir a aura do poder governamental e oferecer prova constante da possibilidade de luta contra o regime, com o objetivo de estimular o espírito revolucionário do povo e a crença no sucesso da causa; e finalmente criar forças prontas e acostumadas para a luta armada" (*Narodnaia volia,* 2017, p. 295). Estavam convencidos de que "uma série de ataques terroristas executados com

habilidade e simultaneamente, matando dez ou quinze pilares do atual regime, pode jogá-lo em pânico, destruir sua unidade de ação e, ao mesmo tempo, levantar as massas populares" (*Narodnaia volia In.* Shanin, 2017, pp. 313-314). O terrorismo era, portanto, para os *narodovolsty*, um instrumento fundamental por permitir desequilibrar e desestruturar o Estado russo o suficiente para destruí-lo, bem como porque serviria de ignição para uma revolução política do povo contra o Estado, por meio da qual se iria "transferir o poder para o povo" (*Narodnaia volia,* 2017, p. 293).

Os membros da *Narodnaia volia* consideravam que o primeiro passo para a realização de um programa socialista na Rússia era destruir o Estado tsarista, de maneira que davam grande ênfase ao aspecto político da luta, mas sem se limitar a ela. Como expressa Kibalchich em um editorial da revista clandestina da *Narodnaia volia*, "o peso constante do sistema político impede a reorganização econômica, jurídica e política que inevitavelmente aconteceria se esse sistema estivesse para desmoronar e a iniciativa revolucionária do povo pudesse se manifestar livremente" (Kibalchich, 2017, p. 303). Esses revolucionários ressaltavam que, além de constituir-se como o principal empecilho às atividades revolucionárias populistas, graças à política de repressão e à inexistência de direitos políticos, o Estado russo se consolidava como o maior propulsor do capitalismo no país, de maneira que era uma tarefa urgente derrubá-lo. Os *narodovoltsy* viam no Estado russo "a maior força capitalista" no país, além de ser o "único opressor político do povo" e "que só graças a isso podem existir opressores menores" (*Narodnaia volia,* 2017, p. 293). Como se lê em um de seus editoriais, os *narodovoltsy* consideravam que "a fonte direta da miséria, servidão e destituição populares é o Estado. […] Então, para fazer qualquer coisa pelo povo, é necessário, primeiro de tudo, libertá-lo desse regime" (*Narodnaia volia,* 2017, p. 311). Dito de outro modo, o primeiro passo para a realização do programa socialista populista assumia caráter político.

Desde a reforma de 1861, quando teve fim a servidão, o Estado impulsionava o desenvolvimento capitalista na Rússia e a dissolução das terras

camponesas comunais. E isso tudo era feito às custas dos camponeses. Da superexploração do *mir*, que servia ao Estado apenas para "fornecer recrutas, recolher impostos, recuperar as quantias não pagas, enviar contribuições em espécie" (*Narodnaia volia,* 2017, p. 308), nasceu o *kulak*, pois "no seu meio, não há alternativa para um homem inteligente, enérgico, que sente a necessidade de uma vida privada: ele deve ou sucumbir junto ao *mir* ou tornar-se um predador" (*Narodnaia volia,* 2017, p. 309). Em outras palavras, ou *muzhik* explorado sucumbia com o *mir*, ou se juntava aos seus exploradores, passando ele mesmo a explorar outros camponeses por meio da usura ou do comércio, tornando-se *kulak* ou *miroed*.

Em um texto publicado na revista do partido, N. Kibalchich asseverava que o Estado russo e suas instituições, além de exercer uma influência "destrutiva e desmoralizante" (Kibalchich, 2017, p. 303) sobre as instituições sociais populares, oferecia proteção ativa "aos endinheirados" (Kibalchich, 2017, p. 303) e extraía "centenas de milhões […] das carteiras do povo" (Kibalchich, 2017, p. 303) para entregar à burguesia emergente na Rússia. E "para manter esse sistema monstruoso de polícia e *kulaks*, tem que devorar tal quantidade de produtos do trabalho popular e tudo o que resta para o povo é morrer de fome, tornar-se necessitado e perecer" (Kibalchich, 2017, p. 303). Apontavam ainda como uma classe burguesa nascia na Rússia abrigada sob as asas da mãe ganso tsarista, na qual essa burguesia encontrava seu maior suporte e aliado. O Estado russo "amamentava a burguesia com o sangue do *muzhik*" (Tvardovskaia, 1978, p. 62). Além de adotar medidas protecionistas em prol da indústria nacional, atuava diretamente na criação e no desenvolvimento das ferrovias, das indústrias têxteis e das indústrias de açúcar na Rússia (Tvardovskaia, 1978, pp. 62-63). Para os *narodovoltsy*, "a ternura paternal do regime para com a burguesia é algo que não precisa de provas, precisa ser apenas apontado" (*Narodnaia volia,* 2017, p. 310).

Assim, os *narodovoltsy* afirmavam que a burguesia na Rússia havia nascido "favorecida por todas as condições de nossa vida", bem como "sob as asas do regime" (*Narodnaia volia,* 2017, p. 306). Embora vissem a burguesia

russa apenas como “uma classe de bandidos carente de toda coesão” e que não possuía “nem uma consciência de classe, nem uma concepção de mundo, nem uma solidariedade de classe” (*Narodnaia volia,* 2017, p. 306), os *narodovoltsy* sabiam que essa fragilidade e dependência da classe burguesa era apenas passageira. Logo aquele filhote oportunista cresceria também garras e presas. Isso foi colocado de forma clara pela *Narodnaia volia*, no qual se lia que

> […] nosso burguês não é um membro de uma camada social, mas apenas um predador isolado, inteligente e inescrupuloso nos seus métodos […]. Sem dúvida, esse é um fenômeno temporário, nascido apenas do fato de ser o nosso burguês um recém-chegado no mundo. Logo, bem logo, ele irá legalizar sua posição: algumas poucas gerações e veremos um burguês genuíno em nosso país […] mas apenas no caso de que uma derrota geral do Estado e de suas relações sociais não corte as raízes da burguesia (*Narodnaia volia,* 2017, p. 307)

Caso as condições na Rússia se mantivessem como elas estavam, a burguesia logo adquiriria força social suficiente não apenas para exercer seu domínio absoluto sobre o povo, mas também sobre o próprio Estado que a havia aninhado em seus braços maternais. Em função disso, concluíam que ação explosiva contra o Estado era imperativa, pois o burguês russo não se tornaria um ‘burguês genuíno’ “apenas no caso de que uma derrota geral do Estado e de suas relações não corte as raízes da burguesia” (*Narodnaia volia,* 2017, p. 307). Portanto, era necessário destruir o despotismo tsarista antes que a burguesia se consolidasse enquanto classe na Rússia e se tornasse capaz tanto de apoiar o Estado contra uma revolução, quanto de tomar para si mesma o poder político[xv].

xv. Aqui fazemos uma grande simplificação da questão, na medida que não havia exatamente uma posição única dentro do narodnichestvo acerca do desenvolvimento capitalista na Rússia, o que acabava refletindo nas posições da *Narodnaia volia*, que por vezes parecia não muito coesa. A tese da artificialidade do capitalismo na Rússia e da impossibilidade de seu desenvolvimento no país para além do momento da expropriação dos produtores era popular entre os *narodnikis*, inclusive dentro da *Narodnaia volia*, como é possível de se extrair em algumas das publicações do grupo. Plekhanov também se dedicou ao combate contra essas posições e o próprio Engels debateu com Danielson sobre elas em sua correspondência na década de 1890 (*cf.* Danielson et. al, 1981). Essas posições ainda eram fortes no fim da década de 1890, fazendo com que Lenin dedicasse uma porção de seu *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* à refutação da argumentação tecida por populistas como V. Voronstov e Nikolai Danielson acerca da impossibilidade do capitalismo russo (*cf.* Lenin, 1982).

Os *narodovoltsy* apontavam que, caso a burguesia assumisse totalmente o controle do Estado, seria inútil esperar que ela lutasse por liberdade como fizera a burguesia europeia nos séculos anteriores. A burguesia na Rússia não teria razão alguma para conduzir as reformas que a burguesia europeia fez, pois na Rússia o programa já havia sido realizado sem a necessidade de revolução política alguma: força de trabalho barata e abundante para comprar, graças à ruína das comunas agrárias e dos camponeses nos anos subsequentes à abolição da servidão, e a liberdade para explorar o povo como desejasse, graças ao apoio do Estado russo (Venturi, 1960, p. 623). Por que ela se arriscaria a dar ao povo russo a mais mísera liberdade política? Os *narodovoltsy* pontificavam que, quando ela assumisse o poder, a burguesia apenas implementaria meios de repressão mais eficientes que os do tsar. A revolução burguesa só trocaria a mão que segura o *knout*[xvi].

Nesse sentido, além das tarefas às quais se dedicavam os partidos socialistas na Europa, os *narodovoltsy* concluíam que lhes caberia também realizar as tarefas que foram tradicionalmente desempenhadas pela burguesia europeia, isto é, de conduzir uma revolução política contra o absolutismo (Kibalchich, 2017, p. 297). Como escreveu Kibalchich, “junto com a nossa tarefa básica […], devemos também assumir o trabalho de destruir um sistema de despotismo político, algo que em todos os outros lugares na Europa foi realizado muito tempo atrás […] por partidos burgueses” (Kibalchich, 2017, p. 297). Repare-se ainda que os *narodovolsty* colocavam que seus objetivos passariam por uma tarefa política, a causa pela qual lutavam não parava na conquista de direitos políticos. Nas palavras de N. Kibalchich, “a luta política contra o Estado não é um elemento estranho em nossa atividade como partido socialista, mas, ao contrário, uma maneira potente de trazer a revolução econômica (ou ao menos a a agrária) mais perto” (Kibalchich, 2017, p. 296). O objetivo dos *narodovolsty* era, pois, uma revolução social por meio da qual se

xvi. O кнут (*knout* ou *knut*) era um tipo de chicote russo.

reorganizaria a sociedade russa conforme princípios socialistas. A revolução política contra o Estado russo era a condição para que isso fosse possível.

Derrubado o poder despótico do Estado, os *narodovolsty* pretendiam então transferir o poder político para as mãos do povo, considerando que a vontade popular seria "expressa adequadamente e legalizada, de acordo com as instruções dos votantes, em uma Assembleia Constituinte, eleita livremente por sufrágio universal" (*Narodnaia volia,* 2017, p. 293). A partir daí, o desenvolvimento do povo russo seria "independente, de acordo com seus próprios desejos e inclinações" (*Narodnaia volia,* 2017, p. 293), sendo que os *narodovoltsy* acreditavam que o povo russo possuísse inclinações revolucionárias e socialistas por natureza. Os *narodovoltsy* colocavam também que, depois que tivessem transferido ao povo o poder político, os revolucionários da Vontade de Povo se submeteriam "inteiramente à vontade popular" (*Narodnaia volia,* 2017, p. 294), de maneira que pretendiam constituir-se como partido e defender um programa socialista nas eleições. Desse modo, é pertinente notar que, ainda que colocasse para si um papel de vanguarda na derrubada do tsarismo, a *Narodnaia volia* não propunha a tomada do poder político enquanto um partido que se constituiria então como governo, propondo, ao invés disso, que se formasse uma Constituinte. É interessante notar ainda que os *narodovoltsy* não consideravam essa forma constitucional a mais adequada para expressar a vontade popular, mas a viam como o meio possível naquele momento na realidade russa (*Narodnaia volia,* 2017, p. 293).

Nessa sociedade pós-revolucionária, os *narodovoltsy* consideravam que a *obshchina* teria papel central na reorganização da Rússia, servindo de unidade econômica e administrativa (*Narodnaia volia,* 2017, p. 294). Defendiam um "governo autônomo provincial garantido por eleição para todos os postos administrativos" e "autonomia das comunas camponesas (*mir*) e independência econômica do povo" (*Narodnaia volia,* 2017, p. 294). Novamente, é possível perceber aqui a influência das ideias de Chernyshevsky, ainda que nesse ponto bastante indireta, dada a ênfase da *obshchina* como base para a reorganização da sociedade russa pós-revolucionária.

Com relação à dicotomia de uma revolução política ou social, a posição da *Narodnaia volia* poderia então ser resumida da seguinte maneira: “que nem a revolução econômica pode ser realizada sem certas mudanças políticas, nem instituições políticas podem ser estabelecidas sem certa preparação histórica na esfera econômica” (Kibalchich, 2017, p. 299). Com essa concepção, os membros da *Narodnaia volia* se opunham a duas posições que existiam dentro do populismo como um todo. Primeiramente, a posição dos ‘jacobinos’, que tinham em Pyotr Tkachev e no seu jornal, *Nabat*, sua expressão intelectual mais relevante. Esses jacobinos russos defendiam que o papel dos revolucionários populistas seria de assumir o poder do Estado e decretar uma revolução política e social, introduzindo de cima as transformações econômicas e sociais conforme princípios socialistas e tudo isso sem a participação do povo. Os *narodovoltsy* ressaltavam que esses jacobinos atribuíam importância demasiada às formas políticas, com uma fé cega na possibilidade de se introduzir o socialismo de cima, por ordem da autoridade estatal.

Do outro lado, estava a posição de seus ex-camaradas *zemlevoltsy*, os membros da *Chernyi peredel*. Para os socialistas *chernoperedeltsy*, o fator político teria pouca relevância sobre as relações econômicas, seja no sentido de uma influência positiva ou negativa. Nesse sentido, direcionar as energia revolucionárias para lutas de cunho político não apenas seria inútil, mas até mesmo potencialmente perigoso para a atividade dos socialistas. Conforme traz Kibalchich, alguns partidários dessa segunda opinião baseavam-se em como Marx havia demonstrado em *O Capital* que as relações econômicas são a base sobre as quais se erguem as demais relações e estruturas sociais, como a política e o direito e a revolução, extraindo erroneamente daí a conclusão de que revoluções políticas não teriam nenhum impacto sobre relações econômicas.

Entretanto, como Kibalchich ressalta em seu texto, o próprio Marx não concordaria com a ideia de que a luta política não produziria impacto algum sobre as relações econômicas. Kibalchich aponta isso com base em um trecho de *Guerra Civil na França* no qual Marx afirma que na Comuna Paris

descobriu-se qual seria a forma política sob a qual se poderia dar a emancipação do trabalho, o que, segundo Kibalchich, evidenciaria que o autor de *O Capital* não desconsiderava a influência da política sobre a economia (Kibalchich, 2017, p. 299-300)[xvii]. Dito de outro modo, comprovava que Marx de modo algum tinha por irrelevante a forma política no que dizia respeito a transformações das relações sociais, ao contrário do que supunham os *chernoperedeltsy*. Pelo contrário, a tarefa de operar a emancipação social sob a forma política da Comuna de Paris de modo algum seria a mesma que realizar essa emancipação sob a forma do Estado tsarista. Negar que a revolução social era o único meio para a transformação radical das relações sociais não era o mesmo que negar relevância às formas políticas. Em virtude disso, a *Narodnaia volia* não estaria lutando contra moinhos de vento em seu combate terrorista contra o Estado tsarista. Utilizando das palavras de Marx, pode-se dizer que aquilo que os *narodovoltsy* buscavam com a luta política não era eliminar "a luta de classes, através da qual as classes trabalhadoras realizam a abolição de todas as classes e, portanto, de toda [dominação de] classe" (Marx, 2011b, p. 131), mas criar na Rússia "meio racional em que essa luta de classe pode percorrer suas diferentes fases da maneira mais racional e humana possível" (Marx, 2011b, p. 131).

A *Narodnaia volia* teve um período de atuação intensa entre o fim de 1879 e março de 1881, quando a organização atinge o clímax de suas atividades. Depois de três tentativas fracassadas contra a vida de Alexandre II, no dia primeiro de março de 1881, os *narodovoltsy* enfim alcançaram seu

xvii. Kibalchich alude ao seguinte trecho: "tal é a Comuna – a forma política da emancipação social, da libertação do trabalho da usurpação dos monopolistas dos meios de trabalho, sejam estes meios criados pelos próprios trabalhadores ou dados pela natureza. Assim como a máquina e o parlamentarismo estatal não são a vida real das classes dominantes, mas apenas os órgãos gerais organizados de sua dominação – as garantias, formas e expressões políticas da velha ordem das coisas –, assim também a Comuna não consiste no movimento social da classe trabalhadora e, portanto, no movimento de uma regeneração geral do gênero humano, mas sim nos meios organizados de ação. A Comuna não elimina a luta de classes, através da qual as classes trabalhadoras realizam a abolição de todas as classes e, portanto, de toda [dominação de] classe (porque ela não representa um interesse particular, mas a liberação do "trabalho", isto é, a condição fundamental e natural da vida individual e social que apenas mediante usurpação, fraude e controles artificiais pode ser exercida por poucos sobre a maioria), mas ela fornece o meio racional em que essa luta de classe pode percorrer suas diferentes fases da maneira mais racional e humana possível" (Marx, 2011b, p. 131).

grande propósito. Kibalchich havia fabricado quatro explosivos de curto alcance e quatro arremessadores foram equipados com uma bomba, todos eles cientes que a chance de fuga era ínfima: Nikolai Rysakov, Ignaty Grinevtsky, Timofey Mikhailov e Ivan Emelyanov, os quais, à exceção de Emelyanov, não viveriam para ver o fim do mês de abril de 1881.

Enquanto o tsar voltava de uma de suas inspeções habituais das tropas em um domingo, o primeiro arremessador, Rysakov atirou sua bomba contra a carruagem de Alexandre II. O explosivo acertou um cossaco que acompanhava o tsar, mas errou seu alvo, e Rysakov foi logo detido pela polícia. Alexandre estava a salvo, "pela graça do bom Deus", teria dito o imperador. Mas era cedo demais para agradecer a deus, Grinevtsky respondeu. Depois que o primeiro explosivo errou seu alvo, Grinevtsky lançou uma segunda bomba contra o tsar. Dessa vez, a bomba não errou. O tsar caiu gravemente ferido, ao lado de seu executor, o jovem Grinevtsky, também imolado pela explosão. Alexandre II foi levado para o Palácio de Inverno, onde morreria cerca de uma hora depois. Grinevtsky foi também levado ao hospital e também morreu naquele mesmo dia, mas sem nunca ter revelado seu nome ou de seus camaradas.

Depois de um dia e uma noite de interrogatório, Rysakov revelou os nomes e a localização de seus camaradas do comitê executivo. No dia 3 de março, a polícia prendeu Gesia Gelfman, integrante do comitê executivo, em seu apartamento. No dia seguinte, Mikhailov foi preso também. No dia 10, Sofia Perovskaia foi encontrada pela polícia e também foi detida. Uma semana depois, Kibalchich estaria também na prisão.

O julgamento ocorreu no final do mês de março e durou menos que uma semana: todos condenados e sentenciados à forca, com exceção de Yvan Yemelianov, que foi condenado à prisão perpétua, e Gesia Gelfman, que estava grávida, foi poupada do cadafalso. Kibalchich, Rysakov, Mikhailov, Perovskaia e Zheliabov (que havia sido preso um dia antes do assassinato do tsar) foram executados juntos em São Petesburgo, no dia 3 de abril de 1881. Na Fortaleza Pedro e Paulo, Gelfman deu à luz no fim daquele ano, mas ela e

seu bebê não sobreviveriam até o final de 1882. A *Tretiye otdeleniye* também perseguia incessantemente os outros membros do comitê executivo, com destaque para Vera Figner, que foi também uma das idealizadoras do assassinato e era um dos membros mais ativos do comitê executivo. Figner conseguiu eludir a prisão até o final do ano de 1882, quando foi traída por um camarada *narodovoltsy*, que a entregou para a polícia. Ela foi então julgada e condenada à prisão perpétua, pena que cumpriu por mais de vinte anos, até que foi perdoada em 1905, depois da revolução. Depois da prisão dos membros do comitê executivo, a *Narodnaia volia* continuou a existir, apesar de nunca ter conseguido recolher fôlego suficiente[xviii].

Em que pese o sucesso dos *narodovoltsy* na execução da sentença de morte de Alexandre II que haviam decretado em agosto de 1879, a revolução que esperavam provocar não eclodiu, ao menos não em 1881. Um novo tsar assumiu o trono, Alexandre III, reacionário como o avô, Nicolas I, e extremamente paranóico quanto à revolução. A era de reformas iniciada nos anos 1850 pelo seu antecessor oficialmente teve fim. Mas enquanto aquela era do reformismo teve fim, a era da revolução na Rússia mal havia começado.

3. *Chernyi peredel*: o prólogo da *Osvobozhdenie Truda*[xix]

Sobre a *Chernyi peredel*, não há tanto o que se dizer aqui quanto sobre a *Narodnaia volia*[xx]. Quando ocorreu a cisão da *Zemlia i volia*, a *Chernyi peredel* se formou a partir dos *zemlevoltsy* que se opunham à ideia de uma necessidade imediata de ação direta contra o Estado e ao uso do terrorismo como arma revolucionária. Esses *zemlevoltsy* se reuniram em torno de

xviii. Alguns anos depois do assassinato do tsar Alexandre II, o irmão mais velho de Lenin, Aleksandr Ulyanov (também conhecido como Sasha) entrou para a *Narodnaia volia*. Em maio de 1887, Aleksandr e outros quatro *narodovoltsy* foram executados publicamente em São Petesburgo, como pena por sua participação na tentativa de assassinato de Alexandre III, planejada pela *Narodnaia volia* para ocorrer no dia primeiro de março de 1887, o sexto aniversário da morte do pai do tsar.

xix. Emancipação do trabalho.

xx. Além da organização não ter chegado a elaborar um programa tão delineado como o dos *narodovoltsy*, não tivemos acesso aos cinco volumes da revista do partido publicadas entre o fim de 1879-1881, exceto nos trechos trazidos por Franco Venturi, de modo que nossa análise fica mais restrita. Assim, trazemos a *Chernyi peredel* mais em razão da relevância que seus membros tiveram na história russa, tanto antes de 1879, quanto depois.

Plekhanov e Popov e a eles também se juntariam Leo Deich, Vera Zasulich[xxi] e Yakov Stefanovich, que estavam exilados em Genebra desde o ano anterior, mas retornaram à Rússia para participar das discussões da *Zemlia i volia*. Opunham-se à ênfase terrorista do comitê executivo e à ideia da luta política como meio para transformações econômicas, defendendo que apenas uma revolução econômica poderia mudar a sociedade russa.

Nas palavras de Kibalchich, os membros da Repartição Negra "atribuem pouca importância ao fator político na vida socioeconômica, e negam qualquer influência séria, seja positiva ou negativa, das formas políticas sobre as relações econômicas" (Kibalchich, 2017 p. 299). Apesar de não termos acesso ao texto específico com o qual Kibalchich debate no trecho citado, podemos supor, a partir dele que, para sustentar sua oposição à *Narodnaia volia,* o grupo usava de uma leitura extremamente reducionista de *O Capital* e de como Marx demonstra como as relações econômicas determinam as demais, sustentando a partir disso que a luta política seria inútil caso se pretendesse promover transformações sociais (Kibalchich, 2017 p. 299). Contudo, essa asserção deveria ser propriamente verificada nos escritos publicados na *Chernyi peredel*, não sendo, pois, possível fazer afirmações definitivas aqui.

Os *chernoperedeltsy* consideravam que, ao invés de avançar na luta terrorista contra o Estado, era necessário voltar às origens da *Zemlia i volia*, direcionando a atenção e as energias do movimento de volta aos camponeses e suas demandas, com destaque para a reivindicação por uma repartição da terra (Venturi, 1960, p. 659). Daí o nome do grupo, 'repartição negra', fazendo referência à reivindicação dos camponeses — que por muito tempo na Rússia foram chamados de *chernyie* [negros] — por uma repartição das terras depois da Reforma de 1861. Os *chernoperedeltsy* frisavam também a necessidade da organização e conscientização do povo antes de que qualquer revolução fosse levada à frente contra o Estado tsarista, pois consideravam que a derrubada do

xxi. Uma grande ironia, talvez, que Vera Zasulich, que deu o grande impulso para o terrorismo no movimento revolucionário russo na década de 1870, agora rejeitasse o terrorismo como arma revolucionária.

regime beneficiaria apenas a burguesia, bem como que a organização do povo demandaria um esforço concentrado e longo. Ou seja, os *chernoperedeltsy* postulavam que uma revolução socialista não seria possível a curto prazo. Consideravam ainda que aquilo que *Narodnaia volia* se propunha fazer era perigoso para as perspectivas de uma revolução socialista, pois o que provavelmente atingiriam não seria a destruição do Estado, mas apenas sua substituição por uma forma burguesa. Contudo, vale destacar que, para além de clamarem por um 'retorno ao povo', os *chernoperedeltsy* não traziam soluções concretas para a questão ou qualquer ideia que pudesse fazer o movimento avançar (Venturi, 1960, p. 662-663).

A vida da *Chernyi peredel* como uma organização ativa na Rússia foi bastante curta. Poucos meses depois da cisão, em 1880, Plekhanov, Stefanovich, Deich e Zasulich emigraram da Rússia para Genebra, depois que suas atividades foram denunciadas por um espião da *Tretiye otdeleniye*, de modo que o partido basicamente foi liquidado depois que seus líderes deixaram o país. Popov permaneceu na Rússia, mas pouco tempo depois começou a negociar planos de reunificação com a *Narodnaia volia* em Kiev. Em 1881, Stefanovich deixou Genebra e voltou para a Rússia, logo se juntando à *Narodnaia volia*. Deich, Plekhanov e Zasulich continuaram publicando a revista da *Chernyi Peredel* por um tempo em Genebra, mas as atividades da revista tiveram fim em 1881. Entre 1881 e 1883, Plekhanov, Zasulich e Pavel Akselrod foram se aproximando cada vez mais do marxismo e em 1883 formaram o primeiro grupo de socialistas russos que se reivindicava publicamente como marxista, a *Osvobozhdenie Truda* [Emancipação do Trabalho].

III. Marx, os russos "and the road not taken": a Carta ao comitê editorial da *Otechestvennye zapiski*

Entre setembro de 1868, cerca de um ano depois da publicação da primeira edição alemã do volume I de *O Capital*, Marx recebeu pela primeira vez uma carta de um jovem e entusiasmado Nikolai Danielson, também conhecido como Nikolai-on. Danielson escrevia a Marx para informar o autor renano dos planos do editor de N. P. Poliakov para uma tradução russa de *O Capital* (Danielson *In.* Danielson *et. al*, 1983, p. 1). Cerca de um ano depois, Danielson escreveu novamente a Marx e junto de sua carta, enviou o livro *Polozheniie rabochego klassa v Rossii* [A situação da classe trabalhadora na Rússia], de N. Flerovsky. Embora naquela época Marx não soubesse ler russo, com muito custo Marx começou a ler o livro de Flerovsky (Marx[xxii] *In.* MECW v. 43, 2010l, p. 545), pelo qual acabou se interessando muito (Marx *In.* MECW v. 42, 2010l, p. 423). Desde então, Marx passou a estudar a língua russa com grande dedicação, para facilitar seu acesso à literatura daquele país com mais facilidade.

Assim, entre 1871 até poucos meses antes da morte de Marx, em março de 1883, o autor renano e o russo trocavam cartas com relativa regularidade (temos hoje acesso a 62 cartas conservadas), nas quais, para além de pontos diretamente atinentes à tradução de *O Capital* para a língua russa, da qual Danielson se encarregou em maio de 1871 (Danielson *In.* Danielson *et. al.,* 1981, p. 7), Marx e Danielson discutiam questões relativas à Rússia e ao movimento revolucionário daquele país[xxiii]. Além disso, nessa correspondência havia se tornado costumeiro que o russo enviasse a Marx artigos e livros que poderiam interessar ao autor de *O Capital*, como trabalhos sobre a produção agrícola russa e situação agrária, os quais foram certamente importantes para a compreensão marxiana da Rússia e suas especificidades. E

xxii. Jenny Longuet *née* Marx.

xxiii. Outro objeto das discussões de Marx e Danielson que também vale apontar foi o caso de Sergei Nechaev e o julgamento dos membros da *Narodnaia rasprava*, que muito interessava Marx pelo papel desempenhado por Bakunin e sua Aliança da Democracia Socialista nesse *affair* (Marx *In.* Danielson et. al., 1981, p. 27).

foi no começo de 1877[xxiv], junto com uma carta na qual perguntava se seu interlocutor havia recebido os livros que lhe enviara alguns meses antes, Danielson enviou a Marx um artigo intitulado Karl Marx em julgamento perante o sr. Zhukovsky, escrito pelo *narodniki* Nikolai Mikhailovsky[xxv] e publicado no 10º volume da revista *Otechestvennye zapiski* [Notas Patrióticas][xxvi].

Em razão de não termos conseguido acesso ao artigo, somos forçados a utilizar as observações de terceiros sobre o texto de Mikhailovsky, como Haruki Wada (Wada, 2017, pp. 97-98), Masaharu Tanaka (Tanaka, 1969) e Vesa Oittinen (Oittinen, 2023, pp. 46-53). Segundo Wada, o artigo de Mikhailovsky buscava questionar em que grau seria aplicável a teoria de Marx, sobretudo de *O Capital*, à realidade russa. Embora Mikhailovsky considerasse que era inquestionável que fosse de interesse para os russos a "teoria histórico-filosófica[xxvii]" (Mikhailovsky *apud* Oittinen, 2023, p. 47) de Marx — tal como supostamente estaria exposta no capítulo sobre a assim chamada acumulação originária/primitiva —, o *narodnik* defendia em seu texto que essa dita 'teoria da história' marxiana não seria acertada se levássemos em conta a Rússia. Tanaka explica que, em que pese Mikhailovsky não negar o mérito de Marx em sua crítica ao modo de produção capitalista, ao ver do russo, o lugar de Marx era a Europa Ocidental, eis que na Rússia ele teria apenas moinhos de vento contra quem lutar (Mikhailovsky *apud* Tanaka, 1969, p. 4). Mikhailovsky estava convencido de que Marx partia do pressuposto segundo o

xxiv. Se seguirmos a cronologia conhecida das correspondências entre Marx e Danielson, provavelmente foi em março de 1877, numa carta escrita no dia 15 (dia 7 no calendário juliano); *cf.* Danielson *et. al.*, 1981.

xxv. Que não pode ser confundido com Alexander Mikhailov ou Timofey Mikhailov, ambos membros do comitê executivo da *Narodnaia Volia.*

xxvi. Nas décadas de 1880 e 1890, Mikhailovsky continuaria seu ataque contra os "discípulos russos" do "materialismo dialético", tendo provocado Lenin a escrever alguns textos contra ele e e os populistas, que na década de 1890 foram assumindo feições liberais.

xxvii. "By this Marx meant a historical overview of the first steps of a capitalist mode of production, but he gave us something much more – a whole philosophico-historical theory. It is, generally taken, very interesting, and especially interesting for us Russians" (Mikhailovsky *apud* Oittinen, 2023, p. 47). [*Com isto Marx quis dar uma visão histórica dos primeiros passos de um modo capitalista de produção, mas deu-nos algo muito mais — toda uma teoria histórico-filosófica. De modo geral, isso é muito interessante, e especialmente para nós, russos*] (tradução nossa).

qual o caminho de desenvolvimento experimentado pela Inglaterra seria inevitavelmente seguido por todos os povos, indagando se esse processo seria tão 'necessário' quanto como supostamente retratado por Marx (Mikhailovsky *apud* Oittinen, 2023, p. 49). Mikhailovsky fazia referência ainda a uma nota de rodapé da primeira edição alemã d'*O Capital*, na qual Marx criticava Aleksandr Herzen por ter encontrado o 'comunismo russo' não na própria Rússia, "mas no livro de Haxthausen, um conselheiro do governo prussiano" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 54). Para Mikhailovsky, essa censura dirigida por Marx a Herzen ilustraria a atitude geral de Marx

> diante dos esforços dos russos em encontrar para seu país um caminho de desenvolvimento diferente daquele que a Europa Ocidental havia seguido e está ainda seguindo — esforços sobre os quais não há qualquer necessidade de tornar-se um eslavófilo ou acreditar misticamente na qualidade especialmente alta do espírito da nação russa; tudo o que é necessário é retirar as lições da história da Europa (Mikhailovsky *apud*. Wada, 2017, pp. 97-98)

Em seu artigo, o *narodnik* questionava ainda se "o tipo de processo histórico que Marx descreveu é verdadeiramente inevitável ou não" (Mikhailovsky *apud*. Wada, 2017, p. 98). Esse artigo, que deve ser situado dentro das discussões que ocorriam dentro do movimento revolucionário russo ao final da década de 1870, buscava desafiar a visão de que a *obshchina* iria necessariamente perecer diante do peso de supostas leis da história e que aquilo que havia se passado com as terras comunais na Europa Ocidental fatalmente se repetiria na Rússia. Os que defendiam essa visão muitas vezes faziam recurso às ideias de Marx, sobretudo de *O Capital*, afirmando que havia sido Marx quem havia dito que o caminho histórico percorrido pela Inglaterra era o único possível e que também seria fatalmente trilhado pela Rússia e assim seria em função de leis naturais. "*De te fabula narratur!*" havia exclamado Marx no prefácio da primeira edição alemã de *O Capital*: "o país industrialmente mais desenvolvido não faz mais do que mostrar ao menos desenvolvido a imagem de seu próprio futuro" (Marx, 2017a, p. 78). Para esses russos, isso significava uma coisa apenas: a comuna agrária russa estava destinada a perecer e ser suplantada pela forma da propriedade privada

capitalista e isso era um fato inexorável, um fato das leis da história, as quais Marx teria supostamente exposto em *O Capital*.

Como muitos populistas, Mikhailovsky decerto era um defensor da perspectiva de que a comuna agrária russa poderia ser a base para o desenvolvimento de uma nova forma de produção na Rússia, uma que combinasse "o bem-estar da classe agrícola" com o "progresso da agricultura" (Chernyshevsky, 2017, p. 266) e "os ganhos do fazendeiro com o aproveitamento da terra, métodos produtivos com execução consciente do trabalho" (Chernyshevsky, 2017, p. 267), de maneira que a proteção da propriedade comunal na Rússia seria crucial. Em razão disso, em seu artigo para a *Otechestvennye zapiski*, Mikhailovsky se voltava contra as ideias daquele que, para ele e para uma considerável parcela dos leitores russos, teria decretado a sina da comuna agrária na Rússia, isto é, Marx.

Os populistas russos observavam apreensivos o avanço do capitalismo cada vez mais acelerado no país desde 1861 e viam que, com isso, a ruína e a miséria dos camponeses crescia na mesma medida[xxviii]. Para os *narodniks*, que eram umbilicalmente ligados à causa dos camponeses russos, o marxismo implicaria na Rússia aceitar o desenvolvimento do capitalismo, a expropriação das terras comunais e tudo aquilo que tornava a vida do *muzhik* cada vez mais intolerável. Eles consideravam que aceitar o marxismo significaria aceitar que o papel dos revolucionários socialistas russos seria de não apenas contemplar friamente, mas contribuir ativamente e com plena consciência à transformação da massa do campesinato em proletariado (Tvardovskaia, 1978, p. 90).

Para esses revolucionários russos, adotar a teoria de Marx, ou ao menos a leitura que alguns russos faziam delas, seria abandonar todos os seus

xxviii. No caso, aqueles que consideravam que era possível o capitalismo se desenvolver na Rússia. Como mostra Tvardovskaia (1974, pp. 77-80), depois da Reforma de 1861, uma das principais discussões do que podemos chamar de 'movimento populista' na Rússia se revolvia em torno da possibilidade ou da impossibilidade de que o país se tornasse capitalista. Por exemplo, V. P. Voronstov via que, por mais que se observasse na Rússia certos "fenômenos esporádicos" de capitalismo, era impossível que o capitalismo se desenvolvesse de forma definitiva ou completa. Essa discussão se estenderia por décadas, sendo que Lenin dela também se ocupou, em *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, dirigindo-se contra as hipóteses de V. Voronstov e de N. Danielson sobre essa questão no primeiro capítulo da obra (*cf.* Lenin, 1982).

sentimentos e desejos mais caros, isto é, de uma revolução socialista na Rússia partindo da comuna agrária russa. Essa era a luta dos populistas, evitar que o capitalismo fincasse suas raízes de forma definitiva no país e que, em razão disso, a *obshchina* fosse dissolvida e os campesinato fosse privado de suas terras comunais. Ademais, se para o marxismo o capitalismo seria na Rússia não apenas inevitável, mas uma necessidade, aceitar essa perspectiva seria abandonar também o horizonte de uma revolução em um futuro próximo. Assim, a teoria 'marxista' trazia enorme angústia para os populistas, pois para eles significaria que a luta em nome da qual arriscavam perder sua liberdade e até a vida seria uma causa perdida. Em razão disso, na década de 1870 vários membros do movimento populista russo se dedicavam a publicar artigos nas revistas do movimento voltados a demonstrar a inaplicabilidade da teoria marxiana (ou ao menos a leitura que se fazia dela naquela época) à situação russa (Tvardovskaia, 1978, p. 90-91).

Através do artigo de Mikhailovsky, Marx pôde, por sua vez, dar-se conta da leitura tão reducionista e grotesca que alguns de seus leitores russos faziam de *O Capital*, o que o provocou a elaborar uma resposta ao artigo. Tanto a carta original escrita por Marx, quanto as cópias feitas por Engels depois da morte de seu autor não continham data, de maneira que só podemos estimar quando foram escritas. É difícil dizer exatamente quando Marx escreveu sua carta ao Conselho Editorial da *Otechestvennye Zapiski*, respondendo ao artigo de Mikhailovsky, mas parece incorreta a estimativa contida na apresentação do livro *Lutas de Classes na Rússia*, isto é, no final de 1877. Isso porque, como podemos ver na carta escrita por Marx a Danielson em novembro de 1878, Marx ainda não havia lido o artigo de Mikhailovsky e só sabia em linhas gerais seu conteúdo porque, durante uma de suas visitas à casa da família Marx em Londres, Maksim Kovalevsky havia aludido à polêmica de Mikhailovsky e Zhukovsky com *O Capital*. Nessa carta, Marx diz:

> recebi as publicações de Petesburgo e agradeço vivamente. Não vi nada da polêmica de Tchitcherin e outros contra mim, com exceção do que me enviaste em 1877 (um artigo de Sieber e outro, creio, de Mikhailovsky, ambos nos Anais Patrióticos, em resposta a esse estranho — autointitulado enciclopedista — Zhukovsky). O professor

> Kovalevsky, que está aqui, disse-me que teve polêmicas bastante vivas a propósito d'*O Capital* (Marx, 2020, p. 329).

Assim, isso parece situar a escrita da carta ao comitê editorial da *Otechestvennye zapiski* não no final de 1877, mas entre o final de 1878 e o começo de 1879. Outro aspecto dessa carta que permanece um relativo mistério é a razão por trás do fato de que Marx nunca realmente enviou sua resposta ao artigo de Mikhailovsky para a revista. Dizemos "relativo mistério" porque a explicação que Engels forneceu para isso em uma carta escrita em março de 1884 para Vera Zasulich parece bastante razoável e não vemos motivos suficientes para não a acolher. Segundo Engels, Marx não enviou seu texto porque temia que, em razão da forte política de censura vigente na Rússia, a própria existência da revista estaria ameaçada quando a *Otechestvennye Zapiski* publicasse sua resposta (Engels *In.* MECW v. 47, 2010l, pp. 112-113). Passadas essas questões pontuais, prossigamos a análise.

Marx começa sua missiva afirmando que, caso Mikhailovsky tivesse encontrado alguma passagem do Capítulo XXIV que pudesse sustentar suas conclusões, ele o teria feito. Note-se, pois, como Marx logo no início já afirma que não há nada em seu tratamento da assim chamada acumulação originária que permitisse assumir que, em *O Capital*, ele estaria afirmando a inevitabilidade histórica do processo ali analisado. Caso existisse qualquer coisa ali que permitisse concluir que o objetivo de Marx para o capítulo sobre a assim chamada acumulação originária era trazer uma "teoria histórico-filosófica do progresso universal", por menor que fosse, Mikhailovsky a teria citado para fundamentar suas conclusões sobre Marx e a "aplicabilidade" do *Capital* para a Rússia.

Nesse sentido, já no princípio fica evidente que, antes que tudo, com aquela carta, Marx tinha o fito de dissipar as más leituras de seu *O Capital*, leituras que viam na obra uma tentativa da parte do autor de criar uma "teoria histórico filosófica do desenvolvimento universal", de desenhar um modelo que seria inevitavelmente seguido por todos os povos a partir da via de entificação

do capitalismo na Inglaterra. Isso fica bastante claro quando, logo nas primeiras princípio, Marx aponta que não há nada em seu texto que possa efetivamente sustentar a interpretação que Mikhailovsky trazia. Isso poderá ser percebido mais claramente à medida que adentramos mais profundamente nesses trabalhos, mas já é possível notar que, ao invés de recuar diante das leituras que o acusavam de ter proposto em *O Capital* a ideia de um único caminho possível para o desenvolvimento humano, Marx logo no começo faz questão de apontar como não há nada em sua obra que efetivamente conduza a essa conclusão. Caso houvesse, ele afirma, Mikhailovsky certamente teria encontrado e citado em seu trabalho. Em outras palavras, Marx não retifica sua obra, ele corrige os tropeços interpretativos de seus leitores.

Ao invés de encontrar qualquer coisa no tratamento marxiano do processo de expropriação dos produtores que pudesse sustentar seus argumentos, Mikhailovsky se restringiu a usar de uma nota de rodapé em que Marx criticava Herzen. Mas fosse sua opinião daquele autor justa ou não, Marx clarifica que, a partir dela, não era adequado extrapolar sua "visão sobre os esforços 'dos homens russos para encontrar um caminho de desenvolvimento para a sua pátria, diferente daquele que foi e é trilhado pela Europa ocidental [...]'" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 54). Suas críticas a Herzen derivavam-se não do fato de que o autor russo procurava um caminho para a Rússia distinto daquele percorrido pela Europa Ocidental, mas pelo fato de que, para Marx, nas mão de Herzen "a comuna russa só serve de argumento para provar que a velha Europa poderia ter sido regenerada pela vitória do pan-eslavismo" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 54). Nesse interim, a *obshchina* só serviria a Herzen como uma prova da superioridade da Rússia e de seu movimento revolucionário em relação à Europa Ocidental e o seu movimento trabalhador. Não se tratava, portanto, de uma censura ao fato de Herzen ver na comuna agrária russa um potencial de escapar da consolidação do capitalismo na Rússia, mas pelos desdobramentos que Marx via na maneira como a comuna aparecia na obra do editor do *Kolokol*, para quem, na visão de Marx, seria uma

instituição tipicamente russa e representaria a superioridade do espírito do eslávico em relação à Europa Ocidental[xxix].

Ademais, como Marx ressalta, se por um lado em *O Capital* ele expressava grande criticismo em relação a um grande teórico russo como Herzen, de outro ele ali também expressava sua enorme admiração por outro: Nikolai Chernyshevsky, que também via a comuna agrária como um possível meio para a Rússia escapar das 'forcas caudinos' do capitalismo. Note-se inclusive que em nenhum momento Marx dá indícios de ter mudado seu juízo em relação a Herzen, em que pese ter retirado a nota referente a ele das edições seguintes de *O Capital*. Marx diz ainda que:

> Em artigos notáveis, ele tratou da questão de se a Rússia deve começar, como querem os economistas liberais, por destruir a comuna rural para passar ao regime capitalista ou se, pelo contrário, ela poderia, sem experimentar a tortura infligida por esse regime, apropriar-se de todos os seus frutos mediante o desenvolvimento de seus próprios pressupostos históricos. E ele se pronuncia a favor da última solução. E meu prezado crítico teria razões no mínimo tão fortes tanto para inferir da minha consideração por esse "grande erudito e crítico russo" que compartilho a sua visão sobre essa questão quanto para concluir de minha polêmica contra o "beletrista" e pan-eslavista russo que rejeito a sua visão (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 54).

Marx deixa então evidente que, em que pese sua rejeição da visão de Herzen sobre a *obshchina*, ele partilhava da visão de Chernyshevsky acerca da possibilidade de que a comuna agrária poderia sobreviver na Rússia e se apropriar apropriar dos frutos do capitalismo sem perceber, assim escapando da consolidação do capitalismo e da "tortura infligida por esse regime". Nesse sentido, ao contrário do que lhe atribuía o editor da revista Notas Patrióticas, a sua posição de certo modo mais se aproximava da do próprio Mikhailovsky do

xxix. Aqui Marx está fazendo referência à tese dos eslavófilos acerca da superioridade dos povos eslávicos sobre os demais europeus. Contrapondo-se aos chamados ocidentalistas ou modernizadores, que defendiam uma aproximação da Rússia com os europeus como essencial para o progresso russo, para os eslavófilos, a Rússia deveria liderar uma união dos povos eslavos, a qual seria encabeçada pela Rússia, e essa união teria o papel de regenerar o putrefato e caduco mundo europeu ocidental. Essa era uma corrente bastante forte na Rússia até aproximadamente 1848, quando a oposição entre eslavófilos e ocidentalistas se amenizou (*cf.* Yarmolinsky, 1956 e Venturi, 1960). Todavia, não cabe que aqui analisar se essas críticas a Herzen feitas por Marx, para quem o autor russo era um eslavófilo, eram corretas, embora seja necessário que alguém o faça.

que a daqueles supostos marxistas russos, visto que rejeitava uma suposta inevitabilidade do desenvolvimento do capitalismo na Rússia.

Com isso, Marx esclarecia aqui algo de essencial quanto à sua *crítica da economia política*: só enxergavam esquematismos ou uma leitura unilinear da história humana em *O Capital* quem não tivesse realmente lido o próprio texto. Não só não se encontraria nada ali que sustentasse a ideia de que Marx se propunha com a obra "prescrever receitas (comtianas?) para o cardápio da taberna do futuro" (Marx, 2017a, p. 88), mas também seria possível identificar ali seu apreço por um teórico como Nikolai Chernyshevsky, autor que negava expressamente que a Rússia deveria necessariamente trilhar o mesmo caminho de seus vizinhos no Ocidente[xxx].

Ainda assim, por mais que isso já estivesse plenamente evidente para quem estivesse prestando atenção, Marx não gostava de "deixar nada 'para ser adivinhado'" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 54), de modo que não mais deixaria para o leitor a tarefa de adivinhar no que implicava seu apreço por Chernyshevsky. Colocaria com todas as letras sua posição sobre a questão russa: "se a Rússia prosseguir no rumo tomado depois de 1861, ela perderá a melhor chance que a história já ofereceu a um povo, para, em vez disso, suportar todas as vicissitudes fatais do regime capitalista" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 54), endossando de forma inequívoca a posição de Chernyshevsky. Marx acrescenta ainda que, caso a Rússia fosse *de facto*

xxx. A admiração que Marx mantinha por Nikolai Chernyshevsky não é nenhum segredo. Por exemplo, no posfácio da segunda edição do livro I d'*O Capital*, Marx escreveu que a falência da economia "burguesa", cujo "melhor representante é Stuart Mill" (Marx, 2017a, p. 86) já havia sido esclarecida magistralmente pelo "grande erudito e crítico russo N. Chernyshevsky […] em sua obra *Lineamentos da economia política segundo Mill*" (Marx, 2017a, p. 86). Por demais, conforme se lê na correspondência de Marx com Nikolai Danielson, Marx pretendia divulgar a obra de Chernyshevsky na Europa Ocidental, tendo pedido a Danielson que lhe enviasse materiais sobre o autor russo. Por exemplo, numa carta escrita por Marx a Danielson no dia 12 de dezembro de 1872, o autor renano diz que "desearía publicar algo sobre la vida y la personalidad de Chern[ishevski] para despertar en Occidente la simpatía por él. Pero para eso necesito datos" (Marx *In.* Marx, Engels & Danielson, 1981, p. 43). Em sua resposta, Danielson se compromete a enviar as informações solicitadas por Marx, mas informa em algumas cartas seguintes que a tarefa seria mais difícil do que o antecipado, pois os amigos de Chernyshevsky que ainda viviam na Rússia temiam ser associados com ele (*cf.* Danielson *In.* Danielson *et. al.*, 1981, pp. 49-50). Em uma outra carta, Marx diz que Chernyshevsky apareceria no segundo volume de *O Capital* na condição de economista e que conhecia boa parte de seus escritos (Marx *In.* Danielson *et. al.*, 1981, p. 47).

evitar as "vicissitudes fatais do regime capitalista", ela deveria salvar a comuna agrária do processo de dissolução que ela vinha sofrendo desde a reforma de 1861, quando foi posto fim na servidão.

Trataremos da dissolução da comuna agrária de forma mais aprofundada mais à frente, na análise da correspondência de Vera Zasulich com Marx, mas aqui é necessário evidenciar um ponto importante acerca da expressão "vicissitudes fatais do regime capitalista". Isso porque, ao nosso ver, ela faz eco de um trecho do prefácio da primeira edição alemã de *O Capital* que, aos nossos olhos, é profundamente mal compreendido, embora frequentemente citado quando se trata desses últimos textos de Marx, mormente os sobre a Rússia. Referimo-nos ao seguinte trecho:

> O físico observa processos naturais, em que eles aparecem mais nitidamente e menos obscurecidos por influências perturbadoras ou, quando possível, realiza experimentos em condições que asseguram o transcurso puro do processo. O que pretendo nesta obra investigar é o modo de produção capitalista e suas correspondentes relações de produção e de circulação. Sua localização clássica é, até o momento, a Inglaterra. Essa é a razão pela qual ela serve de ilustração principal à minha exposição teórica, mas, se o leitor alemão encolher fariseicamente os ombros ante a situação dos trabalhadores industriais ou agrícolas ingleses, ou se for tomado por uma tranquilidade otimista, convencido de que na Alemanha as coisas estão longe de ser tão ruins, então terei de gritar-lhe: *De te fabula narratur* [A fábula refere-se a ti]. Na verdade, não se trata do grau maior ou menor de desenvolvimento dos antagonismos sociais decorrentes das leis naturais da produção capitalista. Trata-se dessas próprias leis, dessas tendências que atuam e se impõem com férrea necessidade. O país industrialmente mais desenvolvido não faz mais do que mostrar ao menos desenvolvido a imagem de seu próprio futuro (Marx, 2017a, p. 78) [grifo nosso].

Note-se como a expressão "*vicissitudes fatais* do regime capitalista" [destaque nosso] contida na carta ao comitê editorial da *Otechestvennye zapiski* ecoa a expressão "tendências que atuam e se impõem com *férrea necessidade*" [destaque nosso]. Adiantamos ainda que uma expressão parecida também está presente nos rascunhos da carta de Marx à Vera

Zasulich: as "*fourches caudines*[xxxi]" do capitalismo (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 77). Aqui transcrevemos a passagem inteira porque é de suma importância seu contexto inteiro para interpretá-la da forma mais fiel possível ao seu sentido efetivo.

No livro *Marx tardio e a Via Russa,* tanto T. Shanin, quanto H. Wada consideram que a advertência de Marx segundo a qual "o país industrialmente mais desenvolvido não faz mais do que mostrar ao menos desenvolvido a imagem de seu próprio futuro" indicaria uma concepção unilinear da história em *O Capital* e até mesmo um talhe evolucionista na obra. Shanin afirma que

> a epistemologia materialista de *O Capital*, a aceitação dialética de contradições estruturais e das possíveis regressões temporais dentro do capitalismo e a objeção à teleologia não eliminam o cerne do evolucionismo. 'O país mais desenvolvido industrialmente' estava ainda destinado a 'apenas mostrar aos menos desenvolvido a imagem de seu próprio futuro'. De fato, era uma questão de 'leis naturais se desenvolvendo com férrea necessidade' (Shanin, 2017, p. 27).

Para o autor, esse talhe evolucionista e unilinear seria depois abandonado por Marx nos anos 1870-80, o que ficaria evidente nos textos de 1878 e 1881 sobre a Rússia. Nesses últimos textos, Shanin defende que Marx teria abandonado o evolucionismo ainda presente no *Capital* e passaria a adotar uma posição segundo a qual p"ara dizê-lo sem rodeios, para Marx, a Inglaterra que ele sabia ser 'mais desenvolvida industrialmente' não oferecia, e nem poderia, de fato, 'oferecer para a menos desenvolvida' Rússia a 'imagem de seu próprio futuro'" (Shanin, 2017, p. 48). Haruki Wada também traz uma leitura semelhante, embora o faça com mais mediações do que Shanin. O marxólogo japonês considera que "naquele momento [em 1867], *parece*, ele supunha que a Rússia, assim como a Alemanha, seguiria o exemplo da Inglaterra" (Wada, 2017, p. 81) [destaque nosso]. *Autrement dit*, segundo Wada, *de te fabula narratur* significaria que Marx via no curso do

xxxi. Essa expressão francesa faz referência à famosa "Batalha" das Forcas Caudinas (batalha entre aspas porque não ocorreu realmente um confronto entre os exércitos). Utiliza-se a expressão em francês "passer sous les fourches caudines" para dizer "passar por uma situação desagradável, dura, humilhante". A expressão faz referência a um evento ocorrido na Segunda Guerra Samnita (321 a.C.), quando o exército romano foi humilhado pelo exército Samnita de Caius Pontius nas *Furculae Caudinae*, um desfiladeiro na região da Campânia. Sobre isso, *cf.* Lívio, 1910. Para uma versão traduzida, *cf.* Lívio, 1926.

desenvolvimento capitalista um modelo geral para o desenvolvimento de todos os povos, tanto para a Alemanha, quanto para a Rússia, independentemente de suas particularidades e apesar de quaisquer esforços conscientes dos homens.

Entretanto, consideramos que, apesar dos argumentos de Shanin e de Wada, em 1878, Marx não estaria rejeitando aquilo que ele afirmou no prefácio de 1867 à edição alemã de *O Capital*. Ao contrário, ele reafirma em 1878 o que ele escreveu em 1867 quando ele menciona as "vicissitudes férreas do capitalismo", apenas trazendo algo que seria específico da Rússia em 1878, uma oportunidade que não existia, por exemplo, para a Alemanha de 1867, qual seja: a de evitar que o presente inglês se tornasse o futuro russo, de evitar a consolidação do capitalismo e todas as agruras que acompanham esse regime. Quando Marx exclama "o país que é mais desenvolvido industrialmente apenas mostra ao menos desenvolvido a imagem de seu próprio futuro!", parece-nos que algo muito elementar, mas que muitos intérpretes ignoram, é que essa frase *expressamente* diz que *o presente de países onde o capitalismo estava mais desenvolvido*, como a Inglaterra, mostrava aos *menos industrialmente desenvolvidos*, como a Alemanha em 1867, o seu futuro. Ou seja, esse 'vislumbre do futuro' se limitava aos *países que já trilhavam o caminho do desenvolvimento capitalista*, como a Alemanha. O autor ali nada diz sobre países como a Rússia, que, embora estivesse às portas do capitalismo em 1878, ainda não era um país propriamente capitalista.

E por que Marx considerava possível dizer que o presente inglês de 1867 era como um espelho para o futuro das nações industrializadas, mas menos desenvolvidas que a Inglaterra? Pois as leis e tendências gerais que regem a produção capitalista na Inglaterra eram as mesmas que regiam a produção capitalista na Alemanha, de modo que as contradições que o movimento da produção capitalista havia engendrado na Inglaterra e que ali apareciam de maneira tão patente também logo se mostrariam na Alemanha. Tudo isso está dito de forma bastante clara no texto.

Era por isso que, diante do leitor alemão que olhasse a situação da classe trabalhadora inglesa e encolhesse fariseicamente os ombros e comentasse como a situação da classe trabalhadora alemã não estava tão ruim na Alemanha, Marx podia tomar como suas as palavras de Horácio, e exclamar: *Mutato nomine de te fabula narratur!*[xxxii] Pouco importava se na Alemanha, quando comparada com a Inglaterra, os antagonismos de classes engendrados pelo funcionamento do modo de produção capitalista ainda estivessem relativamente latentes ou ainda não tão evidentes quanto na velha *Blighty*: as mesmas leis que regem o capitalismo inglês também regiam o alemão, pois elas são as leis gerais da produção capitalista. Desse modo, à medida que a produção capitalista alemã avançasse, os antagonismos que eram tão evidentes na Inglaterra, mas ainda não tão aparentes na Alemanha em 1867, logo se desnudariam diante dos olhos do povo germânico. É forçoso notar aqui que Marx sequer generaliza essa passagem para países não industriais, como alguns intérpretes parecem sugerir, mas apenas aos países que já haviam embarcado no caminho do desenvolvimento industrial e, portanto, já estavam sujeitos às tendências que regem e atuam na produção capitalista com 'férrea necessidade'.

Essa dura advertência que Marx fazia ao público alemão é extremamente relevante, na medida que ela nos lembra que, embora a Inglaterra seja uma presença constante em *O Capital*, a obra não se dedicava ao estudo do capitalismo inglês, isto é não se tratava de uma obra dedicada às especificidades de como o capital aparecia na Inglaterra. John Bull servia para Marx na pesquisa e exposição porque ali as leis e as tendências que regiam a produção capitalista em geral apareciam de maneira mais clara do que nos demais países capitalistas, graças ao avançado desenvolvimento do capitalismo inglês. Como nosso autor afirma,

> o que pretendo nessa obra investigar é o modo de produção capitalista e suas correspondentes relações de produção e circulação. Sua localização clássica é, até o momento, a Inglaterra.

xxxii. "*Quid rides? mutato nomine de te / Fabula narratur*" (Horácio, Satirarum - liber primus, 69-70).

> Essa é razão pela qual ela serve de ilustração principal à minha exposição teórica (Marx, 2017a, p. 78).

Portanto, Marx antecipava a objeção do leitor alemão que, vendo como o autor se valia da Inglaterra para fins de exposição, negasse a relevância da obra para a Alemanha, pois esta não era tão desenvolvida industrialmente quanto aquela. Embora em comparação com a inglesa, a produção capitalista alemã fosse ainda extremamente atrasada, à medida que o regime capitalista se desenvolvesse na Alemanha, sua produção também se submeteria àquelas mesmas leis e tendências gerais que regiam a produção capitalista na Inglaterra e que Marx buscou expor em *O Capital*. Isso em momento algum Marx rejeita. Ele inclusive reforça isso na carta de 1878, dizendo expressamente que, caso a Rússia ingressasse no caminho do capitalismo, ela também se submeteria às suas 'leis naturais'. Nesse sentido, consideramos equivocada a afirmação de Shanin de que nesse texto "para Marx, a Inglaterra que ele sabia ser 'mais desenvolvida industrialmente' não oferecia, e nem poderia, de fato, 'oferecer para a menos desenvolvida' Rússia a 'imagem de seu próprio futuro'" (Shanin, 2017, p. 48). Além de não captar adequadamente o real sentido do trecho do Prefácio da primeira edição alemã d'*O Capital*, parece-nos que o autor se equivoca ao sugerir que em 1878 o Velho Nick teria abandonado a visão exposta em 1867.

O que o autor buscou expor n'*O Capital* não era a anatomia geral da sociedade capitalista inglesa, mas a anatomia da sociedade capitalista em geral. Para isso, como o cientista que busca analisar um fenômeno no Estado menos obscurecido o possível de "influências perturbadoras, ou, quando possível, realiza experimentos em condições que asseguram o transcurso puro do processo" (Marx, 2017a, p. 78), Marx buscava analisar o modo de produção capitalista na sua forma 'pura', menos obscurecida por formações antediluvianas, isto é, ele buscava aquilo que lhe era específico e característico, sem correr o risco de se deixar confundir por fenômenos estranhos a esse regime de produção em particular. Para tanto, era primordial poder observá-lo em seu funcionamento próprio, onde operasse o menos afetado o possível por relações provenientes de modos de produção anteriores

ao capitalismo. Por exemplo, analisar a especificidade do modo de produção capitalista partindo do estudo da realidade russa na segunda metade do século XIX, em que relações capitalistas existiam em um modo de produção ainda predominantemente agrário e comunal, seria como a décima terceira tarefa digna de Hércules, uma que muito provavelmente se mostraria infrutífera, eis que ali as relações propriamente capitalistas estariam diluídas em meio às relações comunais e agrárias.

Ocorria então apenas que era na velha Inglaterra onde seu objeto aparecia "mais nitidamente e menos obscurecidos por influências perturbadoras" (Marx, 2017a, p. 78), pois dentre os países industriais, a 'rosa inglesa' era a menos afligida por "misérias herdadas, decorrentes da permanência vegetativa de modos de produção arcaicos e antiquados, com o seu séquito de relações sociais e políticas anacrônicas" (Marx, 2017a, p. 79). E isso justamente porque, somente na Inglaterra, rompeu-se com as relações feudais de forma radical no processo da assim chamada acumulação originária. Foi a forma violenta com que se deu a reestruturação das relações de distribuição na Inglaterra que permitiu com que as legalidades econômicas da produção capitalista aparecem ali de maneira tão nítida. Como esclarece Lukács, "a Inglaterra, país clássico do capitalismo, só atinge essa classissidade depois da acumulação originária e em função dela" (Lukács, 2012, p. 378). Isso posto, se fôssemos utilizar os termos de Marx em sua *Crítica ao Programa de Gotha*, dentre os "países civilizados", era na Inglaterra que a sociedade capitalista existia mais "livre dos elementos medievais" (Marx, 2012, p. 35). No outro polo, de países civilizados menos livres "dos elementos medievais", teríamos, por exemplo, a Alemanha, rica em "misérias herdadas". Na Alemanha, o *Ancien Régime* ainda não havia cantado a canção do cisne. Ali, o belo e trágico *ballet* do cisne francês havia se degenerado em uma cômica dança da galinha.

Mas retornemos à Rússia. Marx fala em 1878 claramente que, caso os revolucionários russos não aproveitassem a oportunidade oferecida pela comuna agrária russa, apropriando-se "sem experimentar a tortura infligida por

esse regime, […] de todos os seus frutos mediante o desenvolvimento de seus próprios pressupostos históricos" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 54), e continuasse no caminho trilhado desde 1861, o regime capitalista e suas "vicissitudes fatais" ali se imporiam tal como nos demais países europeus capitalistas. Considerando que *Otechestvennye zapiski* era um jornal legal na Rússia tsarista, Marx não poderia dizer muito claramente qual era essa oportunidade da comuna agrária e como se interromperia o "rumo tomado depois de 1861", mas acreditamos que esses pontos ficarão mais claros na correspondência com Vera Zasulich. Todavia, o que fica claro aqui é que, após anos de estudos sobre a situação russa, Marx chegou à conclusão de que a Rússia percorria um caminho que, caso não fosse interrompido o mais rápido possível, conduziria ao seio do desenvolvimento capitalista. Ou seja, o único modo de evitar essas vicissitudes era evitando que a Rússia se tornasse capitalista, eis que essas '*fourches caudines*' são inerentes ao modo de produção.

Continuemos a análise do texto. Marx afirma então que

> o capítulo sobre a acumulação primitiva [originária] visa exclusivamente traçar a rota pela qual, na Europa ocidental, a ordem econômica capitalista saiu das entranhas da ordem econômica feudal. Portanto, ele expõe o movimento histórico que, divorciando os produtores de seus meios de produção, converteu os primeiros em assalariados (proletários, no sentido moderno da palavra) e os detentores dos últimos em capitalistas (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 55).

Ou seja, o autor esclarece que o Capítulo XXIV visa expor a gênese histórica do capitalismo a partir da ordem feudal. Diferentemente da Rússia, onde a terra era comunal, na Europa Ocidental a propriedade da terra era privada e parcelar, com o produtor ligado à terra como seu proprietário. Com o processo da assim chamada acumulação originária, esses produtores foram expropriados de suas terras e foram transformados em trabalhadores assalariados, sem nada para vender senão sua força de trabalho. De outro lado, esse processo fez com que os meios e condições de produção se concentrassem nas mãos de uns poucos, os quais se tornaram os capitalistas.

Marx prossegue então citando um trecho do capítulo XXIV.

> Nessa história, "o que faz época é toda revolução que serve de alavanca para o avanço da classe capitalista em formação, sobretudo aquelas que, despojando grandes massas de seus meios de produção e de subsistência tradicionais, lançam-nas de modo imprevisto no mercado de trabalho. Mas a base de toda essa evolução é a expropriação dos agricultores. Ela só se realizou de um modo radical na Inglaterra [...]. Mas todos os outros países da Europa ocidental percorrem o mesmo processo etc." (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 55).

Esse 'esboço histórico' que ele constrói em *O Capital* visa esclarecer como na história europeia o capitalismo nasceu das entranhas do feudalismo, mostrando como a expropriação dos produtores é a base da produção capitalista. Como mostra nosso autor, o modo de produção capitalista pressupõe a separação entre produtores e meio de produção e a criação de uma massa de pessoas que não têm nada mais o que vender senão sua força de trabalho, de maneira que o momento de transição do feudalismo para capitalismo foi marcado justamente por esse processo. Dentro da crítica da economia política, esse capítulo serve ainda para evidenciar a historicidade das relações capitalistas, contrapondo-se aos autores da economia política que viam as relações capitalistas por todo lado na história humana, ao invés de percebê-las como apenas um momento determinado e bastante recente do desenvolvimento humano.

Nesse sentido, o Capítulo XXIV é uma exposição da gênese histórica do capitalismo, demonstrando como esse modo de produção nasce não de uma acumulação originária, como supunha Adam Smith, mas da expropriação da massa do povo. Em verdade, o principal propósito desse capítulo dentro de *O Capital* era justamente esse, de se contrapor à explicação da economia política clássica acerca da gênese do capital, além de servir ao supramencionado propósito de expor como esse modo de produção não constitui senão um momento recente na história humana. O autor no Capítulo XXIV da obra visa desafiar a ideia de que "numa época muito remota, havia, por um lado, uma elite laboriosa, inteligente e sobretudo perniciosa e por outro vadios que gastavam tudo" (Marx, 2017a, p. 785). Ele se contrapõe às teorias que situavam a origem das classes burguesa e proletária na esfera de circulação, colocando os burgueses como aqueles que, por sua parcimônia e

prudência, apropriaram-se da riqueza universal poupando-a, ao passo que a classe proletária tem sua origem naqueles que, por prodigalidade, usufruíram da riqueza real ao invés de poupá-la, razão pela qual tem que trabalhar para sobreviver. Assim, o capítulo da 'assim chamada acumulação originária' mostra como o capitalismo não é engendrado por uma acumulação originária, mas sim da expropriação, da separação do produtor direto dos meios e condições de produção. Não se tratava, contudo, de verificar se aquela via de entificação do capitalismo era geral ou de construir um modelo a partir dela, e sim de apontar os equívocos da forma como a Economia Política clássica tratava da acumulação capitalista, isso a partir de um esboço histórico de como o modo de produção capitalista efetivamente nasceu do ventre da sociedade feudal europeia, com destaque para a Inglaterra.

É importante esclarecer aqui que o autor retirou a passagem acima da edição francesa de 1872-1875[xxxiii], a qual, diferentemente da edição alemã original, restringe o processo da assim chamada acumulação originária aos países da porção Ocidental da Europa. Ele assim também o faz nos rascunhos e na carta a Vera Zasulich, servindo-se de passagens da edição francesa iniciada em 1872. Contudo, não parece haver outra razão por detrás disso senão o fato de esses textos terem sido escritos em francês, de modo que o autor fez uso da tradução francesa[xxxiv]. Nesse sentido, consideramos que a preferência pela edição francesa não se deveu à "taxativa restrição à Europa Ocidental que ali se expressa como escopo das considerações acerca da gênese do capitalismo a partir 'das entranhas da ordem feudal'" (Faria, 2017, p. 132), mas sim a uma explicação muito mais simples.

xxxiii. A história da primeira tradução francesa do livro I d'*O Capital* é extremamente interessante, uma vez que Marx, insatisfeito com o trabalho do tradutor francês, Joséph Roy, encarregou-se diretamente da tradução (Marx *In.* Danielson *et. al.*, 1981, pp. 26-27). Assim, Marx aproveitou-se do fato de que teria que fazer várias correções no trabalho de J. Roy e fez diversas modificações e retificações no seu texto, em especial na seção V da obra (Marx *In.* Danielson *et. al.*, 1981, pp. 92-93). Sobre a tradução francesa, *cf.* Musto, 2023, pp. 122-124.

xxxiv. Embora Marx fosse plenamente capaz de ler em russo e talvez escrever na língua também, o francês lhe era muito mais natural, sendo que escrevia grande parte de suas correspondências em francês, incluindo suas cartas para Nikolai Danielson.

Sobre as diferenças entre como esse trecho aparecia na primeira edição alemã e como aparecia na tradução francesa de 1872 dedicaremos algumas palavras a mais[xxxv]. Na primeira edição alemã de *O Capital*, que foi a base da primeira tradução do texto para o russo iniciada em 1868 e completada por Danielson em 1872, o trecho citado por Marx na carta de 1878 consta assim:

> Historisch epochemachend in der Geschichte des Scheidungsprozesses sind die Momente, worin grosse Menschenmassen plötzlich und gewaltsam von ihren Subsistenzund Produktionsmitteln geschieden und als vogelfreie Proletarier auf den Arbeitsmarkt geschleudert werden. Die Expropriation der Arbeiter von Grund und Boden bildet die Grundlage des ganzen Prozesses. Wir haben sie also zuerst zu betrachten. Ihre Geschichte nimmt in verschenken Ländern verschiedne Färbung au und durchläuft die verschiedenen Phasen in verschiedner Reihenfolge. Nur in England, das wir daher als Beispiel nehmen, besitzt sie klassische Form (Marx, 1867, p. 701)[xxxvi].

Já na edição francesa, esse trecho consta na seguinte forma

> Dans l'histoire de l'accumulation primitive, toute révolution fait époque qui sert de levier à l'avancement de la classe capitaliste en voie de formation, celles surtout qui, dépouillant de grandes masses de leurs moyens de production et d'existence traditionnels, les lancent à l'improviste sur le marché du travail. Mais la base de toute cette évolution, c'est l'expropriation des cultivateurs. Elle ne s'est encore accomplie d'une manière radicale qu'en Angleterre : ce pays jouera donc nécessairement le premier rôle dans notre esquisse. Mais tous les autres pays de l'Europe occidentale parcourent le même mouvement, bien que selon le milieu il change de couleur locale, ou se resserre dans un cercle plus étroit, ou présente un caractère moins

xxxv. A primeira edição do volume I de *O Capital* era dividida em seis capítulos/seções e a parte dedicada à assim chamada acumulação originária compunha o segundo item do sexto capítulo, "o processo de acumulação do capital". Esse trecho foi depois expandido e se tornou o capítulo XXIV nas edições seguintes, inclusive na tradução francesa de 1872/73.

xxxvi. *Na história do processo de divórcio, fazem época os momentos em que grandes massas de pessoas são repentina e violentamente separadas de sua subsistência e meios de produção e jogadas no mercado de trabalho como proletários livres. A expropriação da terra dos agricultores constitui a base de todo o processo, por isso temos que olhar para eles primeiro. Sua história leva cores diferentes em diferentes países e passa por diferentes fases em ordem diferente. Somente na Inglaterra, que tomamos como exemplo, tem uma forma clássica* (tradução livre).

> fortement prononcé, ou suive un ordre de succession différent (Marx, 1989, p. 634)[xxxvii].

Em primeiro lugar, é necessário ressaltar que embora Marx tenha iniciado a revisão da tradução francesa em 1872, ele só terminou a revisão em 1875, isto é, depois que a segunda edição alemã já havia sido publicada. Nesse sentido, o ideal seria compararmos esses dois trechos também com a edição alemã de 1873. Mas considerando que a primeira edição da tradução russa usou de referência a edição de 1867, no momento essa falta não compromete muito nossa análise.

Comparando os dois textos, para além de algumas alterações estilísticas e o acréscimo da frase sobre as revoluções que serviram de alavanca para o avanço da classe capitalista em vias de formação, o conteúdo não se difere tanto quanto Faria sugere. Na primeira edição alemã, de 1867, Marx colocava que o processo da expropriação dos produtores, que é a base da assim chamada acumulação originária, ocorria em vários países, sendo que em cada um deles assumia coloridos diferentes e fases em ordens diferentes entre si. A Inglaterra assumia um papel principal na exposição desse processo porque ali essa expropriação se dera de *forma clássica*. Note-se assim que nessa versão do texto, Marx já deixava plenamente evidente que o processo de divórcio dos meios de produção e dos produtores se dava de formas distintas nos diferentes países e que de modo algum a forma como isso se deu na Inglaterra era a única possível.

Já na edição francesa, Marx afirma que *todos os países da Europa Ocidental* percorriam o mesmo caminho de expropriação dos produtores, mas que esse processo assume diferentes coloridos locais, sendo que apenas na Inglaterra essa expropriação havia se dado de *forma radical*. Perceba-se então

xxxvii. *Na história da acumulação originária, faz época toda revolução que serve de alavanca ao avanço da classe capitalista em vias de formação, sobretudo aquelas que, despojando as grandes massas de seus meios de produção e de existência tradicionais, lançam-nas inesperadamente no mercado de trabalho. Mas a base de toda essa evolução é a expropriação dos camponeses. Ela apenas se consumou de maneira radical na Inglaterra: assim, esse país necessariamente desempenhará papel principal em nosso esboço. Mas todos os outros países da Europa Ocidental executam o mesmo movimento, ainda que, dependendo do meio, ele mude de cor local, ou se feche em um círculo mais estreito, ou tenha um caráter menos pronunciado, ou siga uma ordem de sucessão diferente* (tradução livre).

que na edição francesa de 1872-1875, Marx observa que em todos os países da Europa Ocidental já se iniciara a expropriação dos produtores, mas apenas na Inglaterra esse processo se consumara de modo radical. Nesse sentido, as principais alterações que identificamos de uma edição para a outra nesses dois trechos são que: i) na edição alemã de 1867, Marx não menciona especificamente os países da Europa Ocidental, ao passo que na edição francesa de 1872-1875, ele afirma que todos eles já percorriam o caminho da expropriação dos produtores; ii) na edição alemã de 67, ele se refere à forma inglesa como 'clássica', ao passo que na edição francesa de 1875 ele diz que na fora apenas na Inglaterra onde esse processo se deu de forma radical.

Quanto ao primeiro ponto, o acréscimo da especificação dos 'países da Europa Ocidental' de modo algum serve para corrigir uma suposta generalização presente no sentido original do trecho, uma vez que a versão de 1867 em nenhum momento generalizava o esboço da assim chamada acumulação originária do Capítulo XXIV como um processo homogêneo e universal para todos os países. Ao nosso ver, na tradução francesa de 1872-1875, Marx buscava indicar que em todos os países europeus ocidentais essa expropriação dos produtores já estava em pleno curso. Mas como em nenhum deles esse divórcio havia se dado de modo tão radical quanto na Inglaterra, a assim chamada acumulação originária tal como se deu entre os ingleses que assumiria o papel de destaque na exposição do capítulo XXIV. Por conseguinte, não se trata efetivamente de uma espécie de correção do trecho original de 1867 no sentido de restringir a validade do esquema da assim chamada acumulação originária para a Europa Ocidental, assim excluindo, por exemplo, os países da Ásia e a Rússia, como de certo modo sugere Faria. De todo modo, a partir de uma leitura cuidadosa fica claro que, na versão de 1867, Marx não está utilizando a história de como a separação entre produtores e meios de produção se passou na Inglaterra para conceber um modelo geral de como esse processo se daria por toda parte. Com efeito, em nenhuma das duas versões há uma generalização que desconsidere as particularidades locais ou que afirme que todos os países inevitavelmente

seguiriam o mesmo caminho trilhado pela Inglaterra. Em ambos, nosso autor ressalta que cada país que passava pela formação do capitalismo vivia o processo de separação entre produtores e meios e condições de produção de uma forma particularmente sua, assumindo diferentes "coloridos locais" e fases em ordens diferentes. Assim, as sutis modificações sofridas nesse trecho entre 1867 e 1872-1875 de forma alguma são suficientes para sustentar que a versão francesa do texto seria um sintoma do abandono de supostos esquemas unilineares da parte de Marx. A especificação com relação aos países da Europa Ocidental deve-se principalmente ao fato de ter sido nessa porção do continente europeu em que, assim como na Inglaterra, a produção capitalista foi antecedida pela feudal, de modo que a transição deste modo de produção para aquele se daria de modo mais ou menos semelhante ao exposto no Capítulo XXIV. Onde a propriedade da terra não possuía forma similar à encontrada na Inglaterra e em países da Europa Ocidental como a França, a coisa não poderia se dar como vemos em *O Capital*, pois ali o autor mostra como se deu a gênese do capitalismo a partir das entranhas da ordem feudal.

Quanto à mudança da caracterização do processo de expropriação do produtor inglês de 'clássica' para 'radical', parece-nos que também se trata mais de um ajuste na exposição que não altera substancialmente o sentido de uma versão para a outra. No máximo, partindo de algumas considerações tecidas por Lukács no primeiro volume de *Para uma Ontologia do Ser Social*, poderíamos supor talvez que Marx teria reconsiderado a possibilidade de atribuir 'classicidade' a um momento transicional como o da assim chamada acumulação originária, uma vez que se trataria de uma zona *gris* por excelência. Como vimos anteriormente, Marx afirma no prefácio de 1867 d'*O Capital* que a formação capitalista inglesa era clássica na medida que era menos turvadas por resquícios de outras formações sociais, fazendo com que as legalidades próprias do capitalismo aparecessem ali de forma mais clara. E como aponta Lukács, essa 'classicidade' seria resultado da violência com a qual se deu a reestruturação das relações econômicas na Inglaterra no

momento da assim chamada acumulação originária, rompendo de forma *radical* com as antigas estruturas de produção. Assim, nas palavras do filósofo húngaro afirma, "a Inglaterra, país clássico do capitalismo, só atinge essa classicidade *depois da acumulação originária em em consequência dela*" (Lukács, 2012, p. 378) [destaque nosso]. Nesse sentido, não faria sentido dizer 'clássica' na separação dos produtores e dos meios de produção tal como ocorreu na Inglaterra, e sim radical, sendo justamente em virtude dessa radicalidade como se deu a assim chamada acumulação originária em Albion, essa gênese violenta, que se poderia falar depois no desenvolvimento do capitalismo inglês como clássico, eis que teria se rompido de forma violenta, radical com as antigas relações de produção. Contudo, e é importante frisá-lo, isso resta apenas como uma *hipótese* extrapolada a partir de elaborações de Lukács, e não do próprio Marx.

Partindo dessas modificações, Haruki Wada considera que é possível inferir uma "nova concepção que Marx formulou com base em seus estudos até o momento" (Wada, 2017, p. 87). Wada considera que seria uma "uma implicação óbvia dessa correção" (Wada, 2017, p. 88) na edição francesa que "a forma inglesa de expropriação dos camponeses é aplicável apenas à Europa Ocidental, ou, para dizê-lo de outra forma, que a Europa Oriental e a Rússia podiam seguir linhas de evolução completamente diferentes" (Wada, 2017, p. 88). Contudo, ao nosso ver, aqui Wada se equivoca por duas razões. Em primeiro lugar, não havia nada na primeira versão que conduzisse à afirmação de que a Rússia ou a Europa Oriental deveriam seguir um caminho igual ao inglês. Por demais, Marx em momento algum propõe uma "forma inglesa" aplicável a qualquer outro lugar que não a Inglaterra, ele apenas diz que os países da Europa Ocidental seguem o mesmo movimento observado na Inglaterra entre os séculos XV e XVII, isto é, a expropriação das terras camponesas, mas que isso ocorre em cada lugar de uma forma particular. Por essa mesma razão também discordamos com a afirmação de Faria segundo a qual, tanto no texto de 1878, quanto nos esboços de sua resposta a Vera Zasulich, de 1881, Marx faria uso de um trecho retirado da edição francesa ao

invés do texto do original alemão "de modo matreiro, a versão francesa de seu texto, já imunizada contra as possíveis leituras evolucionistas, para esquivar-se justamente de uma acusação de evolucionismo histórico-filosófico" (Faria, 2017, pp. 136-137). Tal afirmação nos parece equivocada não só pela razão à qual aludimos acima, isto é, que Marx usa da edição francesa porque escreveu o texto em francês, mas também porque uma leitura evolucionista do texto em sua redação original de 1867 já era descabida, como pretendemos acima ter apontado.

Tampouco poderíamos chegar a uma conclusão semelhante a partir da sugestão feita por Marx a Nikolai Danielson que na elaboração da segunda edição russa do livro I de *O Capital* o tradutor também levasse em consideração a edição francesa da obra. Embora Marx ressalte que a edição francesa possuía muitos acréscimos e modificações importantes em relação à versão alemã, a tradução deveria levar em conta também a segunda edição alemã, inclusive porque Marx considerava que fora forçado a 'aplainar' alguns de seus argumentos no momento de traduzir o texto para o francês (Marx *In.* Marx & Engels, 2020, p. 329). Não se sustenta a ideia de que seria só a partir de seus estudos ao longo da década de 1870, sobretudo de seu contato com os autores russos, que Marx aceitaria uma "multiplicidade de caminhos também dentro de um mundo onde o capitalismo existia e se tornava uma força dominante" (Shanin, 2017, p. 67). Isso porque a ideia de um único caminho possível em momento algum é defendida por Marx em *O Capital* — esse tipo de esforço está ao mesmo além e aquém da função da obra. 'Além' porque ali o autor parte em uma empreitada bastante específica de apreender e reproduzir o ser propriamente assim da sociedade capitalista, isto é, sua existência efetiva, sem se dedicar a uma teoria da história humana em geral. 'Aquém' porque não consegue chegar à radicalidade da crítica marxiana e de seu *rapport* com a realidade.

Mais maintenant revenons à nos moutons[xxxviii]. Depois de trazer um pequeno apanhado sobre a assim chamada acumulação originária, Marx se

xxxviii. *Mas agora retornemos ao nosso assunto.*

dedica a criticar a forma como seu esquema histórico era aplicado à Rússia. Primeiro, Marx traz a conclusão que seria, a seu ver, a mais óbvia para a Rússia e a única possível a partir da leitura de *O Capital*:

> Se a Rússia tende a tornar-se uma nação capitalista a exemplo das nações da Europa ocidental – e durante os últimos anos ela se esforçou muito nesse sentido –, não será bem-sucedida sem ter transformado, de antemão, uma boa parte de seus camponeses em proletários; e, depois disso, uma vez levada ao âmago do regime capitalista, terá de suportar suas leis impiedosas como os demais povos profanos. Isso é tudo! (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 56).

Trata-se daquilo que já afirmamos anteriormente, isto é, que uma vez consolidado o capitalismo na Rússia, os russos teriam que suportar as mesmas leis que regiam a produção capitalista dos "povos profanos" como os ingleses. Note-se como aqui ele reitera que "o país industrialmente mais desenvolvido não faz mais do que mostrar ao menos desenvolvido a imagem de seu próprio futuro". Mas para que ela pudesse efetivamente se tornar capitalista, a grande massa dos camponeses russos deveria ser transformada em proletariado, isto é, deveriam ser separados dos meios de produção. Mas sobre como isso se daria, não há como chegar à conclusão alguma apenas lendo o Capítulo XXIV. Apenas o estudo da concretude da realidade russa nos permitiria chegar a conclusões específicas sobre esse processo. Não cabia, partindo apenas da leitura do Capítulo XXIV, chegar a conclusões mais exatas sobre a Rússia, pois naquela obra, o autor apenas nos oferece um esboço geral sobre a gênese do capitalismo partindo do caso inglês. Ele aqui não fala como se daria a transformação dos camponeses russos em proletariado porque não é possível afirmar nada de certo sobre isso apenas partindo apenas da leitura do Capítulo XXIV. Se começo da carta Marx traz sua posição sobre a comuna agrária foi apenas porque por vários anos ele vinha estudando a questão, não se tratando de qualquer dedução lógica ou aplicação de uma teoria.

"Mas isso é pouco para o meu crítico" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 56), Marx continua. Ao invés de limitar-se à conclusão que se poderia chegar, transformou-se seu "esquema histórico da gênese do capitalismo na Europa ocidental em uma teoria histórico-filosófica do curso geral fatalmente imposto a todos os povos, independentemente das circunstâncias históricas

nas quais eles se encontrem" (Marx, 2013, p. 56). Isso porque Marx dedicava-se a, como ele mesmo expõe na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, "apreender a lógica específica do objeto específico" (Marx, 2005, p. 108), isto é, "desvendar os nexos imanentes aos 'objetos reais'" (Chasin, 2009, p. 72). A partir da Crítica de Kreuznach (43/44), quando se opera a virada ontológica apontada por J. Chasin, Marx se guia pela investigação da "lógica imanente e seus próprios nexos, não em consequência formal e linear de […] uma simples e mera reorganização da subjetividade do autor" (Chasin, 2009, p. 58). Em outras palavras, o pensamento marxiano a partir de 1843/44 passa sempre a se subsumir criticamente "aos complexos efetivos, às coisas reais e ideais na mundanidade" (Chasin, 2009, p. 58), no intuito de reproduzir na teoria o movimento do real.

Em virtude desse talhe ontológico que caracteriza a obra de Marx desde a década de 1840, seria impensável ver no seu esboço histórico uma tentativa de um tipo de postulado apriorístico sobre o "curso geral fatalmente imposto a todos os povos", desconsiderando todas as determinações concretas de cada povo em particular. Apenas mergulhando-se nas determinações concretas e particulares da realidade de cada povo é que se poderia dizer qualquer coisa sobre o caminho a ser percorrido "para acabar chegando à formação econômica que assegura, com o maior impulso possível das forças produtivas do trabalho social, o desenvolvimento mais integral possível de cada produtor individual" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 56). Diante dessa expectativa, sentia-se "tão honrado quanto ofendido" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 56). Honrado, talvez porque seu crítico assim lhe atribuiria a capacidade quase divina de conseguir prever o futuro de todos os povos por meio de um "simples" esboço. Ofendido pela grave incompreensão de sua obra.

Como já mencionado acima, essa carta nunca foi enviada por Marx ao comitê editorial da revista. Engels considerava a explicação para isso bastante simples e tendemos a concordar com ele, como já indicamos anteriormente. Entretanto, Haruki Wada sugere que haveria uma razão mais profunda por trás

do não envio da carta por Marx, uma que estaria relacionada ao próprio curso do pensamento de Marx no fim da década de 1870. Segundo o comentarista japonês,

> a reprovação que Marx aponta para Mikhailovsky está, evidentemente, bem afastada do alvo e é irrelevante, porque a interpretação deste último não pode ser vista como um erro total. Foi Marx, na realidade, quem passou por uma mudança significativa depois que escreveu a primeira edição alemã de *O Capital* (Wada, 2017, p. 101).

Como já é possível se perceber pelos trechos trazidos aqui, Wada considera que antes da década de 1870, Marx de fato sustentava a posição que lhe foi atribuída por Mikhailovsky no artigo *Karl Marx ante o tribunal do sr. Zhukovsky*, inclusive no volume I de *O Capital*, e que entre 1869 e 1878 o autor renano iria se distanciar do suposto esquematismo manifesto até então. Especificamente sobre a Rússia, Wada considera que as críticas feitas por Marx a Herzen em 1867, sobretudo à forma como o populista russo via a *obshchina* como uma manifestação da particularidade russa, deviam-se ao fato de que Marx naquele momento "supunha que a Rússia, assim como a Alemanha, seguiria o exemplo da Inglaterra" (Wada, 2017, p. 81). Portanto, para Wada a posição que Mikhailovsky atribui ao autor de *O Capital* de fato seria a posição de Marx em um dado momento, de modo que em 1878 Marx só discordaria da leitura de Mikhailovsky porque entre 1867 e 1878 o próprio Marx teria mudado de forma expressiva seu pensamento. Wada considera que o próprio Marx teria então se dado conta disso, de modo que a verdadeira razão pela qual Marx não enviou o texto seria porque teria visto "algo de errado em sua crítica a Mikhailovsky" (Wada, 2017, p. 102).

Contudo, consideramos essa interpretação incorreta. Nem em 1867, nem em 1878 a interpretação que Mikhailovsky trazia para *O Capital* correspondia com a posição de Marx, como tentamos demonstrar, e tampouco a reprovação de Marx quanto àquela leitura que se fazia da obra não era derivada de uma "mudança significativa" pela qual o autor teria passado desde 1867. Como vimos, no texto de 1878 o autor não expressa nenhuma visão que indique um afastamento das ideias expostas em 1867. Pelo contrário, há

evidente continuação. Entretanto, não há nada que sustente essa sua hipótese, muito menos algo que sugira que a razão dada por Engels não seria a verdadeira. Parece-nos muito mais razoável seguir a razão dada por Engels, companheiro e colaborador de longa data de Marx, do que ceder a especulações de biógrafos cem anos depois da morte do autor.

É preciso lembrar ainda que quando fora publicado na Rússia, *O Capital* apenas escapara ao pente dos censores do tsar porque consideraram que, embora Marx fosse um conhecido comunista, a obra não poderia "ser qualificada de acessível a todos" (Marx *In.* Marx & Engels, 2020, p. 306), como o autor certa vez escreveu a Friedrich Sorge. Entretanto, o que diriam esses censores se a *Otechestvennye zapiski* publicasse um texto do famoso "Dr. Vermelho" não apenas tratando da Rússia e da propriedade comunal de forma tão clara, mas também ecoando as ideias de Nikolai Chernyshevsky, teórico que estava desde 1862 exilado na Sibéria por seus escritos de economia política?

Ademais, como veremos mais à frente, as críticas de Marx às leituras que alguns russos faziam de *O Capital*, sobretudo do capítulo XXIV, não passaram por alguma mudança substancial entre 1878 e 1881, quando o autor responde a carta de Vera Zasulich. Se Marx via algo de errado em suas críticas a Mikhailovsky, sua argumentação sobre a questão da comuna em 1881 haveria de ter modificações expressivas em relação ao posicionamento expresso em 1878, o que de fato não acontece. Tampouco poderíamos ver nas alterações na redação do volume I de *O Capital* da edição alemã de 1867 para a tradução francesa iniciada em 1872, como sugere Faria (2017). Sobre essa teoria, esse autor diz que

> outro argumento para o engavetamento dos esboços por Marx seria o reconhecimento da pertinência das críticas de Mikhailovsky, ou mesmo da inconsistência de sua própria resposta (WADA, 1983, p. 60), críticas as quais já tinham sido feitas pelo filósofo a si mesmo, como dito acima, conforme se pode notar pelas revisões na edição francesa de *O Capital* (ANDERSON, 2010, p. 171), edição que é tomada por base para a resposta não só aos ataques de seu crítico, mas também como para a resposta a Zasulich, alguns anos depois (Faria, 2017, p. 129).

Ou seja, Faria parece acolher a razão dada por Wada e chega mesmo a sugerir que as modificações feitas por Marx no texto da tradução francesa evidenciariam uma concordância por parte do autor alemão em relação ao tipo de crítica feita por Mikhailovsky. E sobre essas revisões, o autor diz o seguinte:

> Identificando no texto de Mikhailovsky um ataque às suas ideias, o que suprime qualquer fundamento possível para a leitura de Riazanov, Marx se apressa em preparar um revide, redigindo uma breve, mas pesada, epístola, em que cintilam pontos de surpreendente concordância com as posições de seu próprio oponente, ao qual o filósofo busca sintomaticamente responder valendo-se de uma edição do texto criticado, seu livro *O Capital*, em que já foram sanados os problemas apontados pelo crítico, sua edição francesa, vinda à luz entre os anos de 1872 e 1875, marcada por importantes revisões no que diz respeito ao fulcro da crítica do perspicaz do pensador e publicista russo (Faria, 2017, p. 129).

Aqui, o autor muito provavelmente se refere à retirada da crítica a Herzen, o acréscimo do elogio a Chernyshevsky e a alteração na primeira parte do que viria a se tornar o Capítulo XXIV. Entretanto, como vimos anteriormente, se olharmos bem as alterações na redação da introdução do Capítulo XXIV e as compararmos à redação original, a modificação não é tão expressiva como o autor sugere. Ademais, as críticas de Mikhailovsky não tinham muito fôlego nem se feitas em relação ao texto original, de maneira que as mudanças na redação não permitem a sugestão de que Marx teria tido um momento no qual havia feito ao texto de 1867 as mesmas críticas do *narodniki* e que teria sido por isso que fez as revisões mencionadas. E como já ressaltamos acima, o fato de Marx ter feito uso da tradução francesa é facilmente explicado por uma razão muito mais simples: a carta fora também escrita em francês, de maneira que o uso da tradução francesa seria muito mais uma questão de comodidade do que por outra razão. O autor continua:

> É importante observar, com o amparo do Preâmbulo apresentado acima, que as revisões de Marx em sua edição francesa não ferem de qualquer modo os fundamentos mais profundos em que se ampara o livro em questão, sedimentados ao longo de quatro décadas, conferindo-lhe apenas uma melhora discursiva em determinados e delicadíssimos pontos. O que ocorre é uma formulação mais precisa de determinadas ideias, para que não deem margem a interpretações deterministas, de cunho naturalista ou mistificador, já vistas pelo autor como possíveis, desvirtuando, desse modo, seus lineamentos mais basilares, decorrentes justamente da crítica destas correntes filosóficas (Faria, 2017, p. 128-129).

Aqui é mais razoável a explicação do autor, embora seja necessário cuidado quando atribuímos uma razão específica para essas modificações, sobretudo porque o autor nunca esclareceu exatamente as razões dessas revisões, além de que a "margem" para essas "interpretações deterministas, de cunho naturalista ou mistificador, já vistas pelo autor como possíveis" seja questionável. Se lermos as cartas escritas por Marx sobre a edição francesa, o autor de fato aponta para modificações consideráveis na tradução da obra do alemão para o francês, bem como explica que fez várias delas para facilitar a exposição da obra para o público da França, deixando o texto com "um estilo familiar para o público francês" (Marx *In.* Marx & Engels, 2020, p. 304).

Em uma carta de 1875 a Pyotr Lavrov, Marx de fato menciona alterações substanciais nos capítulos sobre a acumulação (Marx *In.* Marx & Engels, 2020, p. 313), mas essas alterações muito provavelmente se referem não tanto à pequena reelaboração do parágrafo que trouxemos acima, mas provavelmente aos extensos acréscimos que o autor fez ao texto que compunha a seção VI da primeira edição. Por demais, depois de 1867 o autor acrescentou também diversas páginas ao texto original do capítulo sobre a assim chamada acumulação originária, de modo que muito bem poderia estar se referindo a isso. Não podemos nos esquecer ainda que já em novembro de 1867, antes do contato de Marx com a literatura *narodniki*, em uma carta a Victor Schily, o autor apontava a necessidade de se fazerem alterações no texto alemão para a tradução francesa (Marx *In.* Marx & Engels, 2020, p. 231). Mas deixemos de lado essas especulações.

Marx termina sua argumentação na carta de 1878 com um exemplo.

> Em diferentes pontos de O capital fiz alusão ao destino que tiveram os plebeus da antiga Roma. Eles eram originalmente camponeses livres que cultivavam, cada qual pela própria conta, suas referidas parcelas. No decurso da história romana, acabaram expropriados. O mesmo movimento que os separa de seus meios de produção e de subsistência implica não somente a formação da grande propriedade fundiária, mas também a formação dos grandes capitais monetários. Assim sendo, numa bela manhã (eis aí), de um lado homens livres, desprovidos de tudo menos de sua força de trabalho, e do outro, para explorar o trabalho daqueles, os detentores de todas as riquezas adquiridas. O que aconteceu? Os proletários romanos não se converteram em trabalhadores assalariados, mas numa "*mob* [turba]"

> desocupada, ainda mais abjetos do que os assim chamados "*poor whites* [brancos pobres]" dos estados sulistas dos estados Unidos, e ao lado deles se desenvolve um modo de produção que não é capitalista, mas escravagista (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 56).

O autor compara o destino dos plebeus romanos no decorrer da história de Roma ao destino dos camponeses ingleses na assim chamada acumulação originária. Assim como os camponeses ingleses, os plebeus eram originalmente camponeses livres e que cultivavam por conta própria suas referidas parcelas de terra. Isto é, em ambos os casos, os produtores diretos "se relacionavam às condições naturais do trabalho como proprietários" (Marx, 2011a, p. 392), embora a forma de propriedade seja diferente no caso romano e no inglês, bem como de seus pressupostos. E assim como se passou com o pequeno proprietário de terras inglês ao longo da história da assim chamada acumulação originária, o plebeu romano foi em um dado momento expropriado. Em razão desse mesmo processo que separou o plebeu romano de seus meios de produção e subsistência, ocorreu "não somente a formação da grande propriedade fundiária, mas também a formação dos grandes capitais monetários" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 56), ou seja, um movimento semelhante ao que vemos na história da assim chamada acumulação originária.

Mas o que ocorreu com esses camponeses livres romanos que foram separados da posse da terra? Aconteceu que ao invés de se converterem em assalariados (como se passou na história da assim chamada acumulação originária), esses plebeus romanos se tronaram uma "mob [turba]" desocupada, ainda mais abjetos do que os assim chamados 'poor whites [brancos pobres]' dos estados sulistas dos estados Unidos" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 56). Tampouco se desenvolveu em Roma um modo de produção capitalista, fundado na venda e na compra da força de trabalho, mas uma produção baseada na escravidão (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 56).

O que isso nos mostra?

> Portanto, acontecimentos de uma analogia que salta aos olhos, mas que se passam em ambientes históricos diferentes, levando a resultados totalmente díspares. Quando se estuda cada uma dessas evoluções à parte, comparando-as em seguida, pode-se encontrar

> facilmente a chave desse fenômeno. Contudo, jamais se chegará a isso tendo como chave-mestra uma teoria histórico-filosófica geral, cuja virtude suprema consiste em ser supra-histórica (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 56-57).

Como nos explica Marx, embora se trate de "acontecimentos de uma analogia que salta aos olhos" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 56), o fato de terem se passado em ambientes históricos tão distintos como na Roma Antiga e na Inglaterra dos séculos XV ao XVII produziu resultados bastante díspares. Todavia, adiciona Marx, isso não significa que depois de termos analisado cada uma dessas evoluções à parte e depois as comparado não seja possível "encontrar facilmente a chave desse fenômeno" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 56). Mas à essa chave nunca poderemos chegar por meio de uma "chave-mestra uma teoria histórico-filosófica geral, cuja virtude suprema consiste em ser supra-histórica" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 57).

O que isso dizia sobre a Rússia? Ora, mesmo que possamos ver uma analogia entre a história das comunas agrárias na Europa, onde elas haviam desaparecido quase que completamente no fim do século XIX, e a comuna agrária russa, não significava que, na Rússia, chegaríamos ao mesmo resultado que na Europa. Do mesmo modo, ainda que fosse possível ver paralelos entre a história da separação dos camponeses da Europa Ocidental e seus meios e condições de subsistência e o que ocorria na Rússia desde 1861 com o esmagamento da comuna agrária russa, não era possível dizer que na Rússia necessariamente veríamos a mesma evolução que vimos, por exemplo, na Inglaterra entre os séculos XV e XVII. E por quê? O ambiente histórico russo em 1880 era absolutamente distinto do inglês no começo da época conhecida como Era Moderna, cada qual com suas condições materiais próprias.

Ainda que pudéssemos encontrar a chave geral do fenômeno, isto é, da separação entre produtor direto e as condições naturais do trabalho e os meios de produção, não poderíamos fazê-lo sem antes analisar cada fenômeno separadamente e suas particularidades, isto é, considerar as diferenças específicas. Uma "teoria histórico-filosófica geral, cuja virtude suprema consiste em ser supra-histórica" que sirva de chave-mestra, isto é,

que abstrai das especificidades de cada fenômeno histórico particular, nunca nos permitiria chegar à real "chave geral do fenômeno". A própria experiência da história já nos mostrava que não poderíamos fazê-lo, como vimos no caso dos plebeus romanos. Nesse sentido, o autor nos adverte contra fazer uso do esquema histórico da assim chamada acumulação originária contido no capítulo XXIV de *O Capital* como se fosse uma "teoria supra-histórica" (algo que não era), aplicando-a como uma chave-mestra para entender a situação da *obshchina* apesar das particularidades do contexto romano na decadência da República ou do final do século XIX na Rússia. Descurar-se dessas diferenças específicas implica na desconsideração da própria historicidade da produção.

Marx não está trazendo aqui algo de necessariamente novo, eis que já falava algo semelhante em 1857-58 nos *Grundrisse*, quando na introdução ele trata da "produção geral" e de abstrações razoáveis. Em sua crítica ao uso da 'produção em geral' pelos economistas da época, afirma Marx que sempre quando se fala em produção se está sempre falando em um modo de produção determinado, em um dado "estágio de desenvolvimento social — da produção de indivíduos sociais" (Marx, 2011a, p. 41). Em função do fato de que a produção é sempre historicamente situada, poderia parecer que "para poder falar em produção em geral, deveríamos seja seguir o processo histórico de desenvolvimento em suas distintas fases, seja declarar por antecipação que consideramos uma determinada época histórica" (Marx, 2011a, p. 41). Em outras palavras, poderia parecer que não é possível falar na produção de forma geral, na 'produção geral,' sem que estejamos cometendo o equívoco de se assumir um dado modo de produção como ponto de partida da história, tomando por determinações da 'produção em geral' as determinações de um dado momento específico da produção material na história humana. Seria, portanto, cometer o disparate apologético de Bastiat e Carey, que nada mais faziam senão se esforçar por demonstrar a eternidade e harmonia da produção capitalista, de modo que na mão desses economistas todo instrumento de produção e trabalho objetivado se torna capital (Marx, 2011a, p. 41).

Entretanto, isso não significa que Marx descarta a 'produção em geral' como irrazoável ou mero instrumento de sicofantas. Pelo contrário, a 'produção em geral' como a síntese das características em comum a todas as épocas da produção, e não como eternização de um modo de produção específico, torna-se uma abstração razoável e uma de enorme importância. Ela o "é na medida em que efetivamente destaca e fixa o elemento comum, poupando-nos assim da repetição" (Marx, 2011a, p. 41). Ou seja, a abstração só é razoável nesse caso pelo fato de existirem efetivamente elementos comuns às diferentes formas históricas da produção social, de maneira que a produção comum destaca e fixa esses elementos. Ela permite, portanto, que, ao identificar esses elementos como comum, ao estudar os modos de produção particulares, podemos nos dedicar à análise apenas do que lhes é particular, pois somos poupados da repetição. Contudo, mesmo esse 'universal' ou o "comum isolado por comparação" (Marx, 2011a, p. 41) não é exatamente 'uniforme', pois ele mesmo " é multiplamente articulado, cindido em diferentes determinações" (Marx, 2011a, p. 41). Isso na medida que existem determinações que são comuns a todas as épocas, algumas a apenas algumas e outras comuns apenas à época moderna e à antiga, como explica Marx. Dessa maneira, como esclarece Chasin, a razoabilidade de uma abstração como a produção geral "se manifesta, pois, quando retém e destaca *aspectos reais*, comuns às formas temporais de entificação dos complexos fenomênicos considerados" (Chasin, 2009, p. 124) [destaque do original], constituindo-se em "algo geral extraído das formações concretas, posto à luz pela força de abstração, *mas não produzido por um volteio autônomo da mesma, pois seu mérito é operar subsumida à comparação dos objetos que investiga*" (Chasin, 2009, p. 124) [destaque nosso].

Marx afirma então que

> Nenhuma produção seria concebível sem elas; todavia, se as línguas mais desenvolvidas têm leis e determinações em comum com as menos desenvolvidas, a diferença desse universal e comum é precisamente o que constitui seu desenvolvimento. As determinações que valem para a produção em geral têm de ser corretamente isoladas de maneira que, além da unidade – decorrente do fato de que o sujeito, a humanidade, e o objeto, a natureza, são os mesmos

> –, não seja esquecida a diferença essencial. Em tal esquecimento repousa, por exemplo, toda a sabedoria dos economistas modernos que demonstram a eternidade e a harmonia das relações sociais existentes (Marx, 2011a, p. 41).

Para que fique mais claro o que isso quer dizer, vejamos o exemplo dado por Marx:

> Por exemplo: nenhuma produção é possível sem um instrumento de produção, mesmo sendo este instrumento apenas a mão. Nenhuma produção é possível sem trabalho passado, acumulado, mesmo sendo este trabalho apenas a destreza acumulada e concentrada na mão do selvagem pelo exercício repetido. O capital, entre outras coisas, é também instrumento de produção, também trabalho passado, objetivado [*objektivierte*]. Logo, o capital é uma relação natural, universal e eterna; quer dizer, quando deixo de fora justamente o específico, o que faz do "instrumento de produção", do "trabalho acumulado", capital. Por essa razão, toda a história das relações de produção aparece em Carey, por exemplo, como uma maliciosa falsificação provocada pelos governos (Marx, 2011a, p. 41).

A necessidade de instrumentos de produção e o trabalho acumulado são as determinações que valem para a produção em geral, dado que são aspectos universais e comuns a épocas diferentes da produção humana. Caso não nos atentemos a aquilo que torna o capital uma forma específica de instrumento de produção e de trabalho objetivado, o que o separa do universal e comum, chega-se à falsa conclusão de que capital é uma determinação geral da produção. Capital torna-se, portanto, uma "relação natural, universal e eterna" ao invés de um desenvolvimento específico e determinado do aspecto que é comum a todos os modos de produção social. Nesse sentido, conseguir distinguir aquilo que é comum, isto é, a identidade daquilo que constitui a particularidade, a diferença específica é essencial para que não se incorra no mesmo equívoco dos economistas clássicos que viam a produção capitalista em toda época que analisavam. Afinal, como Marx já dizia em seus comentários críticos à *Filosofia do Direito* de Hegel, "uma explicação que não

dá a *differentia specifica* não é uma explicação" (Marx, 2010, p. 34)[xxxix]. Podemos até mesmo comparar dois momentos distintos da produção humana e encontrar determinações que lhes são comuns, isto é, identificar uma certa unidade entre eles, mas não podemos nunca fazê-lo sem nos atentarmos a aquilo que é específico de cada um. Destarte, como salienta J. Chasin,

> a consideração das diferenças específicas é, pois, uma exigência fundamental, decorrente do critério ontológico de abordagem, tendo presente que a distinção ou a identidade de certa formação de qualquer tipo é dada, precisamente, por aquilo que a diferencia dos elementos gerais e comuns copertencentes às demais que integram o mesmo conjunto. […] Por decorrência, ignorar a diferença essencial é perder de vista os objetos reais e com isso o horizonte do pensamento de rigor, tal como os economistas que naturalizam e perenizam a sociedade capitalista, pondo de lado exatamente o que nela é específico (Chasin, 2009, p. 125).

Retornando ao nosso objeto, vê-se, portanto, como bem antes da década de 1870-80, Marx já demonstrava evidente atenção não apenas à historicidade das relações humanas, mas principalmente à necessidade de se atentar às diferenças específicas quando se analisa comparativamente dois fenômenos distintos buscando aspectos comuns a eles. Trata-se de um aspecto que reiterado em 1878 quando o autor evidencia a importância da correta apreensão as especificidades da Rússia para que se pudesse dizer algo sobre a comuna agrária russa, ainda que pudéssemos ver paralelos com a história da Europa Ocidental. Além disso, em 1878 podemos ver ecos das considerações marxianas de 1857-58 acerca da das abstrações razoáveis quando Marx critica a transformação do esquema histórico da assim chamada acumulação originária em uma "teoria histórico-filosófica" supra-histórica, o que seria uma abstração das mais desarrazoadas, na medida que completamente

xxxix. "Quando eu digo: 'Esse organismo (organismo do Estado, a constituição política) é o desenvolvimento da Ideia em suas distinções etc.', não sei ainda absolutamente nada sobre a ideia específica da constituição política; a mesma sentença pode ser dita, com a mesma verdade, tanto do organismo animal quanto do organismo político. em que se diferencia, portanto, o organismo animal do organismo político? Tal distinção não resulta dessa determinação universal. Mas uma explicação que não dá a *differentia specifica* não é uma explicação. O único interesse é, pura e simplesmente, reencontrar "a Ideia", a "Ideia lógica" em cada elemento, seja o do Estado, seja o da natureza, e os sujeitos reais, como aqui a "constituição política", convertem-se em seus simples nomes, *de modo que há apenas a aparência de um conhecimento real, pois esses sujeitos reais permanecem incompreendidos, visto que não são determinações apreendidas em sua essência específica*" (Marx, 2010, pp. 33-34) [destaque nosso].

ignora as diferenças essenciais. De modo similar, também vemos ecos dos *Grundrisse* quando Marx trata da possibilidade de se encontrar a chave geral de fenômenos análogos como o caso dos plebeus romanos e os camponeses da Europa Ocidental nos séculos XV-XVII, o que de forma alguma se poderia fazer sem se atentar às particularidades de cada caso.

Nesse sentido, já podemos ver que as afirmações como as de Shanin e de Wada, de que teria ocorrido uma grande inflexão no pensamento de Marx depois de *O Capital* são, no mínimo, superlativizantes. Shanin sugere que teria sido apenas no último período da obra marxiana, isto é, o período depois da publicação do volume I, que o autor teria dado "um novo passo para uma conceituação mais complexa e realista da heterogeneidade global das formas sociais, suas dinâmicas e interdependências associativas" (Shanin, 2017, p. 30).

Contudo, caso olhemos apenas os poucos trechos de *O Capital* trazidos aqui (que são justamente os apontados por autores como Shanin e Wada para comprovar suas teses), já é possível ver que afirmações desse tipo partem muito mais de leituras inadequadas da obra de Marx do que efetivamente de um suposto talhe unilinear do texto. Isso não significa que não haja qualquer desenvolvimento posterior na teoria marxiana depois da publicação do livro I. Muito pelo contrário, nos 16 anos depois da publicação dessa obra Marx nunca deixou de se dedicar à pesquisa, mesmo quando acometido por problemas de saúde e tragédias familiares. Entretanto, não vemos razão alguma para contrapor esses trabalhos da década de 1870-80 ao primeiro tomo da crítica da economia política como parecem fazer Shanin e Wada, sobretudo quando se sabe que o livro I é o primeiro capítulo da empreitada à qual Marx se dedicaria até sua morte em 1883 e o único dos três volumes que foi completamente escrito e editado pelo próprio autor.

IV. A batalha das Fúrculas Caudinas do capitalismo: a carta a Vera Zasulich e seus esboços

1. A carta de Vera Zasulich a Marx: o que faremos?

Em fevereiro de 1881, alguns dias antes do assassinato do tsar Alexandre II pelo comitê executivo da *Narodnaia volia* e poucos meses antes da dissolução da *Chernyi peredel* e de seu jornal, exilados em Genebra, Leo Deich e Vera Zasulich decidiram que Vera deveria escrever uma carta a Marx em nome de seus companheiros *chernoperedeltsy*. Na carta, pediria ao autor de *O Capital* que ele expusesse suas percepções sobre a comuna agrária russa e seu provável destino[xl] na forma de um texto que pudesse ser publicado no periódico da *Chernyi peredel*. Com isso, Deich e Zasulich buscavam oferecer aos russos a resposta 'definitiva' de Marx sobre qual deveria ser o papel da comuna agrária no caminho da Rússia em direção ao socialismo, ou se é que ela deveria ter um papel nisso, tal como argumentariam os já mencionados 'defensores do capitalismo na Rússia' contra o populismo.

Antes de tudo, é importante ressaltar que, embora em 1883 fossem romper definitivamente com o *narodnichestvo*, no começo de 1881, Zasulich e Deich ainda partilhavam das posições populistas acerca da possibilidade de que o desenvolvimento socialista na Rússia partisse da comuna agrária russa. Mas é importante reconhecer também que, se no final de 1879 havia sido uma crença inflexível naquela solução populista que em parte motivara o

---

xl. Недели три тому назад мы задумали, чтобы Вера [Засулич] обратилась к Марксу с письмом, в котором бы спросила его: какова судьба русской общины, должна ли она распасться и прочее, и просила бы его написать специальную брошюру по этому поводу, которую мы издадим. Сегодня получился его ответ, брошюру он уже пишет для «Петербургского исполнительного комитета», так как [последний] его уже просил об этом же несколько месяцев тому назад. Чтобы вы не усомнились в верности слов Маркса в ответ на вопрос Веры, списываю вам [письмо] слово в слово...

[*Há cerca de três semanas decidimos que Vera [Zasulich] recorreria a Marx com uma carta na qual lhe perguntaria: qual é o destino da comunidade russa, se ela deveria se desintegrar, etc., e pedindo-lhe para escrever um folheto especial sobre este assunto, o qual iríamos publicar. Hoje chegou a sua resposta. Ele já está escrevendo um folheto para o "comitê executivo de Petersburgo", uma vez que [este último] já havia lhe pedido isso há alguns meses. Para que você não duvide da exatidão das palavras de Marx em resposta à pergunta de Vera, eu lhe transcrevo [a carta] palavra por palavra...*] (Deich & Zasulich a G. V. e R. M. Plekhanov, *In.* Vários autores, 1969, pp. 192-193; tradução livre).

rompimento dos *chernoperedeltsy* com a seção da *Zemlia i volia* a partir da qual surgiu a *Narodnaia volia*, naquele mês de fevereiro de 1881, os membros da *Chernyi peredel* já não pareciam ter a mesma certeza quanto às possibilidades para a comuna agrária russa, e em grande parte podemos atribuir isso ao modo como o grupo se apropriou das ideias expostas por Marx em *O Capital*. À medida que se aproximavam do marxismo, parecia-lhes haver uma certa incompatibilidade entre aquilo que Marx expunha em sua crítica da economia política e a tese populista de que a *obshchina*, uma forma arcaica de propriedade da terra, poderia servir de base para socialismo, e isso em uma Rússia onde a produção capitalista mal se colocava sobre seus próprios pés. Parecia que a solução lógica para a questão era que não seria possível socialismo na Rússia quando Marx pontuava que a superação do capitalismo pelo socialismo partiria das forças produtivas engendradas pelo próprio regime de produção capitalista[xli].

Ademais, não havia Marx declarado no prefácio da primeira edição alemã de *O Capital* que "o país industrialmente mais desenvolvido não faz mais do que mostrar ao menos desenvolvido a imagem de seu próprio futuro" (Marx, 2017a, p. 78) e que "ainda que uma sociedade tenha descoberto a lei natural de seu desenvolvimento […], ela não pode saltar suas fases naturais de desenvolvimento, nem suprimi-las por decreto" (Marx, 2017a, p. 79)? E a questão ganhava novos nível de complexidade para os *chernoperedeltsy*, dado que sabiam bem que a ideia de que o capitalismo era um desenvolvimento inevitável na Rússia era uma linha de pensamento muito próxima da argumentação dos liberais contra os quais se digladiavam desde os tempos da *Zemlia i volia*, isto é, de que a produção baseada na *obshchina* deveria ser desmantelada para ceder lugar para a moderna produção capitalista, pois esse seria o caminho da história.

xli. É interessante notar que, se na Europa Ocidental, Marx de modo algum era um autor famoso, ao menos não como poderíamos imaginar no século XXI, na Rússia, apesar dos obstáculos da censura, o autor experimentou certa popularidade nos círculos mais progressistas da sociedade russa, tendo se tornado uma importante referência teórica para os socialistas russos. O interesse dos russos em Marx era tão evidente que a primeira tradução de *O Capital* foi a russa, poucos anos desde a publicação da primeira edição alemã de 1867, inclusive para grande surpresa de Marx.

Mas ao mesmo tempo que tomavam consciência disso tudo, esses *narodniks* sabiam também que os próprios tradutores russos de *O Capital*, Nikolai Danielson e German Lopatin, eram importantes teóricos do *narodnichestvo*. Estavam cientes ainda da amizade de Marx com conhecidos *narodniks*, como Piotr Lavrov e Danielson (embora Danielson mesmo dissesse que não era *narodniki*), bem como da admiração que o autor da *Miséria da Filosofia* cultivava por Nikolai Chernyshevsky, que indiscutivelmente era um dos autores mais influentes para o *narodnichestvo*. Em razão disso tudo, parece-nos adequada a colocação de Maximilien Rubel de que "la lecture du *Capital* traduit en russe dès 1872 […] devait ébranler leurs convictions les plus chères concernant la possibilité pour leur pays de devancer les nations de l'Occident sur la voie vers le socialisme[xlii]" (Rubel, 1947, p. 2).

Essa aflição e busca urgente por respostas são evidentes na carta que Vera Zasulich preparou em nome de seus companheiros da *Chernyi peredel*. A jovem revolucionária começa sua missiva ressaltando a importância de *O Capital* para seus leitores russos, apontando que "apesar do confisco da edição, os poucos exemplares que restaram são lidos e relidos pela massa de pessoas mais ou menos instruídas de nosso país – há homens sérios que o estudam" (Zasulich *In.* Marx & Engels, 2013, p. 65). Esse relativo sucesso da obra entre os russos era algo que Zasulich presumia que fosse de conhecimento de Marx, o que de fato era, como podemos ler em em uma carta de Marx a Ludwig Kugelmann, escrita na época da tradução russa de sua obra, nas quais ele remarca com certa surpresa o fato de ter sido russa a primeira tradução do livro I (*cf.* Marx *In.* Marx & Engels, 2020, p. 273).

Entretanto, Vera continua, algo do qual Marx talvez não estivesse ciente era o "papel que desempenha [vosso] *O Capital* nas discussões sobre a questão agrária na Rússia e sobre a nossa comuna rural" (Zasulich *In.* Marx & Engels, 2013, p. 65). Zasulich fala ainda em como essa era uma questão cuja urgência para os russos Marx certamente não ignorava, referindo-se à posição

xlii. *A leitura do Capital, traduzido para o russo desde 1872 […], abalava suas convicções mais caras sobre a possibilidade de seu país ultrapassar as nações do Ocidente no caminho rumo o socialismo* [tradução nossa].

de Chernyshevsky sobre o assunto, que Marx decerto conhecia, e que as ideias do autor russo continuavam a ser exploradas pela "literatura avançada" na Rússia, "como, por exemplo, os artigos da Отечественныя Записки [Notas Patrióticas]" (Zasulich *In.* Marx & Engels, 2013, p. 66). E como diz Zasulich, para ela e seus camaradas a questão agrária e o destino da *obshchina* era uma de enorme urgência, uma "de vida ou morte" (Zasulich *In.* Marx & Engels, 2013, p. 66), colocando ainda que da posição de Marx "sobre essa questão depende até mesmo o nosso destino pessoal como socialistas revolucionários" (Zasulich *In.* Marx & Engels, 2013, p. 66). Afinal, a questão da comuna agrícola na Rússia era especialmente cara aos revolucionários da Repartição Negra, como o próprio nome do grupo indicava.

Note-se a maneira como Vera Zasulich deixa bastante evidente a inquietação da qual falamos acima. Consoante foi brevemente exposto no primeiro capítulo, a ideia de que a comuna agrária poderia servir de ponto de partida para o socialismo na Rússia era um ponto basilar no *narodnichestvo*, fazendo com que a possibilidade ou impossibilidade de se salvar a *obshchina* da desintegração havia se tornado uma discussão mais do que urgente no fim do século XIX. Não apenas isso, ela efetivamente poderia até mesmo determinar todo o curso de ação dos revolucionários da Rússia. Ademais, vale lembrar que em certa medida foi a questão da comunidade rural e a necessidade de voltar suas energias para reivindicações do camponês russo pela redistribuição de terras foi o principal ponto que levou Plekhanov, Deich e Zasulich a romperem com a *Zemlia i volia* e a formarem a *Chernyi peredel*. Tendo isso em vista, à medida que se aproximavam do marxismo, os *chernoperedeltsy* depositavam cada vez mais peso na posição de Marx sobre a comuna agrária, ou ao menos na que presumiam ser a posição do coautor do *Manifesto Comunista*[xliii].

Em seguida, Zasulich procede a apresentar bastante resumidamente as duas principais alternativas que os russos debatiam naquele momento

xliii. Isso se torna mais do que evidente nos trabalhos posteriores de Plekhanov, como podemos ver em *Nossas Diferenças*, texto escrito em 1885, quando já havia se constituído o grupo *Osvobozhdenie Truda*; *cf.* Plekhanov, 1977.

acerca do futuro da comuna agrária, dizendo que, ao seu ver, eram as únicas possíveis naquele momento. A primeira alternativa pressupunha que havia salvação possível para a *obshchina*, considerando que uma vez que ela fosse "liberada das exigências desmesuradas do fisco, dos pagamentos aos donos das terras e da administração arbitrária" (Zasulich *In.* Marx & Engels. 2013, p. 66), ela poderia "se desenvolver pela via socialista, quer dizer, de organizar pouco a pouco sua produção e distribuição de produtos sobre bases coletivistas" (Zasulich *In.* Marx & Engels. 2013, p. 66). Conforme expusemos em nosso pequeno esquema do *narodnichestvo* da década de 1870, essa era a posição da *Zemlia i volia*, compartilhada pela *Narodnaia volia* e pela *Chernyi peredel,* tendo sido fortemente inspirada pelas ideias de Nikolai Chernyshevsky. Com base nessa convicção, os esforços dos revolucionários socialistas na Rússia deveriam ser inteiramente direcionados para a "libertação da comuna e de seu desenvolvimento" (Zasulich *In.* Marx & Engels. 2013, p. 66), como coloca Vera Zasulich. Até aquele momento, essa era ainda a posição sustentada por Zasulich, Plekhanov e Akselrod, tratando-se de um dos objetivos fundamentais da Repartição Negra, embora também saibamos que que pouco tempo depois essa convicção no potencial da comuna agrária seria abandonada por eles.

A segunda alternativa partia do pressuposto de que o futuro da comuna agrária já estava dado, de que a desintegração seria seu curso natural e, *a fortiori*, inevitável. A *obshchina* estaria "destinada a perecer" (Zasulich *In.* Marx & Engels. 2013, p. 66). Nota-se um evidente fatalismo nessa posição, testemunhando a desintegração das comunidades agrícolas na Rússia quase como que um resultado de leis naturais, como se a afirmação das leis da história se desse tão independentemente da ação humana quanto a incidência da lei da gravidade. Nesse sentido, os socialistas russos haveriam apenas de se resignar diante dessa sina, limitando-se apenas a fazer

> cálculos mais ou menos mal fundamentados para descobrir em quantas dezenas de anos a terra do camponês russo passará de suas mãos para as da burguesia, em quantas centenas de anos, talvez, o capitalismo atingirá na Rússia um desenvolvimento

> comparável ao da Europa ocidental (Zasulich *In.* Marx & Engels. 2013, p. 66)[xliv].

Dito de outro modo, os socialistas deveriam apenas aguardar o desenvolvimento do capitalismo na Rússia, tão inevitável quanto a desintegração do *mir*. Apregoavam que "comuna rural é uma forma arcaica, condenada à morte" (Zasulich *In.* Marx & Engels. 2013, p. 66). Por conseguinte, o revolucionário russo deveria parar de lutar contra moinhos de vento: ele deveria se limitar a "fazer a propaganda apenas entre os trabalhadores das cidades, que por sua vez serão continuamente inundadas pela massa de camponeses, a ser lançada em seus paralelepípedos em busca de salário, como consequência da dissolução da comuna" (Zasulich *In.* Marx & Engels. 2013, p. 66). Os socialistas deveriam deixar totalmente de lado os camponeses e suas reivindicações específicas, dado que isso não seria nada mais do que um verdadeiro desperdício de energias revolucionárias, sobretudo porque a grande massa dos camponeses logo se tornaria parte da classe trabalhadora urbana. Assim, deveriam direcionar suas energias para o proletariado industrial. É importante destacar como isso era frontalmente oposto ao impulso inicial que originou a *Chernyi peredel*, que, no fim de 1879, insistia justamente na necessidade de se voltar ainda mais para os camponeses, considerando que a *Zemlia i volia* havia se afastado em demasia das raízes do *narodnichestvo*.

Sobre quem eram os defensores dessa segunda posição, Vera Zasulich diz que eles se declaravam discípulos de Marx, "por excelência: 'marxistas', sendo que "seu argumento mais forte muitas vezes é: 'foi Marx quem disse isso'" (Zasulich *In.* Marx & Engels. 2013, p. 66). Esses autodeclarados marxistas russos estavam convencidos de que a posição que sustentavam poderia ser deduzida de *O Capital*, ainda que ali o autor não tratasse da Rússia ou das comunas agrárias, sobretudo partindo do capítulo da assim chamada acumulação originária.

Seria aquela realmente a posição de Marx sobre a comuna agrária, indagavam-se os *chernoperedeltsy*. Seus discípulos russos estavam corretos

xliv. Curiosamente, a posição que Zasulich, Plekhanov e Akselrod viriam a adotar poucos anos depois não estava muito afastada dessa visão mecanicista da história.

em deduzir da *Crítica da Economia Política* de Marx que a dissolução da *obshchina* era uma fatalidade da história? Tendo exposto esse contexto, Vera pede que Marx expusesse suas "ideias sobre o possível destino de nossa comuna rural e sobre a teoria da necessidade histórica de que todos os países do mundo passem por todas as fases da produção capitalista" (Zasulich *In.* Marx & Engels. 2013, p. 66), as quais seriam traduzidas e publicadas na Rússia.

Marx escreveu sua resposta à carta de Vera Zasulich em março de 1881 e antes de redigir sua carta definitiva, ele fez quatro esboços, sendo os três primeiros rascunhos mais longos do que a versão final, ao passo que o quarto esboço foi abandonado logo no princípio. Analisaremos primeiro a resposta enviada por Marx e depois avançaremos para os esboços, que serão tratados em conjunto.

A abordagem mais comum ao se tratar desses textos é direcionar o foco principal nos esboços, sem dar muitas considerações sobre o que o autor optou por deixar de fora e o que optou por colocar na versão final. Entretanto, quando consideramos que a resposta enviada a Vera Zasulich foi o texto efetivamente preparado para publicação, ao contrário dos esboços, é necessário ter em conta de seu estatuto como texto. A versão do texto enviado era a que Marx preparou para expressar sua posição sobre a questão para o público russo, ao passo que os esboços são textos preliminares, contendo conclusões e reflexões mais provisórias, expressas talvez não da maneira que o autor não considerasse a mais adequada ou precisa.

Não se trata de negar a relevância desses três outros textos. Fosse isso, não nos dedicaríamos à análise pormenorizada deles — o faremos precisamente porque são textos que têm o potencial para elucidar alguns pontos que já geraram muita controvérsia no marxismo. Contudo, é necessário chamar atenção ao fato que deles não podemos tirar deles conclusões tão sólidas *à propos* da posição do autor, bem como que é igualmente importante a análise da versão efetivamente preparada para publicação.

2. A resposta de Marx: "*Chère Citoyenne*..."

A resposta enviada por Marx data do dia 8 de março de 1881 e foi enviada de Londres, onde residia com a família desde 1849. Marx começa a carta pedindo desculpas por não ter respondido mais cedo, pois a saúde debilitada o havia atrasado. Alguns intérpretes questionam essa explicação de Marx, apontando a extensão de três dos quatro esboços de resposta como prova de que a saúde do autor não estaria tão fragilizada como ele diz (Wada *In.* Shanin, 2017). Faria, por exemplo, também demonstra certa desconfiança em relação às explicações oferecidas por Marx à sua locutora, afirmando que "nenhum trabalho era mais urgente para Marx que o estudo minucioso das formações comunais arcaicas remanescentes no mundo do capital mundial em crise de fins do século XIX e seu potencial revolucionário de resistência e 'regeneração social'" (Faria, 2017, p. 180). Faria diz ainda que "daí que não é verossímil a afirmação de que haveria algo de maior urgência para o filósofo do que intervir diretamente no debate que lhe havia consumido tantos anos de estudos" (Faria, 2017, p. 180).

Embora Faria não esteja equivocado ao destacar a importância que os estudos sobre a Rússia havia assumido para Marx nas décadas de 1870 e 1880 (Musto, 2023, p. 207), não podemos deixar de apontar que nessa mesma época, para além de se ocupar das reedições do livro I de *O Capital,* como a segunda edição alemã (1872-73), e das traduções da obra, com destaque para a francesa, da qual Marx se ocupou pessoalmente entre 1872 e 1875, o autor renano enfrentava graves e recorrentes problemas de saúde e dificuldades financeiras e familiares (Musto, 2023, p. 117). Para além disso, ao nosso ver, se podemos dizer que Marx possuía um trabalho urgente em sua vida, certamente era a crítica da economia política, projeto ao qual se dedicou energeticamente desde a década de 1850 (Marx, 2008, p. 47), apesar dos carbúnculos, das várias tragédias pessoais e das dificuldades econômicas da família Marx. Embora seja sabido que o estudo da condição agrária russa ocupou uma boa parte do tempo de Marx na década de 1870, inclusive tendo se tornado objeto de brincadeiras e anedotas para a família, o grande projeto

da vida de Marx enquanto teórico foi, sem sombra de dúvidas, a crítica da economia política. E quando o dizemos de forma tão enfática, não se trata de limitar o escopo de suas extensas pesquisas[xlv]. Como esclarece J. Chasin, "a crítica ontológica da economia política, ao contrário de reduzir ou unilateralizar, induz e promove a universalização, estendendo o âmbito da análise desde a raiz ao todo da mundaneidade, natural e social, incorporando toda gama de objetos e relações" (Chasin, 2009, p. 77). Aqui nos falta o espaço para devidamente desenvolver essa problemática e expor a profundidade e a extensão da crítica da economia política de Marx, mas podemos dizer sem sombra de dúvida que afirmar o protagonismo da crítica da economia política na produção teórica de Marx de modo algum implica em um Marx 'economicista'. Por demais, como a compilação feita por Machado evidencia (Machado, 2016; Machado, 2020), desde a década de 1850, isto é, bem antes de Danielson enviar-lhe o livro de Flerovsky em 1869, Marx coletava um considerável número de obras versando sobre sociedades não europeias, tendo acumulado vários cadernos de notas sobre esses estudos ao longo dos anos, inclusive concomitantemente com seus estudos diretamente ligados com a redação de *O Capital*.

Tampouco podemos extrapolar as considerações de Marx sobre a Rússia e os potenciais de sua formação arcaica remanescente para outros povos sem os devidos cuidados, afirmando sem cautela que o autor estaria analisando o potencial das "das formações comunais arcaicas remanescentes no mundo". O material ao qual temos acesso nos permite afirmar apenas que Marx estava investigando o potencial da formação comunal russa na 'regeneração social' da Rússia. Contudo, não nos estenderemos mais sobre essas especulações, pois não acreditamos que nos caiba dizer que eram genuínas ou não as desculpas oferecidas por Marx. Mas se fôssemos especular, talvez uma hipótese plausível seria que o autor não teria o tempo ou a disposição naquele momento para revisar e editar um texto mais longo e

xlv. Por exemplo, naquela mesma época, além de estudar temas relacionados à Rússia, Marx estudava com igual afinco química, agronomia, matemática, botânica, fisiologia etc., além de nunca ter deixado de acompanhar o desenrolar dos acontecimentos políticos e econômicos de sua época, sempre com a perspectiva da revolução proletária em mente (Musto, 2018).

mais completo do que o que ele enviou como resposta, inclusive porque se sabe que o autor possuía um processo e rigoroso de revisão antes da publicação de qualquer texto que fosse, nunca publicando um manuscrito que não tivesse antes sido lido, relido e corrigido de forma meticulosa. Mas prossigamos.

Marx escreve lamentando ainda que não pudesse oferecer "uma explanação sucinta, destinada ao público, da indagação da qual me concedeis a honra de ser o destinatário" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 93), tendo prometido um "escrito sobre o mesmo assunto ao Comitê de São Petersburgo" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 93). Assim, aquilo que Marx enviava para Zasulich e seus companheiros não era exatamente o que ela lhe solicitara em sua carta, isto é, um texto que pudesse oferecer ao público russo uma explanação sucinta da questão e que pudesse esclarecer de forma definitiva sua posição sobre o 'destino' da obshchina. Ele deixa implícito também que aquilo que Vera lhe indagara em sua carta seria respondido de forma mais detalhada no texto solicitado pelo comitê executivo da *Narodnaia volia*, ainda que não se saiba se Marx chegou a escrever esse texto para o comitê executivo.

O que Marx oferecia aos russos exilados na Suíça era apenas "algumas linhas" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 93) que ele esperava que fossem "suficientes para livrar-vos de qualquer dúvida sobre o mal-entendido acerca de minha assim chamada teoria" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 93). En résumé, nessa carta Marx não pretendia sequer chegar perto de esgotar a questão, desejando oferecer à sua interlocutora uma resposta rápida para suas dúvidas mais urgentes e esclarecer o mal-entendido sobre sua "assim chamada teoria". Nesse sentido, por enquanto tudo nos sugere que não podemos extrair desse texto em especial uma resposta definitiva sobre a questão que lhe era apresentava por Vera Zasulich.

Logo em seguida, Marx se dirige rodeios ao ponto da assim chamada acumulação originária, pontuando que:

> Ao analisar a gênese da produção capitalista, afirmo: “Na base do sistema capitalista reside, portanto, a separação radical entre o produtor e seus meios de produção [...] a base de toda essa evolução é a expropriação dos agricultores [*cultivateurs*]. Ela só se realizou de um modo radical na Inglaterra [...]. Mas todos os outros países da Europa ocidental percorrem o mesmo processo [*mouvement*]”. (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 93-94).

Marx retoma aqui o trecho do capítulo XXIV em que ele aponta para a separação radical entre produtores e seus meios de produção como a base da produção capitalista, separação essa que se deu por meio da expropriação dos produtores, e não de uma ‘acumulação originária’ como colocava a economia política clássica. Isto é, aquilo que os economistas chamavam de ‘acumulação originária ou prévia’ na realidade deveria ser chamado de ‘expropriação originária’ (Marx *In.* MECW v. 20, 2010c, p. 129). Essa expropriação ocorreu de modo radical apenas Inglaterra, embora esse processo não fosse propriamente um traço particular ao desenvolvimento inglês, eis que era também observado em todos os demais países da Europa Ocidental. Marx continua, pontuando que “a ‘fatalidade histórica’ desse processo está expressamente restrita aos países da Europa ocidental” (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 94).

Em primeiro lugar, é importante não deixarmos de notar que embora Marx fale aqui em uma ‘fatalidade histórica’, ele usa da expressão entre aspas, sugerindo no mínimo uma aceitação apenas parcial da noção de um desfecho do desenvolvimento humano que seja absolutamente inevitável. Ademais, Marx coloca que se fôssemos tratar desse processo como uma “fatalidade histórica”, como Zasulich coloca, só poderíamos fazê-lo para a Europa Ocidental, como o autor colocou de forma expressa no trecho citado. Isso nega, portanto, que a ideia de que aquilo que Marx trata no capítulo da assim chamada acumulação originária se repetiria na Rússia de forma inevitável, de que a expropriação do camponês russo seria uma fatalidade histórica. A razão para isso Marx coloca de forma clara:

> A razão dessa restrição é indicada na seguinte passagem do capítulo 32[xlvi]: "A propriedade privada fundada no trabalho pessoal [...] é suplantada pela propriedade privada capitalista, fundada na exploração do trabalho de outrem, sobre o trabalho assalariado". Nesse processo ocidental, o que ocorre é a transformação de uma forma de propriedade privada para outra forma de propriedade privada. Já no caso dos camponeses russos, ao contrário, seria preciso transformar sua propriedade comunal [*propriété commune*] em propriedade privada. (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 94).

Na Europa Ocidental, a forma de propriedade da terra que fora suplantada pela gênese da produção capitalista não era a mesma que existia na Rússia, isto é, a propriedade comunal. Quando se deu a assim chamada acumulação originária naqueles países europeus, o que se tinha era principalmente pequenas propriedades parcelares, fundadas no trabalho pessoal. A partir da expropriação das terras desses pequenos produtores, divorciando-os dos meios e das condições de produção, surgiu então a propriedade privada em sua forma capitalista, fundada não no trabalho pessoal do proprietário da terra, mas na exploração do trabalho assalariado.

Diferentemente de seus vizinhos europeus, o camponês russo não tinha a terra como sua propriedade privada. Pelo contrário, não apenas uma grande parcela do campesinato na Rússia vivia em servidão até meados do século XIX, a própria ideia da terra como propriedade privada era absolutamente estranha para a *krestyanskaya chern*. Mesmo que nas comunidades agrícolas predominasse o cultivo parcelar da terra por cada família camponesa que a compunha, os lotes de terra eram propriedade comunal da vila camponesa, e não propriedade privada. Em função dessa diferença bastante substancial entre o caso russo e o europeu, de forma alguma poderíamos inferir a partir do caso europeu ocidental que a expropriação do camponês russo era uma "fatalidade histórica", pois diferentemente do camponês europeu, proprietário da terra por ele trabalhada, a terra cultivada pelo *muzhik* jamais foi propriedade privada sua.

xlvi. Aqui, Marx usa a divisão em capítulos da edição francesa, em que a oitava seção da obra, *L'accumulation primitive* [A acumulação primitiva] era dividida em oito capítulos (XXIV-XXXIII), correspondendo aos sete sub-itens do capítulo XXIV e ao capítulo XV da quarta edição de 1890. Assim, o capítulo 32 corresponde à seção 7, "tendência histórica da acumulação capitalista" do Capítulo XXIV da quarta edição alemã.

Por conseguinte, Marx explica que a base da separação radical do produtor e dos meios de produção na Rússia passaria não pela expropriação do camponês, pela substituição de uma forma de propriedade privada por outra como ocorreu na Europa Ocidental, mas sim pela dissolução da propriedade comunal russa e sua transformação em propriedade privada. Nesse sentido, Marx esclarece que "a análise apresentada n'*O Capital* não oferece razões nem a favor nem contra a vitalidade da comuna rural" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 94). Ali, Marx tratava da passagem de uma produção fundada na propriedade privada da terra para outra, o que não era exatamente o caso russo.

Mas isso não significa que Marx não tivesse dedicado energia alguma às reflexões sobre a especificidade russa, a comuna e seu possível destino, apenas que não encontraríamos essas considerações em *O Capital*. Sobre essa questão particular da Rússia, ele diz que "o estudo especial que fiz dessa questão, para o qual busquei os materiais em suas fontes originais, convenceu-me de que essa comuna é a alavanca [point d'appui] da regeneração social da Rússia" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 94). Com essa curta frase, Marx deixa claro que seu posicionamento sobre a *obshchina* e seu potencial aproximava-se mais da visão de Chernyshevsky do que daqueles seus *soi-disant* discípulos russos.

Ao invés de falar em uma dita necessidade de que a *obshchina* cedesse lugar para a produção capitalista na Santa Rússia, Marx fala na possibilidade de a propriedade comunal servir de alavanca para a regeneração social russa. Ele nega, portanto, que a desintegração da comuna agrária russa fosse uma 'fatalidade histórica', dizendo de maneira explícita não apenas que sua dissolução poderia ser impedida, mas que ela poderia se desenvolver e se tornar uma forma superior. Entretanto, ela não poderia desempenhar essa função se fossem mantidas as condições em que ela se encontrava em 1881, de modo que Marx aponta para a necessidade de "eliminar as influências deletérias que a assaltam de todos os lados e então assegurar-lhe as

condições normais de um desenvolvimento espontâneo" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 94).

Especificamente sobre a expressão "regeneração social da Rússia" [*régénération sociale en Russie*], não consideramos que caiba qualquer tipo de interpretação 'romântica' dessa expressão. Dizemos 'romântico' aqui no sentido de fazer uso das formações pré-capitalistas para a crítica da formação capitalista, vendo naquelas o caminho para a superação desta sociabilidade, isto é, buscando nelas a solução de um futuro comunista, como pretende Löwy (1995 e *In.* Tible, 2013). Em que pese Marx trazer uma certa ênfase no potencial da *obshchina* e falar em uma 'regeneração social' da Rússia, ele não está tratando de um retorno ao passado. Ele toma essa forma arcaica não como ponto de chegada, mas como ponto de partida de uma forma superior de sociedade. Ainda mais porque logo em seguida ele fala na necessidade de "assegurar-lhe as condições normais de um desenvolvimento espontâneo"[xlvii], isto é, da necessidade de possibilitar à comuna agrária russa de sair de sua forma arcaica e chegar em uma forma mais desenvolvida da propriedade comum.

Mas o que exatamente seria essa 'regeneração social'? Estaria Marx falando aqui do desenvolvimento de uma sociedade socialista na Rússia partindo da *obshchina*? Por que tratar então do desenvolvimento socialista como uma 'regeneração'? A Rússia chegaria sozinha ao socialismo a partir dessa forma comunal? Haveria de existir uma relação entre essa regeneração social da Rússia e a revolução proletária no Ocidente? Por demais, como seriam asseguradas as condições normais para um desenvolvimento espontâneo da comuna agrária e quais seriam elas? No momento, essas questões ficam ainda em aberto, eis que não encontramos essas respostas na versão final. Ao nosso ver, esses questionamentos são melhor abordados nos esboços. De modo semelhante, acerca do que envolveria "eliminar as influências deletérias que a assaltam de todos os lados e então assegurar-lhe

xlvii. Para uma discussão crítica e aprofundada de um suposto romantismo e da valorização de formas pré-capitalistas em Marx, *cf.* Sartori, 2018 e Sartori, 2019.

as condições normais de um desenvolvimento espontâneo" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 94), Marx entra também em maiores detalhes nos esboços da resposta, deixando a questão em aberto na versão final. No que toca à relação de uma revolução russa e a revolução proletária no Ocidente, só temos uma ideia mais clara no prefácio da segunda edição da tradução russa do *Manifesto Comunista*, escrito em conjunto com Engels em 1882.

Como já antecipamos, algumas dessas perguntas foram tratadas em maior ou menor medida nos três primeiros esboços, de modo que as deixamos momentaneamente de lado. Contudo, não podemos deixar de notar que é no mínimo intrigante que Marx tenha mantido esses vários pontos em aberto na versão final do texto, abandonando as reflexões feitas nos textos preparatórios e optando por um enviar uma resposta com considerações menos extensas do que as que veremos nos esboços.

A hipótese que nos parece mais plausível para explicar essa opção é que, como o próprio Marx sugere em sua missiva, ele pretendia adentrar na discussão de maneira mais detalhada e resolutiva no texto prometido para o comitê executivo da *Narodnaia volia*. Já para Haruki Wada e Theodor Shanin, a resposta relativamente vaga de Marx se explicaria pela filiação de Vera Zasulich com a *Chernyi peredel* (Wada, 2017 e Shanin, 2017). Sabe-se que enquanto Marx possuía assumida admiração pela *Narodnaia volia*, o mesmo não poderia ser dito sobre a *Chernyi peredel,* como podemos ler em cartas suas a Friedrich Sorge e a Jenny Longuet (Marx *In.* MECW, v. 46, p. 45 e p. 83). Contudo, não existem evidências suficientes para afirmar com firmeza que isso fosse a razão da brevidade da resposta à Vera Zasulich. Diante dessa incerteza, limitamo-nos aqui a apontar o problema.

Ainda assim, não podemos nos equivocar: a indagação principal de Vera Zasulich foi claramente respondida por Marx, ainda que de forma breve. O autor coloca de forma bastante explícita que aqueles auto-proclamados marxistas russos estavam profundamente equivocados sobre sua "assim chamada teoria" acerca da gênese capitalista exposta em *O Capital* e o que a obra teria a dizer sobre a Rússia e o futuro da comuna agrária. Por meio de

poucas linhas, o autor alerta sua interlocutora para o fato de que apenas a análise da realidade russa em toda sua complexidade e suas contradições poderia oferecer aos revolucionários russos as respostas para o curso de ação a ser tomado em relação à *obshchina*, aos camponeses e a revolução russa. De modo algum a resposta estaria na 'aplicação' do esquema da assim chamada acumulação originária à realidade russa: *O Capital* não oferece respostas prontas ou modelos.

Aqui podemos nos lembrar da carta escrita pelo autor em 1878 ao comitê editorial da *Otechestvennye zapiski*, na qual ele coloca em seu tom caracteristicamente irônico como o capítulo sobre a assim chamada acumulação originária não poderia ser transformado em "uma teoria histórico-filosófica do curso geral fatalmente imposto a todos os povos, independentemente das circunstâncias históricas nas quais eles se encontrem" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 56). Seu esboço da assim chamada acumulação originária de forma alguma deveria ser tratado como um modelo dentro do qual a realidade deveria ser enquadrada a todo custo, apesar das singularidades do objeto tratado.

Entretanto, não podemos confundir a advertência que Marx faz no prefácio da primeira edição do volume I, de que "o país industrialmente mais desenvolvido não faz mais do que mostrar ao menos desenvolvido a imagem de seu próprio futuro" (Marx, 2017a, p. 78), com a advertência que o autor faz aos leitores russos aqui na carta a Vera Zasulich, ou na carta ao comitê editorial da *Otechestvennye zapiski*. A primeira não é negada pelas outras duas. Como já expusemos no capítulo dedicado à carta de 1878, quando Marx postula que em como o país industrialmente mais desenvolvido mostraria ao menos desenvolvido o seu futuro, ele o faz porque as mesmas leis que atuam e se impõem sobre a produção capitalista naquele país industrial mais avançado eram as mesmas que agiam sobre a produção capitalista no menos desenvolvido. Contudo, isso de forma alguma implica que necessariamente a via percorrida por esse país menos desenvolvido em direção à moderna indústria capitalista deve ser o mesmo que aquele mais avançado percorreu.

O caminho da gênese e do desenvolvimento do capitalismo é particular à cada país, ainda que seja possível identificar no funcionamento da produção capitalista leis e tendências que sejam gerais. Nem mesmo quando Marx fala que a expropriação dos produtores é a base da separação radical entre produtores e meios de produção e que essa evolução era observada por toda Europa Ocidental quer diz que o modo como isso se dava nos países europeus ocidentais era sempre o mesmo. O que se impunha como uma espécie de fatalidade histórica ali era a expropriação dos produtores, mas em cada país esse processo assume "tonalidades distintas […] e percorre as várias fases em sucessão diversa e em diferentes épocas históricas" (Marx, 2017a, p. 787). E na Rússia havia outro fator: a forma de propriedade da terra que predominava era comunal, não privada, de modo que o caminho percorrido em direção à propriedade privada capitalista haveria de ser bastante distinto.

Em outras palavras, tratava-se de investigar a realidade russa ela mesma, de escutar seu objeto em toda sua complexidade e especificidade, sem violentá-lo ao introduzir nele algo que lhe era externo. E isso não é uma posição em relação à realidade que Marx assume apenas na velhice, mas do resultado da evolução filosófica pela qual o autor passou na década de 1840, quando ele passa por aquilo que J. Chasin aponta como uma 'virada ontológica'[xlviii] no pensamento marxiano, quando o autor abandona o idealismo dos anos anteriores (Chasin, 2009, p. 63). Na sua juventude, Marx distanciava-

xlviii. É importante frisar aqui que quando tratamos do talhe ontológico do pensamento de Marx, partimos das considerações de Lukács acerca da ontologia, nas quais 'ontologia' aparece com um sentido bastante específico e diverso do que observamos na tradição filosófica em geral. Quando Lukács fala em um tratamento ontológico em Marx, o que o autor húngaro busca indicar é que Marx partia do tratamento da realidade, da apreensão das determinações do próprio ser, e não de uma espécie de consciência que se coloca aprioristicamente e que deve ser problematizada antes da apreensão da realidade. Assim como dialética não se trata de um método per se, mas da percepção do movimento da realidade como dialético, ontologia não se trata aqui de algo anterior à própria realidade ou que fundamenta essa realidade, isto é, de uma ontologia fundante ou fundamental. Como elucida Lukács na seção IV de *Para uma ontologia do ser social*, embora tenhamos "afirmações puramente ontológicas" em Marx, isto é, "enunciados diretos sobre certo tipo de ser", não existe em Marx "nenhum tratamento autônomo de problemas ontológicos; ele jamais se preocupa em determinar o lugar desses problemas no pensamento, em defini-los com relação à teoria do conhecimento, à lógica etc., de modo sistemático ou sistematizante" (Lukács, 2021, p. 281). Ou seja, a ontologia de Marx se trata de uma ontologia imanente, não transcendente, idealista, não havendo considerações sobre o ato cognoscitivo apartadas do objeto do conhecimento.

se cada vez mais radicalmente do idealismo dos neo-hegelianos a partir de sua leitura crítica de Hegel, chegando à percepção de que não se tratava de impor uma ideia sobre a realidade social, ou como coloca Lukács, de impor um "postulado abstrato trazido de fora da realidade social" (Lukács, 2009, p. 193), sim de apreender e esclarecer a realidade ela mesma e das ideias e necessidade que ela engendra. Em 1881, ainda que de uma forma um pouco distinta, podemos ver Marx expondo essa mesma posição diante da realidade aos seus leitores russos, incitando-os a investigar na própria realidade russa a possibilidade de superação de suas contradições, ao invés de violentarem-na ao impor sobre ela postulados ideais que lhe eram externos.

3. Os quatro esboços: reflexões deixadas às traças

Antes de tudo, é necessário fazermos duas breves observações. A primeira delas, sobre a ordem dos quatro esboços. Reconhecemos que são bastante convincentes as razões para a ordem dos esboços que sugere Hinada Shizuma em seu artigo de 1975, *On the Meaning in Our Time of the Drafts of Marx's Letter to Vera Zasulich (1881): With Textual Criticism*. Segundo o marxólogo japonês, a ordem mais provável para a escrita dos quatro rascunhos não seria aquela proposta por Riazanov em 1911, defendendo então que o rascunho que Riazanov colocou como o segundo teria sido na realidade o primeiro a ter sido escrito (Shizuma, 1975, p. 69-70). Nesse sentido, o autor considera que a ordem mais adequada colocaria como escrito primeiro o rascunho que Riazanov chamou de segundo esboço, depois o primeiro, o terceiro e o quarto esboço, sendo que o este último foi abandonado logo no início. Entretanto, seguiremos a ordem que Riazanov conferiu aos escritos, pois é utilizada desde a primeira publicação desses textos em 1924, sendo então a mais estabelecida e reconhecida pelos leitores, facilitando desse modo a exposição.

Uma outra observação: aqui não faremos a análise de cada esboço separadamente, mas sim de todos eles em conjunto. A razão para isso é bastante simples. O três primeiros esboços são três versões do mesmo texto, apresentando entre si distinções insuficientes para que, considerando o escopo

deste trabalho, justifique-se analisar cada um separadamente. Quando algum ponto tiver sido levantado apenas em um dos esboços ou possuir diferenças substanciais na forma como foi exposto nos diferentes rascunhos, tentaremos deixar isso indicado de forma clara ao leitor. No mais, prosseguiremos à nossa exposição.

a. *O Capital* e a Rússia

A primeira parte dos esboços é bastante similar à versão enviada. O autor começa explicando brevemente à sua interlocutora a função da sessão da assim chamada acumulação originária dentro de sua crítica à economia política, apontando como ali ele tratava da metamorfose de uma forma de propriedade privada da terra na sua forma capitalista. Em razão disso, para tratar da expropriação do camponês russo, era necessário ir além do esquema dessa evolução apresentado em *O Capital*, uma vez que o produtor russo não era proprietário da terra que cultivava, sendo ali reinante a forma comunal da propriedade da terra. Da forma como na Europa Ocidental se deu a gênese da propriedade privada da terra em sua forma capitalista seria possível apenas extrair que a base desse processo era a separação entre o produtor e a terra cultivada, nada mais, nada menos.

No primeiro e no quarto esboços a forma como o autor expõe isso é bastante similar a como essa parte aparece na versão final, ao passo que no segundo esboço e no terceiro o autor estendeu-se um pouco mais sobre a questão. Nessa primeira versão do texto, o autor expõe suas considerações da seguinte forma:

> A única conclusão que eles poderiam tirar com fundamento do curso das coisas no Ocidente é esta: para estabelecer a produção capitalista na Rússia, seria preciso começar por abolir a propriedade comunal e expropriar os camponeses, isto é, a grande massa do povo (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 84).

O autor ressalta aqui a especificidade de como, fosse a produção capitalista se consolidar na Rússia, se operaria a "expropriação da grande massa do povo", dado o caráter das relações de propriedade da terra na Rússia. "É este, ademais, o desejo dos liberais russos, mas será que o seu

desejo prova mais do que o desejo de Catarina II de implantar em solo russo o regime ocidental dos ofícios da Idade Média?" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 84). Ou seja, a dissolução da propriedade comunal em prol do desenvolvimento da propriedade privada na Rússia não se constituía num projeto novo, dado que esforços nesse sentido poderiam ser identificados desde o século XVIII. E não havia a comuna agrária teimosamente resistido desde então?

Marx acrescenta então que

> se a produção capitalista está para estabilizar sua influência na Rússia, então, a grande maioria dos camponeses — ou seja, do povo russo — terá de ser transformada em trabalhador assalariado e, consequentemente, ser expropriada pela abolição prévia de sua propriedade comunista" (Marx *In.* Shanin, 2017, p. 151).

Ou seja, o estabelecimento da produção capitalista na Rússia dependeria da dissolução da unidade entre produtor e a terra e da subsequente transformação da maioria da *krestyanskaya chern* em trabalhadores assalariados.

De todo modo, "o precedente ocidental nada provará [sobre a 'inevitalidade histórica' desse processo]" (Marx *In.* Shanin, 2017, p. 151). Nesse ponto sê-se uma afirmação, ainda que aqui implícita, da possibilidade de evitar inteiramente esse processo, isto é, da dissolução da *obshchina*. A única parte desse processo que se mostrava como 'inevitável' era a necessidade da separação entre os produtores e os meios de produção para que o capitalismo fixasse seus pés na Rússia. Mas se isso haveria ou não de ocorrer, não era na história europeia — muito menos em *O Capital* — que os russos haveriam de encontrar a resposta.

Já no terceiro esboço, aquela menção a Catarina II não aparece. Marx expõe seu ponto da seguinte forma: "nesse movimento ocidental trata-se, portanto, da transformação de uma forma de propriedade privada em outra forma de propriedade privada. Entre os camponeses russos será preciso, pelo contrário, transformar a sua propriedade comum em propriedade privada" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 88). Dizendo isso de outro modo, enquanto a

separação do produtor e dos meios de produção na Europa Ocidental veio com a transformação de uma forma de propriedade privada fundada no trabalho pessoal para uma fundada na exploração do trabalho assalariado, na Rússia ela só poderia se dar por meio da transformação da propriedade comunal fundada no trabalho da família camponesa para a propriedade capitalista, fundada na apropriação dos produtor do trabalho alheio. Marx prossegue afirmando que "quer se afirme quer se negue a fatalidade dessa transformação, as razões a favor e as razões contra nada têm a ver com a minha análise da gênese do regime capitalista" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 88). Quanto ao esboço da gênese do regime capitalista que Marx oferece em *O Capital*, o máximo que se poderia extrair dali para o caso russo seria que o desenvolvimento de relações capitalistas na Rússia pressupunha a dissolução da propriedade comunal, isto é, do rompimento da unidade natural entre produtor e meios de produção, para então que fosse possível a formação de uma forma de propriedade fundada na compra e venda da força de trabalho. Essa seria a "legalidade geral" do desenvolvimento capitalista, por assim dizer. Entretanto, se fôssemos dizer se essa dissolução era ou não fatal, não seria n'*O Capital* que o descobriríamos: essa 'resposta' dependeria da compreensão das tendências particulares do caso russo.

b. Do passado das comunidades primitivas ao futuro da comuna agrária na Rússia

Depois de rejeitar a transformação da história da assim chamada acumulação originária na Europa Ocidental em lei imutável e universalmente válida, Marx passa então para aquele que ele via como o único argumento forte em prol da dissolução da comuna agrária. Esse argumento seria o seguinte:

> remontai às origens das sociedades ocidentais e encontrareis lá em toda parte a propriedade comum do solo; com o progresso social ela desapareceu em toda parte frente à propriedade privada; portanto, não haverá como ela escapar da mesma sorte unicamente na Rússia (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 88).

Isso significa, portanto, que a desintegração da comuna agrícola na Rússia seria o resultado das próprias tendências imanentes a essa forma de propriedade e do desenvolvimento da sociedade russa, como evidenciado pela

história da propriedade comum do solo nas sociedades europeias ocidentais, nas quais as terra comunal desapareceu com o o progresso social e deu lugar à propriedade privada da terra. Se fora assim com a propriedade comum do solo nas sociedades ocidentais, necessariamente se daria de modo similar com a comuna agrária russa.

Antes de analisar o argumento em si, Marx esclarece que só considerava seriamente esse argumento apenas porque ele "se baseia nas experiências europeias" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 89), isto é, nos antecedentes europeus das propriedades comunais, e não, por exemplo, na história das propriedades comunais indianas. Isso porque em regiões como Índias Orientais "todo o mundo – menos Sir H[enry] Maine e outras pessoas da mesma laia – sabe que lá a supressão da propriedade comum do solo não passou de um ato de vandalismo inglês, que não impulsionou o povo indiano para frente, mas o empurrou para trás." (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 89).

Marx faz referência aqui à degradação da comunidade agrária indiana durante a colonização inglesa, que se deu não por qualquer tipo de tendência natural daquela forma de propriedade ou pela "força espontânea das leis econômicas" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 83), como dizia Henry Maine em suas panegíricas sobre colonialismo britânico, e sim graças à atuação destrutiva dos ingleses[xlix]. A colonização arruinou a produção comunal indiana e, por conseguinte, a completa deterioração da produção agrícola indiana, o que provocou miséria e fome sem precedentes. Mas nem mesmo diante dos fatos recuava Henry Maine. O jurista inglês assegurava hipocritamente "que todos os nobres esforços da parte do governo para manter essas comunas fracassaram contra a força espontânea das leis econômicas" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 83). Na forma característica dos ideólogos do período da 'decadência ideológica da burguesia' (Lukács, 2016, p. 102), Maine olhava para a atuação destrutiva dos ingleses sobre as formas comunais indianas e apontava para aquelas feridas infligidas pela Inglaterra como desdobramentos naturais do desenvolvimento espontâneo dessas próprias formas econômicas.

xlix. Para um tratamento da crítica de Marx a Henry Sumner Maine, *cf.* Andrade, 2024.

E tudo isso apesar dos “bravos” esforços ingleses para salvar a produção comunal na Índia!

Por conseguinte, Marx sequer consideraria esse argumento fosse ele baseado na experiência das comunas agrárias de povos como os indianos, que desapareciam não em função de tendências naturais dessas formas de produção, mas graças à influência destrutiva do invasor estrangeiro. Apenas Henry Maine e outros paladinos do capitalismo e da colonização diriam o que ocorreu com a produção comunal na Índia como exemplo do desenvolvimento normal das formas comunais. Nesse sentido, Marx apenas considerava esse argumento na medida que partia das formas de comunidade primitiva da Europa Ocidental.

No que tocante à comunidade primitiva europeia, Marx aponta para o fato de que ela era dotada de maior vitalidade do que “a das sociedades semitas, gregas, romanas etc. e, *a fortiori*, do que a das modernas sociedades capitalistas” (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 83), mas que a história de sua decadência ainda estava por ser escrita. Isto é, ainda não se sabia o suficiente sobre essas comunidades primitivas e, especificamente, sobre como elas vieram a desaparecer ao longo do tempo, de modo que pouco também se teria a dizer sobre o seu desenvolvimento natural. Por demais, Marx alerta para o fato de que, quando falamos dessas comunidades europeias, não poderíamos tratar delas como se fossem todas idênticas, eis que elas existiram em várias formas ao longo da história europeia, tendo também perecido pelas mais diversas razões e em meio às mais diversas condições. À vista disso, o conjunto dessas comunidades pré-capitalistas “forma, pelo contrário, uma série de agrupamentos sociais que diferem quanto ao tipo e à idade e que marcam as sucessivas fases de evolução” (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 89). Em vista disso, seria necessária muita cautela para que pudéssemos retirar da história dessas comunidades primitivas qualquer conclusão acerca da comuna agrária russa.

Essas formas comunais existiram ao longo da história em diversas formas bastante diferentes entre si, sendo que as comunas agrícolas eram

apenas uma dessas formas específicas. A *obshchina* era ela mesma apenas um exemplar específico de comunidade agrícola. Dentre as comunidades agrícolas europeias, Marx identifica como a mais similar à comuna russa a comuna germânica, que era de uma época recente na história europeia. Sobre a comuna agrária germânica, Marx diz que:

> Ela ainda não existia no tempo de Júlio César e já não existia mais quando as tribos germânicas conquistaram a Itália, a Gália, a Espanha etc. Na época de Júlio César já havia uma repartição anual da terra cultivável entre os grupos, entre os clãs e as tribos, mas ainda não entre as famílias individuais de uma comuna; provavelmente o cultivo se fazia também em grupo, em comum. No próprio solo germânico, essa comunidade do tipo mais arcaico foi transformada por um desenvolvimento natural em comuna agrícola, tal como a descreveu Tácito. Depois disso, nós a perdemos de vista. Ela pereceu obscuramente no ambiente das guerras e migrações incessantes; talvez tenha sofrido uma morte violenta (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 89).

Note-se, pois, que ao contrário de seu equivalente russo, a comuna germânica teve uma vida relativamente curta, tendo perecido quase inteiramente antes das conquistas germânicas no século V (d.C.). Entretanto, é importante notar aqui que mesmo que ela não tenha durado tanto tempo como sua prima russa, essa a comuna germânica se dissolveu pela influência de fatores externos, em razão de guerras e migrações, possivelmente tendo sofrido "uma morte violenta". Não foi possível então observar o desenvolvimento espontâneo dessa forma, de modo que não poderíamos dizer se a decomposição seria seu 'destino natural'. Ainda sobre a comuna germânica, Marx afirma que, em que pese ela ter desaparecido quase que completamente num dado momento antes do século V d.C., o fato de que ela possuía uma vitalidade natural era inegável, tendo em vista que "exemplares esparsos desse modelo sobreviveram a todas as vicissitudes da Idade Média e se conservaram até nossos dias, como, por exemplo, no distrito de Trier" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 89). Isso reforça a hipótese de que a comuna germânica teria perecido não pela agudização de suas contradições internas, isto é, uma "morte natural", mas graças à influência de forças externas (guerras e migrações, por exemplo).

Ato contínuo, Marx compara as comunidades arcaicas em geral e a forma particular da comuna agrária ou agrícola, que incluiria tanto a *obshchina* quanto a comuna germânica. No que toca a ligação entre seus membros, as comunidades arcaicas eram fundadas na relação de consanguinidade, podendo integrar a comunidade apenas parentes de sangue ou, em certos casos, adotivos, conferindo a essas comunidades uma estrutura genealógica. Já a comuna agrária foi a primeira a romper com a estreiteza dos laços sanguíneos, constituindo o primeiro grupo social de homens livres, não ligados pelo parentesco. Enquanto as comunidades primitivas era formada por um único grupo de parentes de sangue, a comuna agrária é formada por uma comunidade de várias famílias[I]. Em razão da flexibilidade de seus laços, a comuna agrária se torna mais apta do que outras formas mais arcaicas de se desenvolver e de se expandir, além de ser mais capaz de resistir ao contato com estranhos. Enquanto o encontro com estrangeiros ameaçava a própria existência das comunidades consanguíneas, a comuna agrária era capaz de estabelecer intercâmbio com outros grupos, fazendo dela é uma forma muito menos economicamente limitada do que o comunismo primitivo fundado no parentesco e, pois, dotada de maior vitalidade (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 90).

Marx aponta também para o fato de que, na comuna agrária, a casa e o quintal eram propriedade privadas do agricultor e da família individual, enquanto para as demais comunidades primitivas anteriores ao desenvolvimento da agricultura e da pecuária, as casas e habitações eram

I. Em *Origens da família, da propriedade privada e do Estado*, Engels menciona brevemente a organização da família camponesa dentro da comuna agrária russa, que o autor aponta como sendo similar à *zádruga* dos eslavos meridionais, uma comunidade familiar composta por várias gerações de descendentes de um mesmo pai, os quais viviam juntos em torno de um mesmo pátio (Engels, 2019, p. 62). Especificamente sobre a organização familiar na *obshchina*, Robinson (1932, p. 10) explica que cada casa camponesa era composta por uma comunidade familiar patriarcal formada por várias gerações de descendentes do patriarca, além de outros parentes de sangue e por casamento, sendo que era comum também que fossem incorporados à casa pessoas sem nenhum laço de parentesco com o patriarca. À medida que a família se expandia, o par e seus filhos poderiam se mudar para uma habitação adjunta à 'casa principal', por assim dizer, mas sempre compartilhando o pátio e nunca formando uma unidade familiar própria. A *obshchina* era então composta pelo conjunto dessas comunidades familiares patriarcais, sendo que decisões no que tocava a comuna eram tomadas em comum (Robinson, 1932, p. 11).

comunais. Ademais, na comuna agrária era que pequenos lotes de terras eram periodicamente distribuídos entre os membros, apesar da terra cultivável ser propriedade comum e inalienável da comuna. Cada um desses lotes de terra era cultivado de forma parcelar e seus frutos eram apropriados privadamente pelo produtor e sua família, ao passo que, nas comunidades arcaicas, o produto do trabalho era apropriado coletivamente depois que a porção destinada à reprodução era separada. Na Rússia, por exemplo, via de regra, apenas as áreas de bosques e pradarias eram exploradas de forma coletiva, embora o outros trabalhos poderiam ser executados também segundo o princípio cooperativo, mas desde que fosse firmado o contrato de *artel*[li].

Eis então que chegamos a o que Marx se refere pelo 'dualismo' da comuna agrária, tratando-se dessa conjugação do elemento comunal com o privado, na medida que a propriedade comum da terra era cultivada de forma parcelar. Essa natureza 'dual' era o que conferia à comuna agrária o potencial para uma "vida vigorosa" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 90), pois a conjugação do elemento coletivo com o privado permitia um maior desenvolvimento da individualidade e tornava essa comunidade menos economicamente limitada que as demais formas primitivas. Para Marx, isso era parte da explicação do modo por meio do qual a *obshchina* tinha sido capaz de sobreviver por tanto tempo e com tanta vitalidade na Rússia, mesmo quando assaltada por todos os lados por influências externas deletérias. Nas palavras do autor:

> Emancipada desses laços fortes, mas restritos, do parentesco natural, a propriedade comum do solo e as relações sociais dela decorrentes garantiram-lhe uma base sólida, ao mesmo tempo que a casa e seu pátio, como domínio exclusivo da família individual, o cultivo parceleiro e a apropriação privada de seus frutos impulsionaram à individualidade, algo incompatível com o organismo das comunidades mais primitivas (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 90).

li. Na realidade, existiam também comunas agrícolas na Rússia em que a posse das faixas de terras cultiváveis pelas famílias era hereditária, assim como a posse da casa e do pátio. Nas comunas em que existia a posse hereditária da terra pelas famílias camponesas que a compunham, existiam também faixas de terras que eram mantidas para o uso comum. Entretanto, essa forma de posse da terra comunal, chamada *podvornoe vladenie*, era menos comum do que a posse reparticional (*obshchinnoe vladenie*), existindo quase que exclusivamente apenas nas guberniias do oeste e sudoeste russo (Robinson, 1932, pp. 71-72).

Todavia, esse mesmo dualismo que possibilitava à comuna agrária uma maior longevidade constituía também a própria semente de sua destruição. Como explica Marx:

> Abstraindo de todas as más influências vindas de fora, a comuna carrega dentro de si seus elementos deletérios. A propriedade fundiária privada já se imiscuiu na forma da casa com seu quintal rural, que pode se transformar na fortaleza de onde se prepara o ataque contra a terra comum. É o que se viu. Mas o essencial é o trabalho parceleiro como fonte da apropriação privada. Ele dá lugar à acumulação de bens móveis, como, por exemplo, de animais, de dinheiro e às vezes até de escravos ou de servos. Essa propriedade móvel, que não pode ser controlada pela comuna, sujeita a trocas individuais (nas quais a falcatrua e o revés têm vida fácil), terá cada vez mais peso em toda a economia rural. Aí está o solvente da igualdade econômica e social primitiva. Ele introduziu elementos heterogêneos, provocando no seio da comuna conflitos de interesses e de paixões, convenientes para apossar-se primeiro da propriedade comum das terras cultiváveis, em seguida da propriedade comum das florestas, pastagens, terras ociosas etc., que, uma vez convertidas em anexos comunais da propriedade privada, cairão em seu poder no longo prazo (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 90).

Ao mesmo tempo que a combinação do elemento privado com o coletivo era o que permitia à comuna agrária adaptar-se sem necessariamente perecer, ele também poderia se transformar na força motriz de sua dissolução. O cultivo parcelar, a apropriação privada dos frutos do trabalho e a propriedade privada da casa e do quintal eram todos aspectos que permitiam a alguns dos membros da comuna a acumulação privada de bens móveis e até mesmo o apossamento de áreas originalmente exploradas coletivamente, tal como pastos, bosques e terras ociosas. Consequentemente, seriam introduzidas no seio da comuna as trocas individuais e o acúmulo desigual de riquezas, dissolvendo a igualdade econômica e social que outrora a regia, inevitavelmente engendrando conflitos dentro da comunidade. E conforme nota o autor de *O Capital*, a comunidade agrícola constitui a última forma transicional na passagem do comunismo primitivo (formação primária ou arcaica) para uma sociedade fundada na propriedade privada (formação secundária), o que explica o fato de a comuna agrária ser marcada pela conjugação do elemento comum com o privado, pela constante tensão entre a riqueza coletiva e a apropriação privada, tendendo à desintegração da

propriedade comum da terra em propriedade privada da terra. Nas palavras de Marx:

> É por isso que a "comuna agrícola" se apresenta em toda parte como o tipo mais recente da formação arcaica das sociedades e que, no interior do movimento histórico da Europa ocidental, tanto da antiga como da moderna, o período da comuna agrícola aparece como período de transição da propriedade comum para a propriedade privada, como período de transição da formação primária para a formação secundária (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 77).

O que isso significava exatamente para a discussão acerca do futuro da *obshchina*? Que "o itinerário histórico da comuna agrícola deve fatalmente levar a esse resultado" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 91)? "De modo algum" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 91), responde nosso autor. Ao mesmo tempo que seu dualismo inerente poderia ser o germe de sua dissolução, levando à vitória do elemento privado sobre o coletivo, ele também oferecia à *obshchina* a possibilidade de que seu elemento coletivo prevalecesse sobre o privado. Assim, se fôssemos aqui falar abstratamente em inevitabilidade, poderíamos dizer apenas que era inevitável a existência da alternativa, não necessariamente de uma das duas possibilidades.

Ou seja, não necessariamente a *obshchina* haveria de se desintegrar em razão do amadurecimento de suas contradições internas, da tensão entre o coletivo e o privado, sendo tanto possível que ela se dissolvesse ou que se desenvolvesse. Entretanto, Marx adverte que "essas duas soluções são a priori possíveis, mas para que ocorra uma ou outra é preciso, evidentemente, que haja ambientes históricos completamente díspares. Tudo depende do ambiente histórico em que a comuna se encontra localizada" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 77). Assim, não seria possível chegar a resposta alguma sobre o destino da comuna agrária na Rússia de forma 'apriorística', abstraindo totalmente do "ambiente histórico" da *obshchina* naquele dado momento, isto é, sem mergulhar na complexidade da realidade russa. Marx diz apenas que não seria correto dizer que a dissolução dessas comunidades era resultado do desenvolvimento natural de suas contradições internas, como alguns argumentavam, dado que a dualidade que marcava a comuna russa poderia tanto levar ao seu fim, quanto a uma forma superior de propriedade comum.

Mas para avaliar se, em 1881, qual dessas alternativas era efetivamente possível, deveríamos avançar para um maior maior grau de concretude.

Marx aponta ainda para duas particularidades da comuna agrária russa que poderiam agir em seu favor, permitindo que ela talvez desenvolvesse seu elemento coletivo em detrimento do elemento privado. Em primeiro lugar, a *obshchina* havia sido a única dentre as comunas agrárias europeias que ainda existia de forma orgânica e generalizada durante o final do século XIX, e isso na vida rural de um império agrícola de dimensões continentais. E em segundo lugar, ela havia sobrevivido como força produtiva na Rússia por tempo suficiente a ponto de ser contemporânea ao capitalismo e, portanto, das condições materiais para o trabalho coletivo em larga escala. Dito de outro modo:

> graças a uma combinação de circunstâncias únicas, a comuna rural, ainda estabelecida em escala nacional, pode se livrar gradualmente de suas características primitivas e se desenvolver diretamente como elemento da produção coletiva em escala nacional. É justamente graças à contemporaneidade da produção capitalista que ela pode se apropriar de todas as conquistas positivas e isto sem passar por suas vicissitudes desagradáveis (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 74).

Em vista disso, Marx sustenta que seria possível que a *obshchina* incorporasse as “conquistas positivas” engendradas pelo capitalismo sem que fosse preciso que esse modo de produção se consolidasse e se amadurecesse na própria Rússia. Ela poderia se apropriar do desenvolvimento de forças produtivas que o capitalismo proporcionou em escala jamais vista na história humana, de modo que fosse possível substituir gradualmente a agricultura parceleira pela agricultura combinada com o auxílio de máquina e de técnicas agrícolas mais avançadas (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 91). Nenhuma outra comuna agrária estivera em circunstâncias similares, pois a maioria delas já havia perecido séculos antes da gênese da produção capitalista, inclusive pelo fato de que esse regime de produção só pôde surgir na Europa Ocidental justamente porque essas formas comunais haviam desaparecido e dado lugar à propriedade privada.

Isto posto, é importante aqui notar que Marx não toma a comuna agrária russa como ponto de chegada, mas sim um ponto de partida, consoante já aludido anteriormente. O autor é bastante claro ao colocar que a *obshchina* poderia "tornar-se o ponto de partida direto do sistema econômico para o qual tende a sociedade moderna e trocar de pele sem precisar antes cometer suicídio" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 92). Ela não precisava ser destruída para que o socialismo fosse possível na Rússia, mas tampouco poderia manter a sua conformação originária para tanto. As noções de 'ponto de partida' e 'trocar de pele' impedem que vejamos aí qualquer tipo de valorização romântica dessas formas arcaicas da parte de Marx, dado que o autor fala muito claramente na necessidade de que a *obshchina* se desenvolvesse a partir da apropriação conquistas positivas do capitalismo, assim assumindo uma nova forma de propriedade coletiva da terra. Essa necessidade estava associada a algumas razões, das quais citaremos três: i) o isolamento das comunidades agrárias, ii) o mal-uso do solo e a exploração ineficiente da terra, iii) a necessidade de supressão do elemento privado inerente à comuna agrária russa.

Sobre o isolamento das comunas agrárias na Rússia, Marx explica que "a falta de ligação entre a vida de uma comuna e a das demais" fragilizava a comunidade agrícola, "tornando-a hostil em todos os sentidos" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 78). Em vista disso, a tendência era que surgisse desse isolamento das comunas um "despotismo mais ou menos central, que paira sobre as comunas" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 78)[lii]. O autor parece sugerir, portanto, que existia uma relação direta entre o isolamento dos

lii. Aqui não poderemos tratar da forma como o tema mereceria sobre a questão do 'despotismo oriental' e o modo de produção, mas é interessante notar como a ideia do despotismo aqui aparece de forma distinta dos *Grundrisse*, onde Marx trata da relação entre a existência de um governo central despótico e a realização de obras públicas (irrigação, por exemplo). Aqui, Marx associa esse despotismo ao isolamento das comunas, que seria em parte uma decorrência do domínio mongol sobre Moscou (1237-1462). Também em *The Secret Diplomatic History of the Eighteenth Century*, Marx associa o isolamento do campo russo à conquista mongol no século XIII (Marx, 2010, p. 80). Entretanto, algo que é de suma importância apontar é o fato de que não podemos tomar essas considerações de Marx sobre esse 'despotismo oriental' ou do 'modo de produção asiático' como um tratamento sistematizante sobre a questão, no sentido de uma fase dentro de uma teoria geral dos modo de produção, como às vezes se parece ler essas colocações do autor.

camponeses no *mir* e a existência de um governo central despótico na Rússia, como o Estado tsarista. Entretanto, esse isolamento não era mais característica imanente à comuna agrária em parte alguma. Por exemplo, no caso da federação das repúblicas russas do norte[liii], o isolamento originalmente surgido da vasta extensão do território só se consolidou "em grande parte pelas fatalidades políticas que a Rússia teve de suportar depois da invasão mongol", (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 78). *Autrement dit*, se o isolamento das comunidades agrárias surgiu inicialmente de forma natural e espontânea em razão das barreiras geográficas do norte da Rússia europeia, em um dado momento ele se despe desse caráter e passa a estar ligado à destruição causada pela Hoste Dourada. Marx diz então que a única via para livrar a comuna agrária russa dessa 'maldição' que a acometia seria por meio de uma "comoção geral da sociedade" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 92), isto é, um levante geral contra o tsarismo.

Vale ressaltar que no segundo esboço, Marx coloca a questão de forma um pouco diferente. Ali, ele afirma que o isolamento das comunas seria facilmente solucionado pela substituição da "*volost*, a instância governamental, por uma assembleia de camponeses eleitos pelas próprias comunas e servindo de órgão econômico e administrativo dos seus interesses" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 78), sendo que essa estrutura administrativa era recente, tendo sido instituída na reforma de 1861 seguindo um modelo administrativo muito mais próximo do prussiano do que de qualquer forma à qual o *muzhik* estava habituado (Marx *In.* MECW v. 16, 2010b, p. 147). Entretanto, essa menção específica foi suprimida dos outros esboços.

Em reação ao mal-uso do solo e à exploração ineficiente da terra, Marx fala na necessidade de apropriação das riquezas engendradas pelo modo de produção capitalista para desenvolver a produção comunal russa, dado que ela se encontrava em um estado técnico extremamente precário. Como coloca o autor:

liii. Marx provavelmente aqui se refere à República de Novgorod.

> foi-se o tempo em que a agricultura russa nada exigia além da terra e de seu agricultor parceleiro munido de instrumentos mais ou menos primitivos. Esses tempos passaram com a mesma rapidez com que a opressão do agricultor infectou e esterilizou o campo. Faz-se necessário agora o trabalho cooperativo, organizado em larga escala. Ademais, o camponês que carece das coisas necessárias para o cultivo de dois ou três *desjatines*, estaria melhor se tivesse dez vezes mais *desjatines*? (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 82).

Nas condições em que se encontrava a comuna agrária na segunda metade do século XIX, ela dificilmente sobreviveria por muito mais tempo, sendo praticamente impossível que se desenvolvesse ali o cultivo coletivo em larga escala, o que fora evidenciado pelos fracassos na colheita dos últimos anos. Segundo Marx, "as boas colheitas são neutralizadas por períodos de fome. A média dos últimos dez anos mostra que a produção agrícola não só estagnou como está recuando. Enfim, pela primeira vez a Rússia deverá importar cereais em vez de exportá-los" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 80).

Dessa forma, ainda que a comuna agrária tivesse sido capaz de sobreviver por tanto tempo com relativa vitalidade e em larga escala, no fim do século XIX ela dava claros sinais de decadência. Ela não apenas era incapaz de fazer avançar a produção agrícola russa, mas efetivamente fazia com que ela recuasse. Sem utensílios, fertilizantes, métodos agrícolas avançados, etc., nem mesmo o cultivo parcelar do solo comunal seria sustentável por muito mais tempo.

> Mas onde obter os utensílios, os fertilizantes, os métodos agronômicos, enfim, todos os meios indispensáveis ao trabalho coletivo? Eis aí precisamente a grande superioridade da "comuna rural" russa frente às comunas arcaicas do mesmo tipo. Ela foi a única, na Europa, que se manteve em grande escala, em escala nacional. Ela se encontra, assim, situada num ambiente histórico em que a contemporaneidade da produção capitalista lhe disponibiliza todas as condições do trabalho coletivo. Ela é capaz de incorporar as conquistas positivas produzidas pelo sistema capitalista sem passar por seus "forcados caudinos". (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 82).

Na Europa Ocidental essas técnicas só vieram a ser depois de um longo e duro desenvolvimento, tendo sido apenas com a sociedade burguesa (ela mesma produto de um longo desenvolvimento) que surgiram os meios de produção indispensáveis para a produção coletiva em larga escala. Entretanto, graças ao seu atraso, a Rússia encontrava-se em um situação particular,

possuindo acesso a esses ganhos técnicos já 'prontos', sem que ela mesma tivesse tido que percorrer aquela estrada de espinhos que foi o desenvolvimento do capitalismo na Europa Ocidental. Perceba-se ainda que não apenas não vemos aqui um apego romântico às formas pré-capitalistas, como já explicamos, mas tampouco de um 'elogio prometeico' ao progresso capitalista, dada a ênfase em seus "forcados caudinos".

No que toca a necessidade da supressão do elemento privado inerente à comuna agrária russa, o autor diz ainda que

> para que o trabalho coletivo possa suplantar na agricultura propriamente dita o trabalho parceleiro – fonte da apropriação privada –, fazem-se necessárias duas coisas: a necessidade econômica de tal transformação e as condições materiais para efetivá-la (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 80).

Essa necessidade econômica se mostraria "partir do momento em que esta [a *obshchina*] for colocada em condições normais, ou seja, a partir do momento em que as cargas que pesam sobre ela forem retiradas e que seu terreno de cultivo tenha atingido uma extensão normal" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 80). Ou seja, Marx considerava que a necessidade econômica da substituição do cultivo parceleiro pelo coletivo se mostraria logo que tivesse fim a sangria desatada da comuna agrária. Já as condições materiais estavam disponíveis graças à contemporaneidade com o capitalismo. Quanto aos custos iniciais de estabelecimento – custos intelectuais e materiais –, a sociedade russa os deve à "comuna rural", que a sustentou por tanto tempo e junto à qual deve agora buscar o seu "elemento regenerador" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 82).

Desse modo, o caminho partindo da comuna agrária pressupõe a incorporação das "conquistas positivas produzidas pelo sistema capitalista" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 82), e não apenas a conservação da comuna agrária. Passa, pois, pela "conservação da 'comuna rural' pela via de sua evolução ulterior" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 82). De forma inequívoca, Marx diz

> Falando em termos teóricos, a "comuna rural" russa pode, portanto, conservar-se, desenvolvendo sua base, a propriedade comum da terra, e eliminando o princípio da propriedade privada, igualmente implicado nela; ela pode tornar-se um ponto de partida direto do

> sistema econômico para o qual tende a sociedade moderna; ela pode trocar de pele sem precisar se suicidar; ela pode se apropriar dos frutos com que a produção capitalista enriqueceu a humanidade sem passar pelo regime capitalista, regime que, considerado exclusivamente do ponto de vista de sua duração possível, conta muito pouco na vida da sociedade (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, pp. 78-79).

Esse é um ponto que merece atenção, na medida que nos oferece um esclarecimento acerca da noção de progresso e do que Marx queria ressaltar quando ele tratava na necessidade do capitalismo. Certos leitores viam em passagens como o polêmico trecho da Muralha da China no *Manifesto Comunista* ou os controversos artigos do *New York Daily Tribune* de 1853 sobre a colonização inglesa da Índia como indicativos de uma apologia ao progresso capitalista que desconsideraria a libra de carne cobrada por esse modo de produção em troca dessas 'conquistas positivas' (Anderson, 2019 e Said, 1979). Mas o que esses textos de 1881 deixam mais do que evidente é que a visão de Marx acerca do progresso capitalista estava longe de ser tão reducionista. Ao mesmo tempo que o autor não conseguia ignorar que, como nenhum outro modo de produção pré-capitalista, o modo de produção capitalista conseguiu produzir um desenvolvimento sem precedentes das forças produtivas, sem as quais uma sociedade de produtores livremente associados seria impossível. Entretanto, Marx ressalta a todo tempo que isso só se atingiu mediante um custo enorme de sangue humano. Ora, não dizia o autor em *O Capital* que a história da gênese do capitalismo estava "gravada nos anais da humanidade com traços de sangue e fogo" (Marx, 2017a, p. 962)? Ao mesmo tempo que Marx falava em uma função regenerativa da colonização capitalista da Inglaterra na Índia, ele não deixa de ressaltar a brutalidade dos ingleses, falando também em uma função destrutiva (Marx *In.* MECW 12, 2010a, pp. 217-218).

Em *The Future Results of British Rule in India*, de julho de 1853, ele escreveu que "the profound hypocrisy and inherent barbarism of *bourgeois* civilization lies unveiled before our eyes, turning from its home, where it

assumes respectable forms, to the colonies, where it goes naked"[liv] (Marx *In.* MECW 12, 2010a, p. 221). Na Europa, a civilização burguesa aparecia em "formas respeitáveis", até porque ali o recurso à violência extraeconômica havia se tornado excepcional, dado que, ao longo do evolver da produção capitalista, se tornado "possível confiar o trabalhador às 'leis naturais da produção', isto é, à dependência em que ele mesmo se encontra em relação ao capital, dependência que tem origem nas próprias condições de produção e que por elas é garantida e perpetuada" (Marx, 2017a, p. 809). Ali, o funcionamento normal da produção capitalista não mais exigia o recurso constante à violência para impor a "disciplina necessária ao sistema do trabalho assalariado" (Marx, 2017a, p. 808), como se deu com as leis sanguinárias da assim chamada acumulação originária na Inglaterra. Já nas colônias indianas, o barbarismo inerente à sociedade burguesa aparecia em toda sua nudez.

Diferentemente do modo que se dava na Inglaterra, onde existia uma classe trabalhadora inglesa já totalmente despida da propriedade da terra e dos meios de produção e que, "por educação, tradição e hábito, reconhece as exigências desse modo de produção como leis naturais e evidentes por si mesmas" (Marx, 2017a, p. 808), na Índia o regime capitalista chocava-se a todo tempo com o obstáculo da produção comunal indiana, baseada ainda na unidade entre produtor e os meios de produção. Diante disso, o capitalista inglês se via forçado a recorrer novamente à violência extraeconômica para "eliminar à força o modo de produção e apropriação fundado no trabalho próprio" (Marx, 2017a, p. 835), de modo à submeter a Índia às necessidades da acumulação capitalista. Dito de outro modo: era necessário aniquilar completamente a produção agrícola indiana, baseada na propriedade comunal da terra, e transformar as terras coletivas em propriedade privada e, com isso, jogar na mais absoluta miséria a massa do povo indiano.

E conforme o autor diz ainda nesse mesmo artigo de 1853

liv. *A hipocrisia profunda e a barbárie inerente da civilização burguesa se revelam diante de nossos olhos, voltando-se de sua casa, onde assume formas respeitáveis, para as colônias, onde estão nuas* (tradução nossa).

> All the English bourgeoisie may be forced to do will neither emancipate nor materially mend the social condition of the mass of the people, depending not only on the development of the productive powers, but on their appropriation by the people. But what they will not fail to do is to lay down the material premises for both. Has the bourgeoisie ever done more? Has it ever effected a progress without dragging individuals and people through blood and dirt, through misery and degradation? (Marx *In.* MECW 12, 2010a, p. 221)[lv].

Por certo, a colonização inglesa na Índia traria consigo um desenvolvimento de forças produtivas sem precedentes, mas isso de modo algum representaria a emancipação ou enriquecimento da massa do povo indiano — isso se daria apenas quando o povo se apropriasse das forças produtivas engendradas pelo capital. Pelo contrário, a burguesia inglesa só poderia fazê-lo arrastando os indianos "no sangue e na sujeira, na miséria e na degradação". O que a burguesia inglesa fazia era criar as condições materiais e subjetivas para essa emancipação social da massa do povo, mas só o fazia atirando essa massa do povo em uma profunda miséria material e espiritual.

Perceba-se, pois, como muito antes de 1881 Marx já não ignorava a natureza contraditória do desenvolvimento capitalista, que ao mesmo tempo que gera o maior desenvolvimento de forças produtivas já experimentado pela humanidade, submete-a à mais abjeta e generalizada condição de pobreza e degradação. Podemos ver isso mais do que claramente, por exemplo, na segunda parte de *Teorias do Mais-valor*, onde o autor afirma o seguinte

> Apart from the barrenness of such edifying reflections, they reveal a failure to understand the fact that, although at first the development of the capacities of the human species takes place at the cost of the majority of human individuals and even classes, in the end it breaks through this contradiction and coincides with the development of the individual; the higher development of individuality is thus only achieved by a historical process during which individuals are sacrificed, for the interests of the species in the human kingdom, as in the animal and plant kingdoms, always assert themselves at the cost of the interests of individuals, because these interests of the species coincide only with the interests of certain individuals, and it is this

lv. *Tudo aquilo que a burguesia inglesa pode vir a ser forçada a fazer não vai nem emancipar, nem corrigir materialmente a condição social da massa do povo, pois isso depende não só do desenvolvimento das potências produtivas, mas de sua apropriação pelo povo. Mas o que eles não deixarão de fazer é estabelecer as premissas materiais para ambos. A burguesia já fez mais? Será que alguma vez conseguiu um progresso sem arrastar indivíduos e pessoas através do sangue e da sujeira, através da miséria e da degradação?* (tradução livre).

> coincidence which constitutes the strength of these privileged individuals (Marx, 1969, p. 118)[lvi].

Nesse trecho, Marx criticava a percepção de Sismondi de que o desenvolvimento da espécie humana deveria ser interrompido no intuito de garantir o bem-estar dos indivíduos, opondo-a à de Ricardo, para quem o capitalismo era o modo de produção mais vantajoso do ponto de vista da produção de riqueza[lvii]. Marx afirma que, em que pese Sismondi estar certo quando o contrapomos aos economistas que escondiam ou negavam esse caráter contraditório do progresso capitalista, ele ignorava que o desenvolvimento (e o bem estar) da individualidade só era possível graças ao processo histórico em que ocorre o sacrifício de indivíduos — e até mesmo de classes inteiras. Isso na medida que ele cria as capacidades humanas em que ele é possível, e que, embora inicialmente apenas um número limitado de indivíduos fosse beneficiado por esse desenvolvimento, uma vez que essa

lvi. *Além da esterilidade de tais reflexões edificantes, elas revelam uma falha em compreender o fato de que, embora a princípio o desenvolvimento das capacidades da espécie humana ocorra ao custo da maioria dos indivíduos humanos e até mesmo das classes, no final, rompe essa contradição e coincide com o desenvolvimento do indivíduo; o maior desenvolvimento da individualidade só é alcançado por um processo histórico durante o qual os indivíduos são sacrificados, para os interesses da espécie no reino humano, tal qual nos reinos animal e vegetal sempre se afirmam à custa dos interesses dos indivíduos, porque esses interesses da espécie coincidem apenas com os interesses de certos indivíduos, e é essa coincidência que constitui a força desses indivíduos privilegiados* (tradução nossa).

lvii. Nesse texto, Marx coloca que a impiedade com a qual Ricardo defendia a produção enquanto um fim em si mesmo — o que não seria nada mais do que o desenvolvimento de forças produtivas e, pois, da natureza humana como fim em si mesmo —, colocando o capitalismo como o modo de produção mais vantajoso pela criação de riqueza seria não apenas cientificamente honesto, mas cientificamente necessário. E em razão disso, era igualmente imaterial para Ricardo se o desenvolvimento das forças produtivas vinha a custo da propriedade da terra ou dos trabalhadores. E se esse progresso também desvalorizasse o capital da burguesia industrial, tant pis. Se as concepções de Ricardo coincidiam em geral com os interesses da burguesia industrial, era apenas na medida em que e enquanto os interesses dessa parcela da burguesia coincidissem com os interesses da produção. Onde a burguesia industrial entrasse em conflito com o desenvolvimento das capacidades produtivas, aponta Marx, Ricardo era tão impiedoso com ela quanto outras vezes era em relação ao proletariado ou à aristocracia. Portanto, ele era bastante diferente de um sicofanta como Malthus, que só defendia a produção enquanto fosse útil na disputa de aristocracia contra a burguesia e na disputa de ambos contra o proletariado, isto é, ele só defendia os interesses da produção apenas quando condiziam com a manutenção ou extensão do status quo e quando serviam aos interesses das classes dominantes (Marx, 1969, p. 118).

contradição se rompesse, ela corresponderia efetivamente ao desenvolvimento dos indivíduos[lviii].

Nos esboços, Marx expõe essa contraditoriedade do desenvolvimento capitalista aparece em uma forma bastante específica, mas que de modo algum nega ou se contrapõe às considerações acima, pelo contrário, pressupõe-nas. Isso na medida que o autor fala na possibilidade de os russos se apropriarem dos desenvolvimentos positivos gerados pelo capital na Europa Ocidental sem ter que passar pelas suas *Furculae Caudinae*, as quais seriam inevitáveis uma vez ele fixasse suas raízes de forma definitiva na Rússia. Se, hipoteticamente, fosse o capitalismo produzir na Rússia esses desenvolvimentos positivos dentro da configuração nacional russa, aquelas fúrculas caudinas seriam fatalmente vividas. Lembremos aqui do trecho do Prefácio de 1867 ao livro I de *O Capital* — os antagonismos sociais que apareciam de forma aguda em um país industrialmente mais desenvolvido como a Inglaterra eram decorrentes das leis naturais da produção capitalista, leis essas que atuam sobre esse regime de produção e se impõem com "férrea necessidade". A única saída para isso era evitar de todo a produção capitalista, o que na Rússia seria talvez possível.

E para quem negasse que era teoricamente possível a evolução da comuna agrária russa por meio da apropriação dos frutos do capitalismo sem que a Rússia fosse propriamente capitalista, Marx respondia o seguinte:

> Se os adeptos russos do sistema capitalista negam a possibilidade teórica de tal evolução, eu lhes proporia a seguinte questão: para explorar as máquinas, os barcos a vapor, as ferrovias, a Rússia foi forçada, a exemplo do Ocidente, a passar por um longo período de incubação da indústria mecânica? Que eles me expliquem de novo como fizeram para introduzir entre eles num piscar de olhos todo o mecanismo de trocas (bancos, sociedades de crédito etc.), cuja produção custou séculos ao Ocidente? (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 74).

lviii. E isso não pode ser visto como uma divisão da coisa em um lado bom e um lado ruim, algo que Marx tanto criticou em Proudhon em *Miséria da Filosofia*, mas a percepção da indissolubilidade desses aspectos, isto é, de que não podem existir sem o outro. Não era possível "conservar o lado bom, eliminando o mau" (Marx, 2017b, p. 126) como propunha o *monsieur* Proudhon.

A Rússia não era isolada dos países capitalistas, ela estava inserida diretamente na produção capitalista mundial, mesmo que ela não sendo ainda propriamente capitalista. Era verdade que o desenvolvimento das máquinas à vapor, das ferrovias, dos mecanismos de trocas, havia se dado após um longo período incubatório na Europa Ocidental. Mas países como a Rússia ou mesmo os Estados Unidos não precisaram passar por esse mesmo longo período para desfrutar desses desenvolvimentos. Afinal, o capitalismo não é um modo de produção circunscrito às barreiras nacionais, o que Marx e Engels já apontavam desde 1847, no *Manifesto Comunista*:

> Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte. Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reacionários, ela roubou da indústria sua base nacional. As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a ser destruídas diariamente. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas — indústrias que já não empregam matérias-primas nacionais, mas sim matérias-primas vindas das regiões mais distantes, e cujos produtos se consomem não somente no próprio país mas em todas as partes do mundo Ao invés das antigas necessidades, satisfeitas pelos produtos nacionais, surgem novas demandas, que reclamam para sua satisfação os produtos das regiões mais longínquas e de climas os mais diversos. No lugar do antigo isolamento de regiões e nações auto-suficientes, desenvolvem-se um intercâmbio universal e uma universal interdependência das nações. E isto se refere tanto à produção material como à produção intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se, patrimônio comum. A estreiteza e a unilateralidade nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis; das numerosas literaturas nacionais e locais nasce uma literatura universal (Marx & Engels, 2005, p. 43).

Assim, o simples fato de a produção capitalista russa estar ainda engatinhando em 1881 se comparada, por exemplo, com a Inglaterra, a França, os Estados Unidos e a Alemanha, isso não significava que ela não participasse do mercado mundial desenvolvido pela grande indústria moderna e que, portanto, os ganhos que o modo de produção capitalista produziu seriam inalcançáveis para os russos. Ora, a Rússia não possuía bancos? Já não existiam na Rússia máquinas à vapor? Uma malha ferroviária já não conectava toda a Rússia europeia? Novamente, nas palavras de Marx e Engels no Manifesto, “os isolamentos e os antagonismos nacionais entre os povos

desaparecem cada vez mais com o desenvolvimento da burguesia, com a liberdade de comércio, com o mercado mundial, com a uniformidade da produção industrial e com as condições de existência a ela correspondentes" (Marx & Engels, 2005, p. 56).

E a Rússia não apenas era contemporânea ao capitalismo, mas havia sobrevivido tempo suficiente não só para ver seu ápice, bem como para vê-lo em crise, em um momento em já se encontrava em plena contradição consigo mesmo, em luta contra as classes trabalhadoras e contra as forças produtivas que ele mesmo havia engendrado (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 78). Nos termos do autor no prefácio de 1859 de sua Contribuição para a crítica da economia política, a *obshchina* havia sobrevivido tempo suficiente para vivenciar uma época de revolução social, em que

> as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então. De formas evolutivas das forças produtivas que eram, essas relações convertem-se em entraves (Marx, 2008, p. 47).

Aponta o autor do *Capital* que, se de um lado a produção capitalista havia desenvolvido "de forma maravilhosa as forças produtivas da sociedade, […] de outro, trouxe consigo sua própria incompatibilidade com as forças que ela mesma engendra" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 85). A partir de então, sua história não era senão "uma história de antagonismos, crises, conflitos, desastres" (Marx In. Marx & Engels, 2013, p. 85). Naquele momento, havia se tornado claro como dia, "exceto aos cegos por interesse" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 85) a natureza transitória desse modo de produção, que representava apenas um momento muito breve e recente na história humana. E iniciada essa era de crises contínuas e sucessivas,

> os povos entre os quais ela [a produção capitalista] teve o seu maior avanço na Europa e na América aspiram tão somente romper suas correntes e trocar a produção capitalista pela produção cooperativa e a propriedade capitalista por uma forma superior do tipo arcaico de propriedade, isto é, pela propriedade comunista (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 85).

Por que então os russos haveriam necessariamente de se jogar na produção capitalista como quem se lança de um precipício, sacrificando um dos últimos resquícios da propriedade comunal no “altar da história”, quando o capitalismo já dava claros sinais de sua caducidade? Simplesmente porque fora assim no restante da Europa? E não era fato que esses povos que experimentavam o mais elevado desenvolvimento capitalista já não suportavam esse modo de produção e seus antagonismos como “se suportam grilhões” (Marx, 2010, p. 149)?

Ademais, não seria prova suficiente dessa possibilidade que, antes mesmo que o capitalismo fosse *fait accompli* na Rússia, antes que os russos experimentassem todas suas contradições e seus antagonismos em sua forma mais aguda, os russos já estivessem *al pari* das críticas a esse modo de produção? O próprio fato de os revolucionários russos buscarem uma possibilidade de evitar por completo os grilhões que acompanham esse modo de produção já demonstrava a contemporaneidade da Rússia com o presente capitalista europeu. E não apenas isso, os revolucionários russos buscavam inclusive um caminho em direção ao socialismo na Rússia, algo que só era possível por serem testemunhas não apenas do desenvolvimento capitalista na Europa Ocidental, mas daquilo que Marx aponta como a crise fatal desse modo de produção.

Com as devidas mediações e muita cautela, poderíamos até mesmo nos lembrar aqui daquilo que Marx fala da Alemanha na *Introdução* à sua abortada *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, texto no qual Marx diz aos alemães que “somos contemporâneos filosóficos do presente, sem sermos seus contemporâneos históricos” (Marx, 2010, p. 150), urgindo, contudo, que os alemães ajustasse “a sua história onírica às suas condições existentes” (Marx, 2010, p. 150) e sujeitassem “à crítica não apenas essas condições existentes, mas igualmente sua continuação abstrata” (Marx, 2010, p. 150), isto é, que não poderiam “restringir-se nem à negação direta de suas condições políticas e jurídicas reais, nem à imediata realização de suas circunstâncias políticas e jurídicas ideais” (Marx, 2010, p. 150).

O fato de a comuna existir ainda quando o capitalismo havia se tornado incompatível com as suas próprias forças produtivas era certamente um fator importante para Marx quando o autor considera a possibilidade de a comuna agrária servir de ponto de partida de revolucionamento da sociedade russa. Isso na medida que

> uma sociedade jamais desaparece antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas que possa conter, e as relações de produção novas e superiores não tomam jamais seu lugar antes que as condições materiais de existência dessas relações tenham sido incubadas no próprio seio da velha sociedade. Eis porque a humanidade não se propõe nunca senão os problemas que ela pode resolver, pois, aprofundando a análise, ver-se-á sempre que o próprio problema só se apresenta quando as condições materiais para resolvê-lo existem ou estão em vias de existir (Marx, 2008, p. 48).

Note-se que, em 1881, o autor não se contrapõe ao que consta no prefácio de 59. Em 1881, Marx não deixa de ressaltar como não apenas eram disponíveis aos russos as condições materiais para o desenvolvimento de novas relações sociais fundadas no trabalho coletivo e na apropriação comum das riquezas produzidas, mas também como já era plenamente evidente que o capitalismo se encontrava em plena contradição consigo mesmo. Sem isso, não seria possível a superação das relações capitalistas, eis que são “as forças produtivas que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa” que “criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para resolver esse antagonismo” (Marx, 2008, p. 48).

Aqui atingimos um ponto talvez controverso. Quando Marx fala na comuna enquanto um possível ponto de partida para a regeneração social da Rússia, o que exatamente ele queria dizer por essa ‘regeneração social’ não é exatamente claro. Vejamos o seguinte trecho

> Em suma, ela [*obshchina*] o [capitalismo] encontra numa crise que só terminará com a sua eliminação, com o retorno das sociedades modernas ao tipo “arcaico” da propriedade comum, uma forma ou, como disse um autor norte-americano nem um pouco suspeito de tendências revolucionárias [Morgan] e que em seus trabalhos contou com o apoio do governo de Washington, “o sistema novo” para o qual tende a sociedade moderna “será uma renascença (*a revival*) numa forma superior (*in a superior form*) de um tipo social arcaico”. Por conseguinte, não há porque deixar-se atemorizar pela palavra “arcaico” (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 75).

Note-se como o autor fala no "'sistema novo' para o qual tende a sociedade moderna". No terceiro esboço, ele usa de uma expressão bastante similar, dizendo que "ela [a comuna agrária russa] poderá tornar-se o ponto de partida direto do sistema econômico para o qual tende a sociedade moderna e trocar de pele sem precisar antes cometer suicídio" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 91). Estaria aqui o autor afirmando que a *obshchina* poderia servir de ponto de partida para o comunismo? Ao nosso ver, tudo nesses rascunhos parece sugerir que sim, pois o autor fala aqui no sistema econômico para o qual tende a sociedade moderna, um sistema que parte do desenvolvimento de forças produtivas engendrado pelo capitalismo, mas organizado pelo princípio coletivo, tanto na produção, quanto na apropriação dos produtos do trabalho coletivo. Poderíamos aqui nos lembrar de um trecho do livro III do *Capital*, no qual Marx diz que "a liberdade não pode ser mais do que fato de que o homem socializado, os produtores associados, regulem racionalmente esse seu metabolismo com a natureza, submetendo-o a seu controle coletivo, em vez de serem dominados por ele como por um poder cego" (Marx, 2017b, p. 883). E consoante já vimos no prefácio escrito por Marx e Engels para a tradução russa do *Manifesto Comunista*, ali está colocado de forma bastante direta que "se a revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de *ponto de partida para uma evolução comunista*" (Marx & Engels, 2013, p. 103) [destaque nosso].

Outro ponto interessante é como o autor coloca a questão do caráter arcaico. Ao contrário do que talvez se poderia supor, o uso da expressão "arcaica" para descrever a *obshchina* não denota nenhum tipo de valorização moral. Pelo contrário, a descrição da comuna agrária russa como 'arcaica' simplesmente faz referência ao fato de ser uma forma mais antiga do que, por exemplo, a propriedade privada capitalista. Ademais, como coloca Marx, se as sociedades modernas tendem para o retorno a um tipo arcaico da propriedade coletiva, "não há porque deixar-se atemorizar pela palavra 'arcaico'" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 75). Contudo, não podemos nos deixar levar por essa

afirmação e concluir que há uma romantização dessas formas arcaicas. Fazendo referência à colocação de Lewis Morgan em *Ancient Society,* "a revival in a higher form" (Morgan, 1910, p. 562), Marx alude aqui a um retorno à uma forma arcaica de propriedade coletiva, mas em uma forma superior. Seria, então, uma forma de propriedade coletiva que parte dos avanços engendrados pelo modo de produção capitalista, um retorno a certos aspectos das sociedades mais antigas, mas de uma forma nova, '*higher*', mais elevada. Se a referência a Morgan pode nos esclarecer qualquer coisa, quando o americano fala nesse '*revival*', ele pressupõe a incorporação racional dos avanços da propriedade moderna, no momento em que "human intelligence will rise to the mastery over property[lix]" (Morgan, 1910, p. 262). É, pois, em um sentido semelhante que Marx retoma essa noção de "revival in a higher form" de Morgan[lx]. Isso dada a convicção do autor renano de que o simples retorno a formas passadas sem a incorporação das forças produtivas aprimoradas pelo capitalismo implicaria apenas na coletivização da miséria. Nos termos inequívocos dos *Grundrisse*:

> Independência pessoal fundada sobre uma dependência coisal é a segunda grande forma na qual se constitui pela primeira vez um sistema de metabolismo social universal, de relações universais, de necessidades múltiplas e de capacidades universais. A livre individualidade fundada sobre o desenvolvimento universal dos indivíduos e a subordinação de sua produtividade coletiva, social, como seu poder social, é o terceiro estágio. O segundo estágio cria as condições do terceiro (Marx, 2011a, p. 106).

Vale assinalar que essa ênfase na necessidade de apropriação das conquistas positivas do capitalismo é um aspecto que distingue a gama de possibilidades para a *obshchina* apontada por Marx e a que Vera Zasulich traz em sua carta. Em sua missiva, a revolucionária russa fala apenas em liberar a

lix. *A inteligência humana ascenderá ao domínio sobre a propriedade* (tradução nossa).

lx. Vale ressaltar que não trazemos aqui uma identificação entre essas considerações de Marx e as Morgan. Por exemplo, nessa frase que Marx parafraseia, Morgan ali diz que "it will be a revival, in a higher form, of the liberty, equality and fraternity of the ancient gentes" (Morgan, 1910, pp. 561-562) [*Será uma retorno da liberdade, da igualdade e da fraternidade das gens antigas numa forma mais elevada*] (tradução nossa). Como indica Álvares (2019, p. 165), Morgan de certo modo aqui parece tomado pelo espírito de Robinson Crusoé dos autores da economia política clássica, vendo na sociedade iroquesa os princípios de *liberté, égalité e fraternité* da Revolução Francesa, isto é, caracterizando uma forma de sociedade pré-capitalista a partir de pressupostos da sociedade burguesa.

comuna agrária das “exigências desmesuradas do fisco, dos pagamentos aos donos das terras e da administração arbitrária” (Zasulich *In.* Marx & Engels, 2013, p. 66) como condição para a *obshchina* poder “se desenvolver pela via socialista, quer dizer, de organizar pouco a pouco sua produção e distribuição de produtos sobre bases coletivistas” (Zasulich *In.* Marx & Engels, 2013, p. 66). Ou seja, em uma perspectiva que talvez poderíamos dizer ‘romântica’, Vera Zasulich coloca que seria necessário apenas colocar a comuna russa no que Marx se refere por ‘condições normais’. Marx, por sua vez, assinala de forma bastante enfática a importância da incorporação dos avanços engendrados pela produção capitalista uma vez que a comuna agrária se colocasse sobre seus próprios pés. Além disso, sem que o capitalismo já se encontrasse mergulhado em contradições com suas próprias forças produtivas, a perspectiva de sua superação não passaria de uma utopia. Em outras palavras, Marx faz questão de frisar nos esboços que não bastava que a comuna fosse liberta das “exigências desmesuradas do fisco, dos pagamentos aos donos das terras e da administração arbitrária” para que ela pudesse se “se desenvolver pela via socialista”. Isso seria apenas um dos passos.

Aqui é importante notar que Marx não fala exatamente qual seria o caminho para essa ‘regeneração social’ na Rússia, como essas conquistas positivas poderiam ser apropriadas pelos russos sem que a Rússia precisasse se submeter aos forcados caudinos do regime capitalista. Seria antes necessária uma revolução vitoriosa do proletariado europeu? Ou a Rússia poderia se regenerar sozinha? Por exemplo, em 1894, Engels colocou de forma bastante direta que a comuna agrária russa só poderia servir de ponto de partida para a evolução comunista da Rússia depois que o proletariado europeu tivesse se apropriado dos meios de produção, colocando-os na posse comum do povo. Para o autor de *Guerras Camponesas na Alemanha*, a permanência de formas comunais arcaicas como a Rússia serviriam para abreviar o “processo de desenvolvimento até a sociedade socialista e resguardar-se da maior parte dos sofrimentos e lutas que nós, na Europa ocidental, só com muito esforço conseguimos superar” (Engels *In.* Marx &

Engels, 2013, p. 110), mas isso só seria possível existindo "o exemplo e o apoio ativo do Ocidente até agora capitalista constitui uma condição incontornável" (Engels *In.* Marx & Engels, 2013, p. 110). Marx, por outro lado, não colocou a questão em termos tão claros nos textos de 1881.

Essa lacuna não é exatamente um problema, sobretudo quando consideramos o estatuto desses textos (rascunhos para uma carta), mas a questão se torna problemática quando analisamos as considerações de alguns intérpretes. Aqui estamos nos referindo a Haruki Wada e à tese do autor de que, ao contrário de Engels, nesses textos Marx não consideraria uma relação entre essa 'regeneração social' da Rússia e uma revolução proletária vitoriosa na Europa Ocidental. O marxólogo japonês aponta que

> não há referência aqui a uma revolução proletária na Europa ocidental. […] [H]á uma mudança marcante na sua percepção do caminho no qual o Ocidente avançado serve como precondição para uma revolução russa. Antes ele esperava que uma vitoriosa revolução proletária na Europa Ocidental e a ajuda material dessa revolução constituíssem uma precondição importante para uma revolução na Rússia, mas a partir de então encontra uma precondição essencial nos avanços tecnológicos do capitalismo, bem como na crise da produção capitalista (Wada, 2017, p. 110).

Wada considera, portanto, que nesses rascunhos de 1881, Marx não estaria assinalando uma revolução proletária vitoriosa como condição para a regeneração social da Rússia, ao menos não da mesma forma de 1878. Para o autor japonês, os rascunhos de 1881 só trariam como condição para essa regeneração os avanços materiais produzidos pelo capitalismo e a crise desse modo de produção, sem que a Europa ocidental tivesse que ter passado antes por uma revolução proletária. Wada fala ainda que em 1881 Marx anteciparia que "mesmo se a revolução russa fosse vitoriosa e a regeneração da vida russa acontecesse com base nas comunas rurais, isso poderia não ser seguido imediatamente por revoluções em outros países da Europa. Isso parece bem relacionado com a visão pessimista que ele então sustentava sobre a possibilidade de uma revolução alemã na época da lei de Bismarck, que colocava o socialismo na ilegalidade" (Wada, 2017, p. 112).

De modo similar, Shanin considera que no final da vida, Marx estaria se afastando da posição de que “o futuro da comuna russa estava inevitavelmente sujeito à revolução proletária no Ocidente” (Shanin, 2017, p. 56). Shanin sustenta ainda que Engels continuaria a defender essa dependência, vendo nisso como “parte da marcha irresistível para o ‘progresso’” (Shanin, 2017, p. 56) e que “a ordem básica das coisas não podia ser mudada” (Shanin, 2017, p. 56)[lxi].

Contudo, não vemos que a ausência de menção a uma revolução na Europa ocidental seja prova suficiente para a tese sustentada por Wada e endossada por Shanin. Em primeiro lugar, a ausência de menção nesses textos específicos — que, não podemos nos esquecer, não foram preparados para publicação — não nega que Marx tenha frisado, especificamente sobre a Rússia, a relação com uma revolução proletária no Ocidente em outros textos da mesma época. O principal deles é o prefácio da tradução russa do *Manifesto Comunista*, escrito por Marx e Engels em 1882. Como já vimos, os autores colocam naquele texto de maneira bastante clara que “se a revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista” (Marx & Engels, 2013, p. 103). Isto é, apenas uma revolução proletária vitoriosa no Ocidente tornaria possível que a propriedade comum da terra pudesse servir de ponto de partida para uma evolução comunista na Rússia.

Wada, é claro, não ignora isso. Entretanto, ele considera que o prefácio de 1882 seria apenas de autoria de Engels, de modo que o texto de 1882 não afetaria seu ponto de vista de que, a partir de 1881, Marx não veria mais uma necessidade de complementaridade entre esses dois desenvolvimentos. Para o autor japonês, o texto de 1882 expressaria o posicionamento apenas de Engels, não de Marx, em que pese a assinatura dos dois no texto. Em que pese da argumentação de Wada, não consideramos que ele possua evidências

lxi. Trataremos mais da posição de Engels e de convergências e divergências entre os autores do *Manifesto Comunista* sobre a Rússia no capítulo seguinte.

suficientemente convincentes para isso. Ora, sabe-se bem o quão meticuloso Marx foi durante toda a vida em relação aos materiais que escrevia para publicação, de modo que precisamos nos indagar por que ele teria assinado um texto que não expressava sua posição própria. Além disso, em uma carta de Engels para Nikolai Danielson datada de 24 de fevereiro de 1894 o autor fala no prefácio de 1882, dizendo "our author [Marx] said in a certain preface to a certain old manifesto, in January 1882"[lxii] (Engels *In.* MECW v. 50, 2010o, p. 110; grifo nosso). Assim, se seguirmos as palavras de Engels — o que parece mais seguro do que seguir as especulações de intérpretes — e se fôssemos questionar a autoria conjunta do texto, seria mais razoável considerar o prefácio de 1882 como de autoria apenas de Marx do que apenas de Engels.

Ademais, em cartas de Marx dos 1870, sempre que o autor do *Capital* tratava de uma possível revolução na Rússia, ele sempre o fazia tratando também da revolução proletária europeia. Por exemplo, em uma carta para o socialista francês e combatente da Comuna de Paris, Jules Guesde, Marx disse o seguinte:

> Estou convencido de que a revolução em sua forma explosiva partirá dessa vez não do Ocidente, mas do Oriente — da Rússia. Ela reagirá inicialmente sobre os dois outros despotismos graves [ilegível], a Áustria e a Alemanha, onde um desenvolvimento violento se tornou uma necessidade histórica. É da mais elevada importância que no momento dessa crise geral, a Europa encontre o proletariado francês já constituído em um partido operário e pronto a desempenhar seu papel (Marx, 2024, p. 576).

Como se pode reparar, Marx estava convencido de que a próxima revolução partiria da Rússia em uma forma explosiva, jacobina, e que ela logo se espalharia para a Áustria e para a Alemanha, sendo que o proletariado francês haveria de desempenhar papel central nessa crise geral. Em outras palavras, a revolução explosiva na Rússia serviria de sinal para a revolução proletária europeia, na qual o proletariado francês haveria de assumir papel chave. Assim, parece-nos incontestável que quando Marx trata de uma revolução russa, ele considerava-a sempre em conjunto de uma revolução

lxii. *Nosso autor [Marx] disse em um certo prefácio a um certo velho manifesto, em janeiro de 1881* (tradução nossa)

proletária no Ocidente, nunca colocando a questão revolucionária com uma perspectiva meramente nacional.

Por demais, Marx mesmo não ressaltara nesses esboços de 1881 o caráter mundial das relações capitalistas, o que seria justamente a condição que possibilitaria à comuna agrária russa servir de alavanca de uma evolução comunista? Como poderia a Rússia ingressar no caminho dessa evolução comunista enquanto a Europa ocidental fosse ainda capitalista? O próprio Engels coloca esse questionamento no posfácio de 1894 a *Questões sociais da Rússia*, em que ele indaga "como ela poderia apropriar-se, enquanto propriedade social e instrumento, das gigantescas forças produtivas da sociedade capitalista antes mesmo de a sociedade capitalista ter consumado essa revolução?" (Engels *In.* Marx & Engels, 2013, p. 109). Não é que estejamos atribuindo uma identidade entre os pensamentos dos dois autores, mas não podemos ignorar que as evidências apontam muito mais fortemente para a ideia de que existia um certo consenso entre os autores acerca da relação de uma possível revolução russa e a revolução proletária europeia. Ademais, embora não tenhamos provas, não seria absurdo considerar que Marx tenha feito a mesma indagação que Engels coloca em 1894. Atrevemo-nos até mesmo a sugerir que o absurdo seria pensar que Marx não faria questionamento semelhante.

Podemos ainda recorrer à argumentação desenvolvida por Paresh Chattopadhyay contra essa tese de Haruki Wada. Como Chattopadhyay aponta, embora não haja nos rascunhos menção explícita à revolução proletária no Ocidente, "a careful reading of Marx's drafts shows that the question of a 'proletarian revolution' in the West as an aid to the peasant revolution in Russia is very much present there, though the specific term is not there"[lxiii] (Chattopadhyay, 2017, p. 9). Isso na medida que, como aponta Chattopadhyay, quando Marx fala no fato de a *obshchina* ser testemunha da crise fatal do capitalismo, a qual "terminará com a sua eliminação, com o

lxiii. *Uma leitura cuidadosa dos rascunhos de Marx mostra que a questão da 'revolução proletária' no Ocidente como uma ajuda à revolução camponesa na Rússia está presente lá, embora o termo específico não esteja* (tradução nossa).

retorno das sociedades modernas a uma forma superior de um tipo “arcaico” da propriedade e da produção coletivas” (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 78), o autor de *O Capital* estaria apontando para

> a situation of acute contradiction between the relations of production and the material forces of production within western capitalism ending in a “fatal crisis” of the whole system and leading to its elimination and its substitution by a society of a higher type obviously only possible through a revolution by its “labouring masses,” that is, the proletariat (Chattopadhyay, 2017, p. 10)[lxiv].

Assim, o intérprete aponta que quando Marx fala na crise fatal do capitalismo e sua substituição por uma forma superior, ele estaria se referindo à revolução proletária, eis que Marx aponta para essa revolução como o único caminho para essa evolução. Em outras palavras, se a revolução proletária é o pressuposto para esse “retorno das sociedades modernas a uma forma superior de um tipo “arcaico” da propriedade e da produção coletivas” (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 78), a revolução na Rússia não poderia ocorrer sem a vitória de uma revolução do proletariado europeu.

Mas que fique claro: essa ênfase colocada por Marx no proletariado enquanto agente revolucionário de modo algum converte essa classe em uma espécie de objeto de adoração, como adverte J. Chasin (2017, p. 39). Era a condição dessa classe como uma “uma esfera que possua um caráter universal mediante seus sofrimentos universais” (Marx, 2010, p. 156), uma classe que não reivindica “nenhum direito particular porque contra ela não se comete uma injustiça particular, mas a injustiça por excelência, que já não possa exigir um título histórico, mas apenas o título humano” (Marx, 2010, p. 156). Isso porque — e esse ponto é essencial — a revolução proletária era para Marx a chave para a emancipação humana, como o meio da afirmação universal do homem, e não como meio de afirmação de uma classe supostamente universal (Chasin, 2017, p. 39). Marx considerava que a emancipação humana se realizaria por meio da revolução proletária porque ela era a classe que “não pode se

lxiv. *Uma situação de contradição aguda entre as relações de produção e as forças materiais de produção dentro do capitalismo ocidental, terminando em uma "crise fatal" de todo o sistema e levando à sua eliminação e sua substituição por uma sociedade de um tipo superior, obviamente, só possível por meio de uma revolução de suas ‘massas trabalhadoras’, isto é, o proletariado* (tradução nossa).

emancipar sem se emancipar de todas as outras esferas da sociedade e, com isso, sem emancipar todas essas esferas – uma esfera que é, numa palavra, a perda total da humanidade e que, portanto, só pode ganhar a si mesma por um reganho total do homem" (Marx, 2010, p. 156). Dito de outro modo "não é a afirmação do proletariado como classe universal, mas da universalidade da negação de sua condição de classe, de classe que não é mais uma classe da sociedade civil" (Chasin, 2017, p. 39), isto é, sua condição de "classe negada […] que se configura como mediação para a afirmação da universalidade humana" (Chasin, 2017, p. 39).

Conforme salientado por Chasin (2009, p. 62), desde 43/44, núcleo propulsor da atividade intelectual e política de Marx passa a ser sempre "a revolução radical, a emancipação humana universal" (Marx, 2010, p. 154), a afirmação da universalidade do homem, "de sorte que sua "universalidade" é a dissolução universal das formas de dominação, e não ser o agente de uma dada forma de dominação" (Chasin, 2017, p. 40). Esse "é o télos onímodo, permanente" (Chasin, 2009, p. 62) para Marx. Eis aqui a razão pela qual não podemos afirmar que Marx tratava em 1881 da perspectiva de uma revolução socialista apenas na Rússia, sem considerar a revolução proletária europeia e a conexão imprescindível entre elas, uma vez que a questão fundamental para Marx nunca deixou de ser a emancipação humana. A emancipação de um povo estava sempre conectada à perspectiva universal da emancipação do gênero humano e isso não é diferente no que toca a revolução na Rússia.

A carta a Jules Guesde nos permite chegar a outro ponto. Pelo que já foi exposto aqui e no capítulo anterior, seria possível concluir aqui que Marx estaria endossando aqui de forma integral e absoluta o programa da *Narodnaia volia*? Essa seria a tese defendida por Teodor Shanin. O autor de *O último Marx: deuses e artesãos* defende que haveria nesses rascunhos um "tom claramente 'terceiro-mundista'" (Shanin, 2017, p. 53), bem como que neles Marx "expressava suas preferências políticas em alto e bom som" (Shanin, 2017, p. 53). Ele diz que esses textos nos exporiam um Marx simpático aos "lutadores e revolucionários, fosse qual fosse a 'letra miúda' de seus credos, e

contra marxistas doutrinários, especialmente quando usavam fundamentos teóricos para censurar as lutas revolucionárias" (Shanin, 2017, p. 53), sobretudo quanto aos *narodovoltsy*. Shanin afirma que

> os membros da Vontade do Povo, como experiência de vida, eram, para ele [Marx], não apenas corretos no essencial de suas posições políticas, mas 'simples, objetivos, heróicos'. Suas posições não eram uma 'teoria' tiranicida, nem uma 'panaceia', mas uma lição para a Europa em um modo de ação 'especificamente' russo, historicamente inevitável; contra o qual qualquer moralismo de uma distância segura era ofensivo'. Por outro lado, ele se voltou agudamente contra o grupo da Repartição Negra de Plekhanov, em Genebra (Shanin, 2017, pp. 53-54).

Se podemos ver claramente a defesa da possibilidade de um caminho em direção ao socialismo na Rússia partindo da comuna agrária, não acreditamos que há nisso um 'tom terceiro-mundista' — seja lá o que isso seja — como Shanin aponta. Não se trata de uma rejeição de um prévio eurocentrismo em oposição a suposta uma ênfase no "Terceiro Mundo" — expressão que sequer podemos usar quando tratamos do século XIX. Tampouco era uma questão de afirmar que "a Inglaterra que ele sabia ser 'mais desenvolvida industrialmente não oferecia, e nem poderia, de fato, 'oferecer para a menos desenvolvida 'Rússia a 'imagem de seu próprio futuro'" (Shanin, 2017, p. 48), como já colocamos em um capítulo anterior. Outrossim, como frisamos acima, o fundamental para Marx não é a emancipação de uma classe, de um povo ou de um dito 'terceiro-mundo'. A revolução social da qual trata Marx tem por desígnio nada menos do que a emancipação humana, a dissolução universal de todas as formas de dominação e a afirmação da universalidade do humano, isto é, o reganho total do homem, sua "efetiva e autêntica realização" (Chasin, 2009, p. 62). Quando Shanin e Wada afirmam que, a partir de 1881, Marx não mais enfatizaria a necessidade da revolução proletária europeia — a revolução daquela classe de "grilhões radicais" — quando tratava de uma revolução na Rússia, reduzindo a revolução social à revolução de um povo só, ambos parecem descartar completamente a tônica da autolibertação dos homens, algo que o próprio Marx jamais fez.

E no que diz respeito à *Narodnaia volia* e seu programa, se Marx considerava que a revolução "explosiva", "jacobina" dos *narodovoltsy* haveria

de ser a forma de uma revolução na Rússia, ele o defendia especificamente para a Rússia, dadas as suas particularidades enquanto um país ainda regido por um Estado despótico como o tsarista. Seu apoio ao programa *narodovoltsy* era condicionado ao fato de Marx vê-lo como o mais adequado para a situação russa. Não significa que ele defendesse para todos os revolucionários europeus o mesmo. Muito pelo contrário, como vemos na carta a Jules Guesde, em que Marx ecoa as reprovações do communard à "insurreição à Blanqui", isto é, independente das circunstâncias. Assim, o apoio de Marx à *Narodnaia volia* não era apesar da letra miúda de seu credo, mas porque o autor acreditava que a luta explosiva dos *narodovoltsy* era a mais adequada para as necessidades de uma revolução na Rússia. Além disso, é importante notar que em nenhum desses textos Marx trata especificamente do programa ou do "credo" da *Narodnaia volia*.

Por fim, vale apontar ainda que, embora Marx estivesse tratando da possibilidade da *obshchina* servir de ponto de partida de um desenvolvimento socialista na Rússia, sua argumentação se contrapõe fortemente à uma suposta superioridade do povo russo sobre o restante dos europeus, que era a tese eslavófila, bem como à ideia de uma predisposição do camponês russo ao comunismo, como em uma dada medida via Bakunin (*cf.* Bakunin, 2007[lxv]). Em primeiro lugar, como já foi tratado, ainda que na Rússia ela assumisse características particulares, a comuna agrária não era propriamente uma forma exclusivamente russa, tendo existido entre outros povos, inclusive entre os germânicos, de modo que a ideia de que a *obshchina* era a fonte de uma excepcionalidade russa era falsa. Tampouco seria possível dizer que a sobrevivência dessa forma entre os russos se devia à uma predisposição do camponês russo ao comunismo. Basta lembrar, por exemplo, de como Marx aponta para o dualismo da comuna agrária, isto é, como a *obshchina* era marcada pela coexistência do elemento privado com o coletivo, sendo igualmente possível a prevalência de ambos sobre o outro. O próprio

lxv. Por exemplo, em *Estatismo e anarquia*, Bakunin chega até mesmo a falar em "revolucionários naturais" entre os camponeses (*cf.* Bakunin, 2007, p. 628). Esse aspecto de sua obra foi extremamente influente entre os *narodniks*, tendo inclusive sido parte da motivação do movimento de 'Ida ao Povo' de 1874.

surgimento dos *miroeds* e dos *kulaks* nas comunidades agrárias russas era outra evidência que ia contra essa tese da predisposição dos russos ao comunismo. Pelo contrário, esse comunismo primitivo da comuna agrária russo havia sido vivido por outros povos, tanto na Europa, como na Ásia, algo que o próprio Chernyshevsky não deixa de notar (Chernyshevsky, 2017, p. 261).

c. A *obshchina* no fim do século

Dito tudo isso, fato era que, para se a comuna agrária russa fosse realmente ser uma alavanca do revolucionamento da sociedade russa, antes de mais nada, era preciso que ela conseguisse sobreviver (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 82). Em virtude disso, a questão era se, em 1881, estava a *obshchina* em condições de sobreviver tempo suficiente para que pudesse se desenvolver e servir de *point d'appui* para um *revival in a higher form*? Admitadamente, quando Marx afirma que ele possuía tal potencial, ele trata da questão abstraindo da condição real dessas comunidades agrícolas no começo fim do século XIX. Por exemplo, no seguinte trecho, o autor o diz de forma explícita:

> Falando em termos teóricos, a "comuna rural" russa pode, portanto, conservar-se, desenvolvendo sua base, a propriedade comum da terra, e eliminando o princípio da propriedade privada, igualmente implicado nela; […]. Porém, é preciso descer da teoria pura à realidade russa (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, pp. 78-79) [destaque nosso].

Marx deixa claro no texto que, quando ele tratava da possibilidade da obshchina "trocar de pele sem suicidar", apropriando-se dos "frutos com que a produção capitalista enriqueceu a humanidade sem passar pelo regime capitalista", ele fazia considerações 'teóricas', no sentido que de dizer que abstraía de "todas as misérias que, no presente, oprimem a 'comuna rural' russa e *levando em consideração tão somente sua forma constitutiva e seu ambiente histórico*" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 80) [destaque nosso]. Em vista disso, para que os revolucionários russos pudessem efetivamente pensar num caminho revolucionário partindo da obshchina como ponto de partida, era então "preciso descer da teoria pura à realidade russa" (Marx *In*. Marx &

Engels, 2013, p. 79), *id est*, avançar de níveis de maior mais abstração a níveis de maior concretude.

E quais eram exatamente essas misérias que oprimiam a comuna agrária? Para compreendê-las, é necessário voltar algumas décadas, especificamente para os anos 1860, quando a Reforma de 1861 pôs fim à servidão na Rússia. Em linhas gerais, a Reforma era guiada pelo princípio de que, umas vez libertos, aos servos rurais deveria ser concedido um pedaço de terra (nadel) da propriedade da terra de seu antigo senhor, lotes cujo tamanho poderia ser combinado entre o nobre e seus servos ou seguir as determinações do Estatuto de 1861, sendo que o nadel deveria manter alguma proporcionalidade com o tamanho da terra ocupado pela comuna camponesa antes de 1861 (Robinson, 1932, p. 80). Entretanto, a esses camponeses não era facultado receber ou não os lotes de terras, de modo que, ao contrário do que se lia na letra do Estatuto de 1861, a aquisição da terra era condição para a liberdade, estando os camponeses virtualmente obrigados a adquirir o nadel, inclusive sendo comum que fossem coagidos pelos proprietários de terras a fazê-lo.

Essas terras eram adquiridas mediante o pagamento do resgate (*vykup*), o que poderia se dar mediante ajuda do Estado, com a contração de um empréstimo público, ou sem intervenção estatal, sendo que, nesse segundo caso, a aquisição dependeria de um acordo voluntário entre a comuna e o proprietário da terra (Robinson, 1932, p. 66; Marx, 2020, p. 103). Se fosse contraído o empréstimo estatal, que era a maioria dos casos, em geral os servos libertos teriam 49 anos para pagar ao Estado o valor adiantado aos nobres, acrescido de juros (Robinson, 1932, p. 84). Entretanto, mesmo quando o resgate se dava com ajuda estatal, era ainda possível que o proprietário da terra exigisse compensação adicional pela terra, a qual seria paga diretamente a ele.

Para além disso, a Reforma determinava também que os servos libertos eram obrigados a indenizar seus antigos senhores pelas obrigações que não mais pagariam uma vez que fossem livres, seja se o resgate tenha se

dado com ajuda estatal ou não (Robinson, 1932, p. 66). E a depender do tipo de distribuição de terras dentro da *obshchina*, isto é, se os lotes de terras de cada família eram redistribuídos periodicamente ou se a família camponesa tinha posse hereditária de um dado lote de terra, seria a comuna agrária como um todo ou cada família camponesa que pagaria o *vykup* e o *obrok*. No caso das comunas com posse hereditária (*podvornoe vladenie*), que eram menos comum do que as comunas com posse reparticional (*obshchinnoe polzovanie* ou *vladenie*), a lei determinava que os pagamentos eram de responsabilidade coletiva da comuna agrária[lxvi] (Robinson, 1932, p. 73). Para a *obshchinnoe vladenie*, o empréstimo estatal só era concedido se as famílias da comuna aceitassem a responsabilidade coletiva pelo pagamento do resgate, de modo que, considerando que a grande parte dos camponeses não tinha meios para pagar o *vykup* sem ajuda estatal, a maior parte das terras nessas comunas foi adquirida assim (Robinson, 1932, p. 75). E em função da responsabilidade coletiva pelo pagamento do *vykup* e do *obrok*, tanto nas comunas reparticionais, quanto nas hereditárias, a renúncia da terra pelos camponeses era praticamente impossível, pois vinha acompanhada de obstáculos burocráticos praticamente insuperáveis (Robinson, 1932, p. 67). Segundo dados apresentados por Trotsky em *A Revolução de 1905*, a dívida total dos servos libertos relativa ao resgate da terra somava 867 milhões de rublos, cerca de 219 milhões acima do valor calculado a partir da rentabilidade capitalizada das terras concedidas (Trotsky, 2006, *sp*.)

E acontece que, para além de serem obrigados a arcar com o pagamento pela terra e com o resgate de suas obrigações (*vykup*), era ainda cobrado dos ex-servos uma enorme carga tributária (Marx, 2020, pp. 116-117). Nas notas de Marx sobre a Reforma de 1861, elaboradas com base em dados fornecidos por Nikolai Danielson, consta que dos 548 milhões de rublos que compunham a Receita do Estado russo em 1877, 117 milhões provinham de

lxvi. O Estatuto de 1861 determinava também que os lotes hereditários deveriam ser convertidos em lotes reparticionais, isto é, que as terras da comuna deveriam ser periodicamente redistribuídas entre seus membros, dando fim à posse hereditária da terra. Contudo, a lei era tão vaga e confusa no que concernia as comunas com posse hereditária que a interpretação oficial da lei acabou ignorando essa determinação, mantendo a posse hereditária nessas comunas (Robinson, 1932, p. 73).

impostos diretos cobrados dos camponeses por meio da comuna agrária. Por exemplo, na cobrança de impostos diretos sobre a terra, o servo liberto pagava 1.56 rublos por cada *dessiatina* de seu *nadel*, ao passo que os proprietários de terras pagava 23 *kopeks* (equivalente a 0.23 rublos) por *dessiatina* (Trotsky, 2006, *sp*.). E daqueles 548 milhões de rublos, aproximadamente 251,7 milhões eram arrecadados por meio de impostos indiretos (impostos sobre bebidas e sal e aduanas), os quais também inevitavelmente recaíam de volta sobre os camponeses (Marx, 2020, p. 120).

Para além disso, quando foi feito o loteamento da terra para os servos, o estatuto da Reforma não exigia que a terra designada para a comuna fosse mantida no mesmo local que ocupava antes de 1861, de modo que tornava possível que os proprietários de terras designassem os piores pedaços de terras para a comuna, muitos dos quais não davam acesso a áreas de bosques e pastagens e até mesmo a fontes de água[lxvii]. Para contornar a falta de acesso a bosques e pastos, muitos camponeses se viam obrigados a arrendar partes das terras de seus antigos senhores e a se submeter às sua exigências absurdas, simplesmente para que pudessem usufruir dessas áreas, tornando-os muitas vezes inteiramente dependentes dos proprietários de terras (Robinson, 1932, p. 81 e p. 87; Trotsky, 2006, *sp*.). E em função da má qualidade do solo e do já mencionado baixo grau de desenvolvimento das forças produtivas, acontecia que as colheitas mal eram suficiente para alimentar os camponeses e suas famílias, quanto menos para pagar todos os impostos (diretos e indiretos), o *obrok* para o proprietário da terra e o preço do resgate da terra (Robinson, 1932, p. 95). Assim, vários camponeses acabavam recorrendo à venda de sua força de trabalho em outras regiões da Rússia para complementar seus ganhos, além de contraírem novos empréstimos, tanto públicos, quanto privados (Marx, 2020, pp. 119-120).

[lxvii]. Segundo os dados de *A Revolução de 1905,* de Trotsky, o tamanho médio do *nadel* designado para os servos privados foi de 3.17 *dessiatinas*, ao passo que os servos estatais receberam uma média de 6.7 dessiatinas. E se a quantidade de *dessiatinas* designadas para os servos estatais depois da emancipação (6.7 por homem) era a quantidade mínima de terras que uma família camponesa precisava para suprir suas necessidades básicas, os servos privados e os servos independentes receberam cerca de 44 milhões de *dessiatinas* a menos que o mínimo necessário para sua sobrevivência (Trotsky, 2006, *sp*.).

Era comum ainda que os camponeses empobrecidos arrendassem seus lotes de terras de forma parcial ou total para outros camponeses, dentro e fora de sua comuna. Em certos casos, esses camponeses arrendavam terras apenas para fins de subsistência, buscando apenas aumentar a produção de alimentos para seu próprio consumo quando suas terras eram pequenas demais ou de baixa produtividade. Entretanto, era frequente também que os camponeses mais ricos (*kulaks/miroeds*) arrendassem terras de seus vizinhos mais pobres a fim de ampliar sua produção para além da mera subsistência, de modo que não era incomum que comprassem também a força de trabalho da família camponesa mais pobre que lhe arrendou aquela terra (Robinson, 1932, p. 99). Essa mesma época foi quando vemos o surgimento dos *kulaks* e *miroeds*, sobretudo na região do Mar Negro e do baixo Volga, tratando-se de camponeses que se enriqueciam por meio da usura, explorando o endividamento de seus vizinhos e da comuna, levando a uma grande desigualdade na acumulação de riquezas dentro das *obshchinas*.

Portanto, foi diante desse cenário, Marx afirma que, em 1881, já era evidente que a *obshchina* estava em processo de desintegração, isso graças à política econômica do Estado tsarista e ao crescimento de uma prosperante classe burguesa na Rússia, de modo que a conversão dos camponeses em pequenos proprietários de terras parecia ser o prelúdio de sua rápida expropriação. Mas o que isso significava no "grande esquema das coisas"? Que a fatalidade histórica que era a decomposição das comunas agrícolas estaria apenas se efetivando ali? De modo algum. Como pontua o autor alemão, a ameaça à vida da *obshchina* não era "uma fatalidade histórica nem uma fatalidade teórica", mas sim "a opressão por parte do Estado e a exploração pelos intrusos capitalistas que se tornaram poderosos, à custa dos camponeses, com a ajuda do próprio Estado" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 86). Em outras palavras, de modo similar ao que ocorrera com a propriedade comunal indiana, eram forças externas à ela que ameaçavam a vida da comunidade agrícola na Rússia, embora no caso das *obshchinas*, fosse o próprio Estado russo o catalisador de sua desintegração. Se a comuna agrária

na Rússia estava se desintegrando, era em razão das condições anômalas às quais o Estado russo havia submetido a *obshchina* desde a Reforma de 1861. Os pagamento do *obrok* e do *vykup*, junto da pesada carga fiscal que recaiu sobre ela desde 1861 fizeram com que os conflitos de interesses inerentes à comuna agrária aflorassem, amadurecendo "rapidamente os germes de sua decomposição" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 79).

Ademais, às custas da *krestyanskaya chern*, "o Estado deu forte impulso aos ramos do sistema capitalista ocidental que, *sem desenvolver de nenhum modo as capacidades produtivas da agricultura*, são os mais apropriados para facilitar o roubo de seus frutos pelos intermediários improdutivos" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 79) [destaques nossos]. Com isso, deu fôlego para que "um novo parasita capitalista" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 79) passasse a sugar o sangue da já debilitada comuna. Não bastasse a carga fiscal com a qual o Estado sufocava a *obshchina*, o tsar havia aberto as portas da Rússia para que o nosferatu capitalista se juntasse à sangria da comuna agrária. "Em suma", escreveu Marx, "o Estado concorreu para o desenvolvimento precoce dos meios técnicos e econômicos mais apropriados, a fim de facilitar e precipitar a exploração do agricultor, isto é, da maior força produtiva da Rússia, além de enriquecer os 'novos pilares sociais'" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 79)[lxviii].

Em que pese aquele "forte impulso aos ramos do sistema capitalista ocidental" tenha sido acompanhado de um desenvolvimento dos meios técnicos e econômicos, não podemos deixar de notar que Marx indica um certo efeito regressivo do desenvolvimento capitalista na Rússia. Ao contrário do que ocorreu na Europa Ocidental, onde o capitalismo agiu como propulsor do desenvolvimento das capacidades produtivas, na Rússia esse modo de produção mais destruía do que impulsionava a produção. Ainda que houvesse um impulso para o desenvolvimento de certos meios técnicos e econômicos na

[lxviii]. Para compreender a relação entre o Estado russo e o capital estrangeiro na segunda metade do século XIX, recomenda-se a leitura de *A Revolução de 1905*, de Trotsky, em especial seu segundo capítulo, no qual o autor trata do capitalismo na Rússia e o papel do tsarismo nesse desenvolvimento.

Rússia, isso apenas destruía a maior força produtiva na Rússia, que era a *obshchina*, e pouco agia de modo a impulsionar as capacidades produtivas da agricultura russa (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 79). Na realidade, a implementação da produção capitalista na Rússia só fazia aumentar a miséria e a exploração do camponês, inclusive comprometendo a produção agrícola no país, como já apontamos acima.

Note-se ainda que, no trecho supramencionado, Marx aponta que apenas os "intermediários improdutivos" do capitalismo ocidental enriqueciam-se às custas dos camponeses russos. Isso apenas enfatiza o caráter regressivo do ingresso do capitalismo na Rússia, pois a exploração da classe camponesa russa sequer servia ao enriquecimento de elementos que trouxessem qualquer tipo de progresso produtivo no país. Ao nosso ver, o fato de o capitalismo não trazer efetivamente um progresso nas forças produtivas na Rússia é um aspecto central nas reflexões de Marx sobre o país. Essa natureza predominantemente destrutiva do capital na Rússia, onde esse modo de produção sequer atuava de modo a impulsionar as capacidades produtivas, certamente era um fator levado em consideração quando Marx discorria sobre a possibilidade de um 'caminho' para o socialismo na Rússia que evitasse completamente que o modo de produção capitalista fixasse definitivamente suas raízes.

Nos esboços, Marx fala coisa semelhante sobre os impactos destrutivos do capitalismo e da colonização inglesa na Índia. Destacando a função predominantemente regressiva exercida pelo capital na Índia, Marx apontava que as tentativas dos ingleses de introduzir a propriedade privada capitalista fizeram apenas deteriorar a produção agrícola local e generalizar a fome e a miséria (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 92). E talvez a chave para decifrar isso estava justamente no fato de que, ao final do século XIX, o capitalismo já estava em plena contradição com as forças produtivas por ele engendradas, deixando de ser um impulso para o desenvolvimento das capacidades produtivas para se tornar um entrave para esse progresso.

Marx adentra ainda no porquê dessa conspiração por parte do Estado e dos elementos capitalistas tutelados por ele "para matar a galinha que põe para eles seus ovos de ouro". Parecia ser uma contradição que, apesar de a comuna agrária ser uma das maiores forças produtivas na Rússia e de a produção agrícola russa depender ativamente dela, o Estado e os parasitas capitalistas que enriqueciam às custas da exploração da *obshchina* agiam de forma ativa em direção de sua decomposição. Mas se olhássemos mais à fundo a questão, essa contradição logo dissiparia, eis que

> Precisamente porque sentem que "esse estado atual" não se sustenta, e que, em consequência, *o modo atual de explorar já não está mais na moda. A miséria do agricultor já infectou a terra, tornando-a estéril. As boas colheitas são neutralizadas por períodos de fome. A média dos últimos dez anos mostra que a produção agrícola não só estagnou como está recuando. Enfim, pela primeira vez a Rússia deverá importar cereais em vez de exportá-los*. Não há mais tempo a perder. É preciso acabar com isso. É preciso constituir como classe média rural a minoria mais ou menos bem situada dos camponeses e converter sem floreios a maioria em proletários. Para tal efeito, os porta-vozes dos "novos pilares sociais" denunciam os ferimentos infligidos por eles à comuna *como sintomas naturais de sua decrepitude* (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 79). [destaque nosso]

Tendo vivido às custas dela por tanto tempo, esses 'novos pilares sociais' percebiam que a *obshchina* estava mergulhada em miséria e que ela não seria explorável por muito mais tempo. Como o recuo da produção agrícola havia evidenciado, a própria produção estava profundamente afetada pela miséria do camponês, comprometendo a exportação de grãos, que era a base da economia russa naquela época. Dessa maneira, com as barrigas inchadas de sangue e suor camponês, esses mesmos elementos acusavam a anemia da comuna agrária de mero sintoma natural de sua decrepitude (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 80). A comuna agrária quase não tinha mais sangue para satisfazer o deus vampírico do capital. Que se fizesse então uma nova hecatombe no altar do capitalismo! Era necessária uma nova forma, uma menos 'fora de moda', de se apropriar dos produtos do trabalho camponês na Rússia, o que só seria possível quando se transformasse a grande massa daquela classe em proletários. Note-se ainda a alusão à literatura sicofanta que era a expressão espiritual desses 'novos pilares sociais'. Ela que, espelhando a

apologética ao colonialismo de Maine, apontava para o recuo da produção agrícola na Rússia e a decadência da *obshchina* como manifestações sintomáticas de sua decrepitude natural e clamando pelo seu fim, fariseicamente deixando de mencionar que foram esses 'novos pilares sociais' a causa da decadência da produção comunal na Rússia. Perceba-se também como a argumentação dos supostos marxistas russos quanto à inevitabilidade da dissolução da comuna agrária muito se aproximava à desses 'lacaios literários' dos parasitas que se alimentavam da *obshchina*.

Por conseguinte, Marx asseverava que a morte da comuna não era natural, mas sim infligida "por uma conspiração de interesses poderosos" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 87). "De um lado, a 'comuna rural' está quase reduzida ao seu último resto e, de outro, uma poderosa conspiração se põe de tocaia para desferir-lhe o golpe de misericórdia" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 81). Tudo isso beneficiava enormemente os 'novos pilares sociais' da Rússia, pois essa massa de camponeses arruinados se convertia aos montes em assalariados dispostos a vender sua força de trabalho de forma barata. Desse modo, como pontua Marx, "para salvar a comuna russa é preciso que haja uma revolução russa" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 81), uma revolução que livrasse a *obshchina* dos parasitas capitalistas e do Estado que os nutria. Assim, de modo algum o caminho para os revolucionários russos seria se abster diante da desintegração da comuna agrária e testemunhar de braços cruzados sua morte, suspirando resignadamente que esse era apenasseu destino histórico — *Wyrd bið ful aræd*[lxix]!

O autor diz ainda que

> Certo gênero de capitalismo, nutrido às expensas dos camponeses por intermédio do Estado, ergue-se defronte da comuna; seu interesse é esmagá-la. O interesse dos proprietários de terras é constituir os agricultores mais ou menos bem situados como classe média agrícola e transformar, os camponeses pobres – isto é, a massa – em simples assalariados. E isso, quer dizer trabalho barato! E como resistiria uma comuna moída pelas exações do Estado, pilhada pelo comércio, explorada pelos proprietários de terras,

lxix. Expressão anglo-saxã que se traduz por "o destino é inflexível". Ela foi retirada do poema *The Wanderer*, datado do século X d.C. e de autoria desconhecida (Krapp & Dobbie (org.), 1936).

> minada em seu interior pela usura? (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 87).

Em outros termos: a expropriação do camponês russo estava em curso desde 1861. E não fora necessário que isso se desse como se deu para os camponeses ingleses, quando se recorreu amplamente à violência [extraeconômica] das "Leis Sanguinárias" e das *workhouses*. Como pontuado por Marx, "para expropriar os agricultores não é necessário escorraçá-los de sua terra; não é necessário abolir a propriedade comum mediante um *ukase*" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 83). "Pelo contrário", explica nosso autor, "privai os camponeses do produto do seu trabalho agrícola para além de certo ponto e, malgrado os gendarmes às vossas ordens, jamais conseguireis retê-los em suas terras" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 83). Conforme já mencionamos, para o miserável *muzhik*, a terra que fora forçado a adquirir em troca de sua liberdade havia se tornado um fardo insuportável, de modo que preferiam abandonar a terra para desembaraçar-se "de uma 'propriedade' que não passava de um pretexto oficial para oprimi-los" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 83), e passarem a vender sua força de trabalho.

Segundo Marx, era de certa forma um resultado similar ao que ocorreu no período da decadência de Roma[lxx] com os decuriões provinciais, os quais "abandonaram suas terras, tornando-se vagabundos e chegaram até a vender-se como escravos. Enfim, fizeram de tudo para se desembaraçar de uma "propriedade" que não passava de um pretexto oficial para oprimi-los" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p, 83). Mais uma vez, Marx demonstra que de modo algum era possível ver na via pela qual a assim chamada acumulação originária se deu na Inglaterra como uma espécie de modelo de como a expropriação dos produtores haveria sempre de se dar. Como o autor mesmo dizia no Capítulo XXIV, esse processo assume diferentes coloridos em cada localidade e em cada época.

lxx. Aqui poderíamos nos lembrar do exemplo romano dado por Marx na carta de 1878, mas no caso lá exposto tínhamos condições análogas produzindo resultados diferentes, ao passo que aqui temos condições diferentes produzindo resultados parecidos.

Essa expropriação já estava em pleno curso na Rússia desde 1861. Como já indicamos, a Reforma de 1861 foi um passo definitivo e inquestionável em direção ao sepultamento da propriedade comunal na Rússia. Quando foi feita a emancipação dos servos, a *obshchina* já estava sufocada pela nobreza russa (*cf.* Souza, 2024), o que só se agravou em virtude da forma como foi conduzida a abolição da servidão (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 74). E depois de 1861, a dívida pública do Estado tsarista foi custeada primariamente pelos camponeses (Marx, 2020, pp. 120-121), sem falar nas "demais somas enormes fornecidas por intermédio do Estado (e sempre à custa dos camponeses) aos 'novos pilares da sociedade'" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 74), submetendo a comuna agrária a uma pressão ainda mais intensa. Não tivesse a abolição da servidão se operado nesses termos, colocando sobre a *obshchina* e o camponês todo o ônus da reforma, diz Marx que "ninguém devanearia hoje sobre 'a fatalidade histórica' da aniquilação da comuna: todo mundo reconheceria nela um elemento de regeneração da sociedade russa e de superioridade em relação aos países ainda subjugados pelo regime capitalista" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 74).

Referindo-se especificamente a essa última afirmação, Shanin chega a uma conclusão mais geral, dizendo que Marx considerava que a permanência dessas formas arcaicas "faria alguns países eminentemente camponeses 'superiores, nesse sentido, a sociedades onde impera o capitalismo'" (Shanin, 2017, p. 48). Entretanto, nos parece que é necessário certo cuidado no que toca afirmações desse cunho, pois precisamos nos atentar que, naquele trecho em especial, Marx se refere especificamente à Rússia e à *obshchina*, de modo que não necessariamente poderíamos generalizar isso para todos os países eminentemente camponeses como faz Shanin. Marx faz a colocação destacada em virtude do fato de a comuna agrária russa se encontrar em um conjunto de circunstâncias bastante peculiar e para afirmar isso para outros povos, precisamos nos deter sobre suas especificidades. O pensamento marxiano não nos oferece uma teoria a ser aplicada de maneira imediata, isto é, sem as devidas mediações exigidas pelo próprio complexo do real. Ainda

que seja possível encontrar determinações em comum entre países de desenvolvimento atípico, por assim dizer, é sempre imperativo considerar aquilo que existe de específico em cada um deles, o que os diferencia do "universal e comum" (Marx, 2011a, p. 41), conforme enunciado por Marx nos *Grundrisse*. Como Marx mesmo adverte em sua carta ao comitê editorial da revista *Notas Patrióticas*, as chances são que em "acontecimentos de uma analogia que salta aos olhos, mas que se passam em ambientes históricos diferentes" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 53) se chegue em resultados igualmente diferentes.

Perceba-se ainda que, nesses textos, Marx coloca a questão da necessidade de uma revolução com aquela mesma urgência que vemos na carta de 1878. Isso na medida que, para que fosse possível efetivar as potencialidades regenerativas da comuna agrária, era necessário agir de forma rápida contra seus inimigos, o Estado tsarista russo e os 'novos pilares sociais' capitalistas. Dito de outro modo, tratava-se de uma possibilidade que se tornava cada vez mais improvável com o passar do tempo e isso é algo que Marx não deixa de frisar nos esboços, apontando que "ninguém teria como esconder que, nesse momento, a vida da 'comuna rural' corre perigo" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 82). Diante disso, apesar de certas reservas quanto a diversos de seus posicionamentos sobre as cartas escritas por Marx em 1878 e 1881[lxxi], parece-nos que não seria sem razão que David Riazanov afirma que nesses rascunhos Marx oferecia um "parecer condicional" (Riazanov *In.* Marx & Engels, 2013, p. 64) sobre o projeto do *narodnichestvo* para a *obshchina*. Ao nosso ver, Marx só trazia como uma possibilidade que a comuna agrária

lxxi. Por exemplo, Riazanov afirma que as posições adotadas por Plekhanov e Zasulich a partir de 1883 teriam sido extraídas diretamente dos textos de Marx e Engels sobre a Rússia, dizendo até mesmo que "a conclusão condicional de Marx e Engels foi aceita também por Plekhanov em seu *Der Sozialismus und der politische Kampf* [O socialismo e a luta política] e por Vera Zasulich no prefácio à tradução russa de *Entwicklung des wissenschaftlichen Sozialismus* [Desenvolvimento do socialismo científico]" (Riazanov *In.* Marx & Engels, 2013, p. 63). Entretanto, o posicionamento de Marx e Engels sobre a questão da comuna agrária russa era muito mais meandrado do que a posição da *Osvobozhdenie Truda*, que muitas vezes caíam em uma concepção mistificada da história e desconsideravam o papel do indivíduo no curso do desenvolvimento histórico humano. Nota-se, contudo, uma necessidade de que se faça um estudo aprofundado disso, principalmente da visão automatizante da história de Plekhanov.

tivesse um papel ativo no desenvolvimento socialista na Rússia se os revolucionários agissem o mais rápido possível para colocá-la em 'condições normais'. Afinal, "para poder se desenvolver é preciso, antes de tudo, viver" (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 82). Uma vez que a *obshchina* chegasse à um estado irreversível de decadência, um projeto que se baseasse nela como ponto de partida para o socialismo na Rússia não passaria de um suspiro de esperança.

Considerações finais

Por meio deste trabalho, tentamos demonstrar que, ao invés de oferecerem uma espécie de 'retratação', os textos de Marx escritos em 1878 e 1881 sobre a problemática de uma revolução russa e sobre a comuna agrícola na realidade tinham como principal objetivo rejeitar as leituras inadequadas que se faziam de seu pensamento na Rússia, mormente sobre *O Capital*. Em vista disso, buscamos a todo momento nos posicionar firme e decididamente contra a ideia de que, a partir da década de 1870, o pensamento de Marx teria passado por uma virada, uma ruptura ou um salto em relação à sua produção teórica do período que se extende de 1844 até a publicação da primeira edição do volume I de *O Capital* (1867).

Se é de fato possível falar em uma 'posição marxiana' que marcaria a época de 1844-1867, ela de maneira alguma é abandonada em 1878 ou em 1881. E o que nos referimos aqui por essa 'posição marxiana' é justamente a crítica de talhe ontológico, acolhendo a tese de J. Chasin sobre a "virada ontológica" que se operou no pensamento de Marx em seu gabinete de estudos em Kreuznach. Como esclarece o autor marxista, daquela virada "o direito unilateral da razão especulativa interrogar o mundo é superado pela via de mão dupla de um patamar de racionalidade em que o mundo também interroga a razão, e o faz na condição de raiz, de condição de possibilidade da própria inteligibilidade" (Chasin, 2009, p. 58). Nesse sentido, consideramos que a produção teórica marxiana das duas últimas décadas de sua vida foram, na realidade, uma direta continuação de seu pensamento posterior a 1843-44.

Importa frisar que, longe disso implicar na concepção de um pensamento estático e que jamais se desenvolve ou em uma espécie de 'deificação' de Marx, como poderia argumentar um teórico como Teodor Shanin (Shanin, 2017, p. 61). Na realidade, insistir nessa continuidade implica na realidade em reconhecer a vivacidade e o contínuo movimento dos complexos teóricos de Marx, dada sua permanente e deliberada subsunção ao real, "aos complexos efetivos, às coisas reais e ideais da mundaneidade" (Chasin, 2009, p. 58). Novamente tomando emprestadas as palavras de J. Chasin,

encontramo-nos então diante de “uma racionalidade flexionante, que pulsa e ondula, se expande ou se diferencia no esforço de reproduzir seus alvos, empenho que ao mesmo tempo entifica e reentifica a ela própria, no contato dinâmico com as ‘coisas’ do mundo” (Chasin, 2009, p. 58). Trata-se, pois, de um pensamento dinâmico, em constante movimento precisamente porque impulsionado pelo esforço de “apreender a lógica específica do objeto específico” (Marx, 2010, p. 108), eis que na “a tematização, isto é, a reprodução ideal das *coisas* é procedida a partir delas próprias” (Chasin, 2009, p. 75). E esse talhe ontológico da crítica de Marx, marcado pela recusa de esquematismos e ‘respostas prontas’ que veem a realidade a realização de uma lógica ou de um conceito, apresenta-se com clareza nos textos de 1878 e 1881, como neste trabalho pretendemos ter delineado.

Como a partir da análise desses textos tentamos evidenciar, tanto na carta para a revista Notas Patrióticas, quanto em sua carta em resposta à de Vera Zasulich, Marx voltava-se diretamente contra os intérpretes russos de *O Capital* que viam na obra e, em especial, no capítulo sobre a assim chamada acumulação originária, uma espécie de teorização universal da história humana a partir da qual seria possível desvendar a sucessão necessária e universal das formações sociais. *O Capital* não era uma obra a ser ‘aplicada’ sobre a realidade russa e as considerações sobre a gênese histórica do capital não deveriam ser tomadas como uma espécie de “cardápio da taverna do futuro”. A única coisa que o esboço histórico do Capítulo XXIV sugeria para o futuro da Rússia do fim do século XIX era que, caso o país fosse definitivamente desenvolver sua produção do modo capitalista, os camponeses russos, as condições e os meios de produção haveriam de ser divorciados. Mas se isso se daria de modo similar à como se deu na Inglaterra dos séculos XVI e XVII, somente um estudo partindo da realidade russa e de suas relações com os demais países europeus poderia indicar. Isto é, não era do passado da gênese capitalista na Inglaterra que seria possível prever o futuro da Rússia, mormente porque constituía-se um grave equívoco conceber as diferentes épocas da história humana como uma sucessão lógica de rígidas fases inexoráveis regida

por uma lei geral supra-histórica. Nesse sentido, poderíamos argumentar que, longe de uma espécie de retratação ou uma reformulação daquilo que ele havia colocado em *O Capital*, nos textos de 1878 e 1881 em que o autor versa sobre a sobre a problemática da Rússia, Marx realiza uma crítica à forma como sua obra foi recebida por parte do público russo, que havia visto em seu livro uma teoria da história que não existia ali.

Portanto, se é correto dizer que em 1878 e 1881 Marx se posicionava firmemente contra a possibilidade conceber uma filosofia da história a partir de seu pensamento, bem como negava que a história do desenvolvimento humano poderia ser concebida como uma sucessão de etapas previamente determinadas e necessárias independentemente das particularidades de cada povo ou época, de maneira alguma ele o faz negando suas teorizações anteriores à década de 1870. Pelo contrário, ele demonstra a todo momento que esse tipo de teoria geral da história era incompatível com seu pensamento, sobretudo com a crítica a economia política. Longe de trazer considerações que se opusessem a'*O Capital* ou que visem rectificar quaisquer traços de mecaniscismo ou de uma espécie de filosofia da história supostamente existentes ali, Marx pretende "dissipar todo mal-entendido" (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 88) da parte de dos leitores russos que viam em *O Capital* uma tentativa de "prescrever receitas (comtianas?) para o cardápio da taberna do futuro" (Marx, 2017a, p. 88). Qualquer leitura mecanicista da obra ou que visse ali um projeto de filosofia da história era, portanto, uma má-leitura. Em suas próprias palavras:

> Para tratar a fundo as questões propostas na vossa carta de 16 de fevereiro, eu precisaria analisar as coisas em detalhes e interromper trabalhos urgentes, *mas uma exposição sucinta que tenho a honra de endereçar a vós será suficiente, espero, para dissipar todo mal-entendido em relação à minha assim chamada teoria* (Marx *In.* Marx & Engels, 2013, p. 88) [destaque nosso]

A partir das longas reflexões de Marx sobre a comuna agrária russa, precipuamente nos esboços para a carta a Vera Zasulich, fica evidente que, ao invés de meramente aplicar um modelo criado a partir da experiência inglesa para decifrar a situação russa, o autor renano na realidade estava

profundamente preocupado em compreender as particularidades russas para que pudesse dar seu parecer sobre a questão. Recusando-se terminantemente a simplesmente responder que a *obshchina* inevitavelmente desapareceria e daria lugar à propriedade privada capitalista da terra, tomando como ponto de partida a história da dissolução das comunidades agrícolas de outrora, Marx cuidadosamente buscou apreender as peculiaridades do caso russo e as circunstâncias da comuna agrícola russa no fim do século XIX para só então oferecer sua visão sobre essa problemática (ainda que na versão definitiva da carta, ele não tenha mantido todo seu percurso investigativo sobre isso). Se nos esboços Marx tratava longamente de sua visão sobre o assunto da comuna agrícola russa e seus futuros possíveis, era apenas porque tinha dedicado bastante tempo a estudá-la e a compreender as peculiaridades do caso russo.

Mas como fizemos questão de acentuar, nos textos dos quais tratamos aqui, ao tratar das particularidades do caso russo ou destacar que cada sociabilidade seja regida por uma legalidade que lhe seja imanente, Marx não estava negando a validade das leis gerais que regem a produção capitalista quando ele. O que ele recusava admitir era absolutizar e a-historicizar aquelas leis imanentes da produção capitalista das quais tratava em *O Capital* (como era o costume dos economistas burgueses afeitos às chamadas robinsonadas), ou ver no desenvolvimento humano algum tipo de lei transcendental, trans-histórica que supostamente regeria esse movimento de forma linear. Afinal, em ambos os textos (1878 e 1881) Marx assegurava que, uma vez a Rússia se tornasse definitivamente capitalista, aquelas mesmas leis e tendências que regiam a produção capitalista no Ocidente agiriam sobre ela, *c'est-à-dire*, a Rússia teria que passar pelas *furculae caudinae* do capitalismo assim como seus primos ocidentais. No entanto, se na Rússia o capitalismo iria se consolidar ou não, isso nada tinha a ver com 'leis inexoráveis' da história ou com 'destino'.

Nesse sentido, temos aqui outra razão pela qual não nos parece adequado sustentar que nos esboços para a resposta à carta de Vera Zasulich

temos o marco de um momento inteiramente novo e independente da obra de Marx, muito menos como textos que podem ser contrapostos a *O Capital*. Por óbvio, não se trata de negar a possibilidade de desenvolvimentos no pensamento do autor de *O Capital* ou de ver algo de divino, onipotente em Marx (Shanin, 2017, p. 61). Afinal, desde o que nos referimos aqui pela 'virada ontológica' de Marx, aludindo a J. Chasin (2009), sua atividade teórica passou a ser sempre norteada pelo esforço de captação do movimento do real e, dada essa constante porosidade ao real, seus complexos teóricos encontravam-se em constante movimento.

Por demais, não nos parece adequado opor esses esboços a uma obra da estatura do livro I de *O Capital* ou de colocá-los como um antídoto contra um suposto determinismo ou unilinearidade presentes naquela obra, inclusive porque qualquer leitura que veja esses traços n'*O Capital* decorre de uma leitura equivocada da obra. E como muito bem advertiu J. Chasin, a configuração objetiva de um dado texto "é autônoma em relação aos modos pelos quais é encarada, de frente ou por vieses, iluminada ou obscurecida no movimento de produção do para nós que é elaborado pelo investigador" (Chasin, 2009, p. 26), de modo que "mesmo se todo observador fosse incapaz de entender o sentido das coisas e dos textos, os nexos ou significados destes não deixariam, por isso, de existir, salvo se admitido, paradoxalmente, que a impotência do sujeito no campo ideal é poder dissolvedor no plano real" (Chasin, 2009, p. 26). Em outras palavras, a obra deve ser lida em sua objetividade, e não através das leituras tortas que outros intérpretes dela tenham feito, atribuindo ao texto um sentido que não existia ali.

Nesse interim, os textos de 1878 e 1881 não são um antídoto contra o suposto Marx engessado, dogmático e determinista das décadas de 1840-60 porque este Marx nunca existiu, talvez exceto na latrina stalinista e na cabeça de seus detratores. O Marx que de fato existiu foi um teórico sempre preocupado em apreender o real em seu movimento, como todos os seus meandros e enredamentos, rejeitando qualquer tentativa de distorcer seu objeto para fazê-lo caber dentro de rígidos esquemas mentais pré-concebidos.

Dessa forma, a despeito do que argumentam Enrique Dussel, Teodor Shanin ou Michel Löwy, o que temos em 1878 e 1881 não é um Marx "em constrição" por seus pecados de determinismo, evolucionismo, etc., mas sim um pesquisador vivaz e em constante tentativa de aproximar-se de seu objeto real, em sua existência efetiva.

No que toca as questões que Marx retirou e manteve dos esboços, não há como se saber exatamente a razão do autor ter deixado de lado a maior parte de suas reflexões sobre a comuna agrícola. Ele trataria delas em um outro texto? Ele estava incerto sobre suas conclusões? O máximo que nos atrevemos a fazer aqui é dizer que, em que pese a riqueza das considerações tecidas por Marx nos quatro esboços, as quais certamente merecem ser estudadas com cuidado e claramente oferecem um rico material para reflexão, não podemos nos esquecer que rascunhos de um texto não oferecem a versão mais acabada do pensamento do autor.

Não nos escapa, é claro, que o caso dos quatro esboços é especial porque a extensão do texto preparado para o público nem mesmo chega à metade da extensão dos três primeiros esboços, havendo aspectos a serem analisados que excedem o conteúdo do texto definitivo. Fosse o contrário, não lhes teríamos dedicado tantas páginas. Todavia, é imperativo ressaltar que é certo que as versões preparatórias do texto não possuem o mesmo estatuto da versão final, preparada para envio e posterior publicação, não sendo possível tirar dos quatro rascunhos conclusões tão firmes sobre a visão do autor sobre a Rússia quanto desejaríamos, ao menos não como podemos a partir da carta enviada. Aqui, referimo-nos especificamente às tentativas de alguns intérpretes (como Shanin, Dussel e, em certa medida, Wada) de, partindo desses esboços, delinear uma espécie de virada de Marx em direção ao assim chamado "terceiro-mundo" ou às periferias do capitalismo e um abandono da perspectiva de uma revolução proletária na Europa.

Por óbvio, temos aqui plena consciência do fato de que de modo algum podemos dizer que nossas considerações foram exaustivas, cabendo uma exploração mais profunda da recepção do primeiro volume d'*O Capital* na

Rússia, dado que aqui nos limitamos a aquilo que Marx desenvolveu sobre isso nas cartas de 1878 e 1881. E fato é que o material disponível sobre esses estudos de Marx sobre a Rússia são ainda limitados, eis que a grande parte das notas e dos cadernos escritos pelo autor sobre as questões russos estão ainda para serem publicados pela MEGA IV. Para além disso, são necessárias investigações futuras sobre a relação do terceiro livro de *O Capital* com a Rússia, que Engels menciona no prefácio de outubro de 1894 (Engels *In.* Marx, 2017b, p. 36), verificando se de fato existem nos manuscritos de Marx indícios de que o autor pretendia incluir no livro reflexões sobre a questão agrária russa, partindo de seus estudos sobre aquele país, o que também depende da análise dos materiais mencionados acima (ainda não publicados). Por demais, reconhecemos também que seria proveitoso analisar a recepção dessas correspondências de Marx pelo público russo, em especial no período preparatório para a Revolução de 1917, o que optamos por não fazer neste trabalho, uma vez que optamos por uma análise que desse foco no próprio Marx.

De todo modo, em vista de tudo aqui exposto, acreditamos que, com uma dada medida de sucesso, este trabalho conseguiu explorar como as cartas de Marx sobre a Rússia do período de 1870-1880 se colocavam diante do primeiro volume de *O Capital*, posicionando-se contra a ideia de que existiria nos últimos anos de vida do autor uma espécie de abandono de suas teorizações anteriores ou uma ruptura em relação a elas. Ainda que seja verdadeiro que Marx expandiu enormemente seus estudos sobre a Rússia e sua situação agrícola a partir da década de 1870, isso de modo algum implica em uma virada teórica, e sim evidencia sua continuidade com o talhe ontológico de sua crítica, que o impulsionava sempre em direção à compreensão dos complexos do real.

Referências bibliográficas

AKSELROD *et al*. *Русскиесовременники К.МАРКСЕ и Ф.ЭНГЕЛЬСЕ*. Moscou: Политической литературы [Editora de Literatura Política], 1969.

ÁLVARES, L. Flechas e Martelos: Marx e Engels como leitores de Lewis Morgan. Dissertação (Mestrado em Direito). Programa de Pós-Graduação em Direito e Justiça, UFMG. 2019.

ANDERSON, K. *Marx nas Margens*. São Paulo: Boitempo, 2019.

ANDRADE, A. A crítica ao direito nos "assim chamados" Cadernos Etnológicos de Karl Marx: os comentários a Henry Sumner Maine. *Verinotio*, Rio das Ostras, v. 29, n. 1, jan/jun. 2024, pp. 465-492.

BAKUNIN, M. *Statism and Anarchy*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2007.

BERLIN, I. *Pensadores russos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BLUM, J. *Lord and Peasant in Russia*. Princeton: Princeton University Press, 1961.

BOROWSKA, E. Marx and Russia. *Studies in East European Thought*, v. 54, n. 1/2, mar. 2002, p. 87-103.

CHANDRA, N. The Peasant Question from Marx to Lenin: The Russian Experience. *Economic and Political Weekly*, v. 37, n. 20, maio de 2002. pp. 1927-1938 Published by: Economic and Political Weekly. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/4412133.

CHASIN, J. *Marx, estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2005.

CHASIN, J. Democracia política e Emancipação Humana. *Verinotio*, v. 1, 2013, pp. 22-27.

CHASIN, J. Excertos sobre revolução, individuação e emancipação humana. *Verinotio*, v. 23, n. 1, abril de 2017, pp. 10-105.

CHATTOPADHYAY, P. *Marx and progress: Capital, the Progenitor of Socialism: Progress as the Dialectic of Negativity In the Critique of Political Economy*. 2017. Disponível em: https://www.marxists.org/subject/marxmyths/paresh-chattopadhyay/progress.htm.

COTRIM, L. A arma da crítica: política e emancipação humana na Nova Gazeta Renana. *In.* MARX, K. *Nova Gazeta Renana*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2020.

DANIELSON, N. *et al*. *Karl Marx, Nikolai F. Danielson, Friedrich Engels: Correpondencia 1868-1895*. José Aricó (org.). Cerro del Agua: Editora Siglo Veintiuno, 1981.

DEL ROIO, M. Marx e a questão do Oriente". In: *Marxismo e Oriente: quando as periferias se tornam os centros*. Marcos Del Roio (org.). São Paulo: Editora Ícone, 2008.

Desconhecido. The Wanderer. *In.* KRAPP, G. & DOBBIE, E. *The Exeter Book*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1936. pp. 286-292

DUKES, P. *A history of Russia: 882-1996*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 1974.

DUKES, P. *Catherine the Great and the Russian nobility: a study based on the materials of the Legislative Commission of 1767*. Londres: Cambridge University Press, 1967.

DUNAYEVSKAYA, R. *Rosa Luxemburg, Women's Liberation, and Marx's Philosophy of Revolution*. Nova Jérsei: Humanities Press/Sussex: Harvester Press, 1982.

DUSSEL, E. *El último Marx (1863-1882) y la liberación latinoamericana: un comentario a la tercera y a la cuarta redacción de "El Capital"*. Cerro del agua: Editora Siglo veintiuno, 1990

ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

ENGELS. F. *A Nova Gazeta Renana, v. II*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2020.

FARIA, L. *Marx e a Rússia Revolucionária*. Tese (Doutorado em Filosofia). Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG. Belo Horizonte, 2017.

FRANK, J. *Pelo prisma russo — ensaios sobre literatura e cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

GOMIDE, B (org.). *Antologia do pensamento crítico russo.* São Paulo: Editora 34, 2013.

HERZEN, A. *Selected Philosophical Works*. Moscou: Foreign Languages Publishing House, 1956.

HOBSBAWM, E. Introduction. *In.* Marx, K. *Pre-capitalist economic formations*. Nova Iorque: International Publishers, 1990

JONES, R. *The Emancipation of the Russian Nobility*. Princeton: Princeton University Press, 1973.

KIBALCHICH, N. A revolução política e a revolução econômica. *In.* Shanin (org), *Marx Tardio e a via russa*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

KIBALCHICH, N. O povo e o Estado. *In.* Shanin (org), *Marx Tardio e a via russa*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

KOCHAN, L. *A formação da Rússia Moderna*. Lisboa: Editora Ulisseia, 1962.

LAFFAYETTE, M. *To Thomas Jefferson from Marie-Joseph-Paul-Yves-Roch-Gilbert du Motier, marquis de Lafayette, 20 December 1823*. Founders Online, National Archives. Disponível em: https://founders.archives.gov/documents/Jefferson/98-01-02-3927. Acessado em: 5 de dezembro de 2023.

LENIN, V. *Obras Completas*, tomo II (1895-1897). Moscou: Editorial Progreso, 1981

LENIN, V. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o Processo de Formação do Mercado Interno para a Grande Indústria*. São Paulo: Editora abril Cultural, 1982.

Library of Congress. ALA-LC Romanization Table. 2012. Disponível em: https://www.loc.gov/catdir/cpso/roman.html#R-S.

LIVIO, T. *Ab Urbe condita, liber IX.* Oxford: Clarendon Press, 1910.

LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social*, v. I. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, G. *O Jovem Marx*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

LUKÁCS, G. *Marx e Engels como historiadores da literatura*. São Paulo: Boitempo, 2016.

MACHADO, G. *Marx e a História — o problema das particularidades nacionais*. Dissertação (Mestrado). Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG. Belo Horizonte, 2016.

MACHADO, G. Teoria da história ou gênese do capital? As diferentes recepções aos estudos etnológicos de Marx: de Engels à atualidade. *Verinotio —Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 26, n. 2, jul./dez. 2020, pp. 85-109

MADARIAGA, I. Catherine the Great. *In. Enlightened Absolutism,* H. M. Scott (org.). Nova Iorque: Macmillan Publishers, 1990.

MADARIAGA, I. Catherine II and the Serfs: A Reconsideration of Some Problems. *The Slavonic and East European Review*, v. 52, n. 126, Jan. 1974. pp. 34-62.

MANDELBAUM, K. Introduction to the Correspondence of Marx and Engels and Danielson (Nikolai-on). *Development and change (SAGE)*, v. 10, 1979. pp. 515-544

MARX, K & ENGELS, F. *L'Alliance de la Democratie Socialiste et l'Assciation Internationale des Travailleurs: rapports et documents publies par ordre du Congrès Internacional de la Haye.* Londres: A. Darson, 1873.

MARX, K & ENGELS, F. *The Russian Menace to Europe*. Blackstock & Hoselitz (orgs). Glencoe: The Free Press, 1952.

MARX, K & ENGELS, F. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 12. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010a.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 16. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010b.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 20. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010c.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 24. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010d.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 40. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010e.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 41. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010f.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 42. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010g.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 43. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010h.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 44. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010i.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 45. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010j.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 46. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010k.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 47. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010l.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 48. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010m.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 49. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010n.

MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 50. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010o.

MARX, K & ENGELS, F. *Luta de Classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K & ENGELS, F. *Cartas sobre O Capita*l. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

MARX, K. *Das Kapital*, Buch I. Hamburgo: Verlag von Otto Meisner, 1867.

MARX, K. *Le Capital, livre I — Paris 1872-1875*. *In.* MEGA II. Berlim: Dietz Verlag, 1989.

MARX, K. *Contribuição à crítica da Economia Política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008

MARX, K. *Grundrisse*. São Paulo: Editora Boitempo, 2011a.

MARX, K. *Guerra Civil na França*. São Paulo: Editora Boitempo, 2011b.

MARX, K. *Crítica a Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.

MARX, K. *A Nova Gazeta Renana*, v. 1. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2020.

MARX, K. Carta à Jules Guesde, 10 de maio de 1879. *Verinotio*, v. 29, n. 2, jul-dez. 2024, pp.

MARX, K. *O Capital*, livro I. São Paulo: Editora Boitempo, 2017a.

MARX, K. *Miséria da Filosofia*. São Paulo: Editora Boitempo, 2017b.

MARX, K. *O Capital*, livro III. São Paulo: Editora Boitempo, 2021.

MARX, K. *Theories of Surplus Value*, v. II. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 1969.

MARX, K. *Últimos escritos econômicos*. São Paulo: Boitempo, 2020.

MERVAUD, M. Le conflit avec les “Marxides”: note sur les rapports de Herzen et de Marx. *Revue Des Études Slaves,* v. 83, n. 1, 2012, pp. 163–83.

MORGAN, L. *Ancient Society or researches in the lines of human progress from savagery through barbarism to civilization*. Chicago: Charles H. Kerr & Company, 1910

MUSTO, M. *O Velho Marx*. São Paulo: Boitempo, 2018.

MUSTO, M. *Karl Marx: uma biografia intelectual e política (1857-1883)*. São Paulo: Expressão Popular, 2023.

NARODNAIA VOLIA. Documentos. *In.* Shanin (org), Marx Tardio e a via russa. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

OITTINEN, V. Marx’s Russian Moment. Cham: Palgrave Macmillan (Springer Nature — Suíça), 2023.

PAXTON, J. *Imperial Russia: a reference handbook*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2001.

PINTO, N. & SALGADO, A. Contributo para a transliteração do russo para o português. Pórtico da Língua Portuguesa, 2017. Disponível em: https://porticodalinguaportuguesa.pt/index.php/publicacoes/artigos/item/transliteracao-do-russo-para-o-portugues#:~:text=[1] A norma portuguesa NP,pelo frequente uso de diacríticos.

PLEKHANOV, G. *Selected Philosophical Works*. Moscou: Progress Publishers, 1977.

REES, W. Marx, Engels and Russia marxism. *Royal Institute of Philosophy Supplements*, v. 14: Marx and Marxisms, set. 1982, pp. 109 - 128.

ROBINSON, G. *Rural Russia under the old regime: A History of the Landlord-Peasant World and a Prologue to the Peasant Revolution of 1917*. Nova Iorque: Macmillan Publishers, 1961.

RUBEL, M. *Karl Marx et le socialisme populiste russe*. Paris: Librairie Marcel Rivière et Cie, 1947.

SAID, E. *Orientalism*. Nova Iorque: Vintage Books, 1979.

SARTORI, V. Apontamentos sobre dialética e história em Friedrich Engels. Verinotio, Rio das Ostras: n. 20. 2015, pp. 123-133

SARTORI, V. Direito, política e reconhecimento: apontamentos sobre Karl Marx e a crítica ao direito. *Revista da Faculdade de Direito – UFPR*, v. 61, n. 2, maio/ago. 2016, pp. 203–233.

SARTORI, V. Acerca da individualidade, do desenvolvimento das forças produtivas e do “romantismo” em Marx: parte I — o desenvolvimento de cada um e o de todos. *Revista Práxis Comunal*. Belo Horizonte: v. 1, n. 1, 2018, pp. 33-70.

SARTORI, V. Acerca da individualidade, do desenvolvimento das forças produtivas e do “romantismo” em Marx: parte II — revolução e indivíduos universalmente desenvolvidos. *Revista Práxis Comunal*. Belo Horizonte: v. 2, n. 1, 2019, pp. 168-201.

SARTORI, V. A crítica marxista do direito diante de Friedrich Engels: a tensão entre exposição e pesquisa em sua análise da esfera jurídica. *Verinotio*. Rio das Ostras: v. 26, n. 2, jul./dez. 2020, pp.16-60.

SHANIN, T. *Marx e a Via Russa.* São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2017.

SHIZUMA, H. On the Meaning in Our Time of the Drafts of Marx's Letter to Vera Zasulich (1881): With Textual Criticism. *Hokkaido University Collection of Scholarly and Academic Papers*, v. 20, 1975, pp. 69-80.

SILJAK, A. *O anjo da vingança*. São Paulo: Editora Record, 2013, pp. 52-55.

SOUZA, G. Alexandre, o pequeno: Marx e a abolição da servidão na Rússia. *Verinotio*, Rio das Ostras, v. 29, n.1, jan/jun. 2024, pp. 433-464.

TAIRAKO, T. A turning point in Marx’s theory on pre-capitalist societies — Marx’s excerpt notebooks on Maurer in MEGA IV/18. *Hitotsubashi Journal of Social Studies*, v. 47, n. 1, jan. 2016, pp. 1-10.

TANAKA, M. The Narodniki and Marx on Russian capitalism in the 1870’s-1880’s. *Kyoto University Economic Review*, v. 39, n. 1, 1969, pp. 1-25

CHERNYSHEVSKY, N. Uma crítica aos preconceitos filosóficos contra a propriedade comunal. *In.* Shanin (org), *Marx Tardio e a via russa*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

TIBLE, J. *Marx selvagem*. São Paulo: Editora Annablume, 2013.

TROTSKI, L. 1905. Nova Iorque: Vintage Books, 2006. Disponível em: https://www.marxists.org/archive/trotsky/1907/1905/.

TROTSKI, L. *A história da Revolução Russa, v. 1 — A queda do tsarismo*. Brasília: Edições Senado Federal, 2017

TVARDOVSKAIA, V. *El populismo ruso.* Cidade do México: Editora Siglo veintiuno, 1978.

VENTURI, F. *Roots of Revolution: A History of the Populist and Socialist Movements in Nineteenth Century Russia*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf Publishers, 1960.

WALICKI, A. *A history of russian thought from enlightment to marxism*. Stanford: Stanford University Press, 1979.

WALICKI, A. An Introduction to the Intellectual History of Nineteenth-Century Russia. *The Russian Review*, v. 36, n. 1, jan. 1977, pp. 1-45.

WITTFOGEL, K. The Marxist View of Russian Society and Revolution. *World Politics*, v. 12, n. 4, jul. 1960, pp. 487-508.

YARMOLINSKY, A. *Road to Revolution: A Century of Russian Radicalism*. Princeton: Princeton University Press, 1956.

Índice onomástico

Aleksandr Herzen (1812-1870)	Nascido de família nobre, Herzen foi um dos principais teóricos populistas. Depois que emigrou da Rússia em 1847, nunca mais pôs os pés na terra natal. Estava em Paris durante a revolução de 1848 e foi profundamente afetado pela derrota dos trabalhadores em junho, depois da qual passa a acreditar que o futuro da revolução socialista estaria na Rússia. Foi editor do periódico *Kolokol* (1857-1867) e do Estrela Polar (1855-1862). Viveu em exílio em Londres de 1852 até 1870, quando morreu de tuberculose.
Aleksandr Mikhailov (1855-1885)	Membro da *Zemlia i volia* desde agosto 1876, Mikhailov logo se tornando um de seus principais membros. Foi um proponente resoluto da necessidade do terrorismo como arma revolucionária contra o czarismo. Foi um dos criadores do comitê executivo da *Narodnaia volia* em 1879. Preso em 1880 pela Terceira Seção, foi condenado à pena perpétua de trabalhos forçados. Morreu na prisão aos 29 anos na Fortaleza Pedro e Paulo.
Aleksandr Solovev (1846-1879)	Depois de abandonar um emprego como diretor de uma escola, Solovev participou da 'ida ao povo' de 1876. Algum tempo depois, tornou-se membro da Zemlia i volia. Em abril de 1879, foi o autor de um atentado contra o tsar no Palácio de Inverno, desferindo contra Alexandre II três tiros, dos quais o tsar conseguiu se esquivar. Solovev foi logo detido pela polícia. Condenado à morte, foi enforcado publicamente no fim de maio de 1879 em Moscou.
Andrey Zhelyabov (1851-1881)	Junto de Sofia Perovskaia, sua futura esposa, Zhelyabov foi um dos revolucionários absolvidos do 'julgamento dos 193' de 1878. Em 1879, ele e Perovskaia juntaram-se ao comitê executivo da *Narodnaia volia*. Foi um dos idealizadores do atentado de março de 1881, embora tenha sido preso dias antes do ocorrido. Foi executado publicamente em 1881 junto dos outros membros do comitê executivo.
Alexey Oboleshev (1855-?)	Membro da segunda *Zemlia i volia*, Oboleshev foi o autor do primeiro programa da organização em 1876. Foi preso em 1878 junto com Olga Natanson e outros membros da primeira formação, condenado à pena perpétua de trabalhos forçados.
Arkhip Bogolyubov (1859-1887)	Membro da *Zemlia i volia*, foi preso em 1877 em uma manifestação em Kazan. Na prisão, foi brutalmente chicoteado por ordem do prefeito de São Petesburgo, Fedor Trepov. O tratamento brutal sofrido por Bogolyubov foi a motivação do atentado de Vera Zasulich contra o prefeito em 1878. Bogolyubov foi transferido em 1880 para um hospital psiquiátrico, onde permaneceu até 1887, quando foi posto sob os cuidados do pai.
August von Haxthausen (1792-1866)	Ministro prussiano, o barão von Haxthausen viajou pelas províncias da Rússia em 1843 à convite de Nicolas I. À partir de suas observações, escreveu o livro *Studien über die innern Zustände, das Volksleben und insbesondere die ländlichen Einrichtungen Russlands* [Estudos sobre as condições internas, a vida do povo e especialmente as instituições rurais da Rússia]. Sua obra sobre a Rússia foi uma das principais fontes sobre a comuna agrária russa no século XIX.

Evgenia Figner (1858-1931)	Junto da irmã, Vera, Evgenia Figner participou da *Zemlia i volia*. As irmãs Figner e Sofia Perovskaia juntaram-se à *Narodnaia volia* em 1879. Foi presa em 1879. Condenada a quinze anos de trabalhos forçados na Sibéria, só retornou à Rússia europeia em 1900. Morreu em Moscou no ano de 1931.
Fyodor Trepov (1809-1889)	Prefeito de São Petesburgo entre 1873 e 1878, foi o responsável pela ordem de chicoteamento de Bogolyubov em julho de 1877. Em 1878, enquanto recebia petições no seu gabinete de São Petesburgo, Trepov recebeu um tiro à queima roupa desferido por Vera Zasulich, como retaliação por Bogolyubov.
Georg Plekhanov (1856-1918)	Conhecido como o 'pai do marxismo russo', Plekhanov foi membro da Zemlia i volia entre 1877 e 1879. Derrotado na reunião de Voronezh, abandonou a *Zemlia i volia* para criar a *Chernyi peredel* junto de Mikhail Popov. Em 1883, formou a Emancipação do Trabalho com Akselrod e Zasulich em Genebra. Foi ainda cofundador da Segunda Internacional em 1889, do Partido Operário Social-Democrata Russo em 1898 e da Iskra em 1901. Em razão de sua forte oposição a Lenin e aos Bolsheviks na Revolução de 1917, decidiu a Rússia em outubro. Morreu de tuberculose em maio de 1918, na Finlândia.
Gesia Gelfman (1855-1882)	Membro da *Narodnaia volia*, Gelfman foi presa pela Terceira Seção em 1881 por sua participação no assassinato de Alexandre II. Gelfman foi também condenada à morte, mas em razão de estar grávida, sua execução foi adiada e depois comutada para o exílio. Em outubro de 1881, Gelfman deu à luz na Fortaleza Pedro e Paulo. Três meses depois, Gelfman morreu por complicações do parto. Sua filha morreu pouco tempo depois.
Ignaty Grinevitsky (1856-1881)	Nascido de família nobre, Grinevitsky se tornou membro do comitê executivo da *Narodnaia volia* em algum momento de 1880. Foi o responsável pela bomba que matou Alexandre II em março de 1881. Grinevitsky foi gravemente ferido pela explosão e morreu no hospital na noite do dia primeiro de março de 1881.
Leo Deich (1855-1941)	Depois de participar do movimento de 'ida ao povo', foi preso em 1877 por sua participação na organização de uma revolta camponesa de Chigirin, na Ucrânia. Deich fugiu da prisão de Kiev em 1878. Juntou-se à *Cherny peredel* em 1879 e emigrou para Genebra em 1880. Preso na Alemanha em 1884, passou cerca de 30 anos preso na Rússia. Na Revolução de 1917, aliou-se aos Mensheviks. Morreu em Moscou aos 85 anos.
Maksim Kovalevsky (1851-1916)	Importante estudioso das comunidades agrárias arcaicas, Kovalevsky foi professor na Universidade de Moscou entre 1878 e 1886, quando foi expulso da Rússia. Foi próximo de Marx, que escreveu extensas notas sobre sua obra acerca das comunidades agrícolas. Retornou à Rússia em 1905, retomando suas atividades como professor e dando início a uma carreira na política.
Mikhail Bakunin (1814-1876)	Filho de uma família nobre da região de Tver, Bakunin foi o principal líder anarquista europeu no século XIX e uma das principais influências do populismo russo. Por sua participação na Revolução Alemã de 1848, viveu em exílio na Sibéria até 1861, quando fugiu para Genebra. Juntou-se à Associação Internacional dos Trabalhadores em 1868, tornando-se um dos principais opositores de Marx. Em 1872, durante o Congresso de Haia, Bakunin e a seção anarquista foram expulsos da Internacional. Morreu na Suíça em 1876.

Mikhail R. Popov (1851-1908)	Membro da *Zemlia i volia*, junto de Plekhanov, Popov foi um dos principais opositores de Mikhailov em Voronezh. Foi um dos fundadores da *Cherny peredel* em 1879 e um dos poucos dos *chernoperedeltsy* que não emigrou para Genebra em 1880. Tentou uma reunificação com a seção ucraniana da *Narodnaia volia*, mas foi preso em 1880. Passou vinte cinco anos preso na Fortaleza Pedro e Paulo e posto em liberdade depois da Revolução de 1905.
Mark Natanson (1851-1919)	Fundador do grupo Chaikovskista e da segunda *Zemlia i volia* junto de sua esposa, Olga Alexandrovna. Mark Natanson foi preso em outubro de 1878 e exilado na Sibéria, onde permaneceria até 1889. Foi preso novamente em 1894 e em 1904 emigrou para Genebra, onde conheceu Lenin. Voltou para a Rússia na Revolução de Fevereiro e apoiou os Bolsheviks em Outubro. Em 1919, emigrou para a Suíça em razão de suas discordâncias com Lenin.
Nikolai Dobrolyubov (1836-1861)	Importante poeta, jornalista, crítico literário e revolucionário, Dobrolyubov foi editor do *Sovremennik* junto de Chernyshevsky até 1861, quando morreu de tuberculose.
Nikolai Danielson (1844-1918)	Funcionário de um banco russo e importante teórico revolucionário populista, Danielson manteve correspondência com Marx entre 1868 a 1883, e com Engels de 1883 até 1895. Traduziu vários textos de Marx, com destaque para *O Capital*. Abandonou completamente as atividades políticas depois de 1908 e não participou na Revolução de 1917.
Nikolai Kibalchich (1853-1881)	Membro do comitê executivo da *Narodnaia volia*, Kibalchich fabricou a bomba usada no atentado contra Alexandre II. Por sua participação no assassinato do czar, foi preso e executado publicamente em 1881.
Nikolai Mikhailovsky (1842-1904)	Filho de uma família nobre, Mikhailovsky era editor da *Otechestvennie zapiski*. Era simpatizante da *Narodnaia volia*, mas nunca fez parte da organização. Na década de 1890, foi alvo de críticas em alguns artigos de Lenin, com destaque para *A que herança renunciamos?*
Nikolai Morozov (1854-1946)	Membro da *Zemlia i volia*, Morozov integrou a *Narodnaia volia* de 1879 até 1880, quando emigrou para Londres, onde conheceu Marx. Foi preso em janeiro de 1881, quando retornava para a Rússia, permanecendo em cativeiro até 1905. Não participou da Revolução de 1917, mas aos 88 anos combateu como *sniper* na Segunda Guerra Mundial.
Nikolai Ogarev (1813-1877)	Poeta e revolucionário nascido de uma família proprietária de terras, Ogarev editou o *Kolokol* com Herzen em Londres, seu colaborador e amigo de longa data. Ogarev foi um dos idealizadores da primeira *Zemlia i volia*.
Nikolai Rysakov (1861-1881)	Membro do comitê executivo da *Narodnaia volia*, Rysakov foi um dos dois arremessadores no atentado contra Alexandre II. Preso pela sua participação na morte do tsar, Rysakov tinha apenas dezenove anos quando foi executado publicamente em abril de 1881.
Nikolai Chernyshevsky (1828-1899)	Nascido de família clerical, Chernyshevsky foi um dos teóricos populistas mais importantes do século XIX. Sua obra impactou toda a geração de revolucionários do fim do século, incluindo Lenin, que nomeou *O que fazer?* era referência direta ao livro homônimo de Chernyshevsky. Foi editor do *Sovremennik* nos anos 1850 junto de Dobrolyubov. Preso em 1862, morreu exilado na Sibéria.

Olga Alexandrovna Natanson (1850-1881)	Nascida em uma família nobre, Olga Natanson e o marido, Mark Natanson, criaram a segunda *Zemlia i volia*. Foi presa em outubro de 1878 em São Petesburgo e ficou detida na Fortaleza Pedro e Paulo até seu julgamento, em maio de 1880. Olga Natanson foi condenada a trabalhos forçados, mas sua pena foi comutada para o exílio na Sibéria. Contudo, Olga nunca chegou a deixar São Petesburgo, tendo contraído tuberculose pouco tempo depois do julgamento. Em março de 1881, Olga Alexandrovna Natanson sucumbiu à doença.
Pavel Akselrod (1850-1928)	Membro da *Zemlia i volia* e fundador da União dos Trabalhadores do Sul da Rússia, juntou-se à *Cherny peredel* em 1879. Emigrou para Genebra junto de Plekhanov e Zasulich e formou com eles a Emancipação do Trabalho. Entre 1900 e 1903, fez parte do corro editorial da *Iskra*. Retornou à Rússia depois da Revolução de Fevereiro, mas deixou o país depois da vitória dos bolsheviks.
Pyotr Lavrov (1823-1900)	Filho de um proprietário de terras, Lavrov foi um importante autor populista e um grande opositor de Bakunin na Rússia, aliando-se com a Internacional no Congresso de Haia. Participou da Comuna de Paris e manteve uma relação amigável com Marx a partir de 1871. Participou da fundação da Segunda Internacional em 1889.
Pyotr Tkatchov (1844-1885)	Nascido de família nobre, Tkatchov foi opositor de Lavrov e o principal representante do jacobinismo/blanquismo russo. Por sua participação nas revoltas estudantis de 1869, foi exilado e emigrou para a Suíça. Em 1875, publicou um texto criticando Engels, provocando uma dura resposta do autor alemão ao seu artigo.
Sergey Kravchinsky (1851-1895)	Membro da *Zemlia i volia*, com ajuda de outros dois camaradas, Kravchinsky assassinou o chefe da Terceira Seção, o General Mezentsov, em agosto de 1878. Kravchinsky conseguiu fugir da polícia e poucos meses depois instalou-se em Londres, onde viveu até 1895, ano em que morreu atropelado por um trem.
Sergey Nechaev (1847-1882)	Nechaev foi uma figura enigmática na história revolucionária russa. Um dos principais integrantes da geração 'niilista' e do movimento estudantil do fim dos anos 1860, Nechaev era admirado por figuras como Bakunin e Ogarev. Em 1872 foi preso por assassinato e em 1873, Nechaev foi condenado ao exílio na Sibéria. Sua pena foi comutada do exílio para prisão, onde morreu em 1882.
Sofia Perovskaia (1853-1881)	Absolvida no 'julgamento dos 194', Perovskaia se juntou à *Zemlia i volia* em 1878, logo assumindo papel importante na organização. Em 1879, juntou-se à *Narodnaia volia* e teve papel central na idealização do atentado de março de 1881. Foi presa e condenada à morte pela sua participação no assassinato de Alexandre II. Perovskaia foi executada publicamente em abril daquele ano, junto de Rysakov, Zhelyabov, Mikhailov e Kibalchich.
Timofey Mikhailov (1861-1880)	Nascido em uma família da classe trabalhadora de São Petesburgo e membro do comitê executivo da *Narodnaia volia*, Mikhailov foi um dos participantes do assassinato de Alexandre II. Mikhailov foi preso e também condenado à morte. Foi executado em abril de 1881 junto de Rysakov, Zhelyabov, Mikhailov, Kibalchich e Perovskaia.
Vasily Bervi-Flerovsky (1829-1918)	Filho de um professor da Universidade de Kazan, Flerovsky foi um proeminente teórico do *narodnichestvo*. Sua obra mais conhecida, *A situação da classe trabalhadora na Rússia*, foi lida por Marx e por Engels e bastante elogiada pelos autores, tendo o livro servido de importante fonte para eles. Em 1861, Flerovsky foi preso e exilado na Sibéria, onde permaneceu até 1887. Viveu em Londres de 1890 a 1895, quando retornou à Rússia, onde permaneceu até sua morte.

Vera Figner ***(1852-1942)***	Depois de participar de organizações paralelas à *Zemlia i volia*, Vera Figner se tornou membro da organização no fim de 1878. Quando a organização se dividiu, Figner tomou partido de Aleksandr Mikhailov, integrando a *Narodnaia volia*. Foi presa e condenada à prisão perpétua em 1881 por sua participação no assassinato do tsar, mas conseguiu evitar a prisão até o final do ano de 1882, quando foi detida pela polícia. Figner passou mais de vinte anos presa, até que em 1905, depois da Revolução de 1905, foi perdoada e posta em liberdade.
Vera Zasulich ***(1849-1919)***	Nascida da pequena aristocracia rural russa, em 1878 Vera Zasulich foi presa pela tentativa de assassinato do prefeito de São Petesburgo, crime pelo qual foi absolvida. Em 1879, juntou-se à *Cherny peredel* e emigrou para Genebra com Plekhanov, Leo Deich e Akselrod em 1880. Em 1881, escreveu sua famosa carta a Karl Marx. Formou a Emancipação do Trabalho com Plekhanov e Akselrod em 1883 e fez parte do corpo editorial da *Iskra* e da *Zariá*. Retornou à Rússia em 1905 e aliou-se à ala Menshevik, opondo-se à Revolução de Outubro. Em Petrogrado, Zasulich morreu de pneumonia em 1919.
Yakov Stefanovich ***(1853-1915)***	Um dos idealizadores da conspiração de Chigirin, Stefanovich foi preso em Kiev junto de Leo Deich em 1877. Em 1878, fugiu da prisão. Em 1879, juntou-se à *Cherny peredel* com Leo Deich e Vera Zasulich. Emigrou para Genebra em 1880, mas retornou à Rússia em 1881, juntando-se à *Narodnaia volia*.
Yvan Yemelianov ***(1860-1915)***	Membro do comitê executivo da *Narodnaia volia*, Yemelianov foi um dos arremessadores designados para assassinar o tsar no dia 1º de março de 1881. Yemelianov foi preso junto de Zhelyabov, Mikhailov, Kibalchich, Perovskaia e Gelfman no dia 3 de março de 1881. Diferentemente dos outros participantes do atentado, Yemelianov teve a pena de morte comutada em prisão perpétua, sentença que foi depois convertida em exílio.

Glossário

Artel [арте́ль]	Forma de associação cooperativa muito comum na Rússia até o fim do século XIX, embora não fosse exclusivamente russa. O *artel* era marcado pela responsabilidade solidária entre os membros e era presidido por um ancião eleito (*staroste*). Embora em geral fosse usado para referir as associações temporariamente formadas entre os camponeses russos para a execução de um trabalho fora da comunidade rural, o termo '*artel*' poderia ser usado para falar de qualquer forma de associação cooperativa, inclusive empreendimentos industriais e a bolsa de valores.
Chaicovskistas [Чайковцы]	Assim chamados em razão de um dos organizadores (Nikolai Chaikovsky), os Chaicovskistas foram a primeira grande organização populista da Rússia, formada no começo da década de 1870 por Mark A. Natanson com inspiração nas ideias anarquistas de Bakunin e no socialismo de Pyotr Lavrov. Os Chaikovskistas não possuíam um programa rígido e se afastavam da ideia de conspiração revolucionária que havia predominado nos círculos populistas revolucionários na década de 1860. O grupo se baseava na ideia de que as classes educadas tinham o dever com o povo de pregar o socialismo, nele existindo forte inspiração nos ideais cristãos de sacrifício e de vocação para a pregação. Embora tenha praticamente desaparecido no fim de 1873 em razão da prisão de grande parte de seus membros, o grupo dos Chaikovskistas e a convicção de que possuíam o dever de espalhar os princípios socialistas entre o povo russo foi uma das grande influências do movimento de 'ida ao povo' dos anos 1873-74. Ademais, vários dos participantes do grupo Chaicovskista foram depois membros da *Zemlia i volia* e depois da *Narodnaia volia*, com destaque para Sofia Perovskaya, Sergey Kravchinsky e o próprio Natanson.
Chernyi peredel [Чёрный передел]	A Repartição Negra ou *Chernyi peredel* foi uma das duas organizações formada em 1879 depois da cisão da segunda *Zemlia i volia*. Seus principais membros foram Georg Plekhanov, Leo Deich, Pavel Akselrod, Osip Aptekman, Vera Zasulich e Yakov Stefanovich. Em 1880, Deich, Plekhanov, Stefanovich e Zasulich emigraram para Genebra fugindo da perseguição czarista, sendo que ali Deich, Plekhanov e Zasulich publicariam cinco volumes da revista *Chernyi peredel*. A Repartição Negra teve fim em algum momento de 1881 e em 1883, Akselrod, Plekhanov e Zasulich formariam o partido da Emancipação do Trabalho.
Chernoperedeltsy [Чёрнопередельцы]	Nome dado aos membros da *Chernyi peredel*.
Gatchina [Га́тчина]	Situada a alguns quilômetros de São Petesburgo, a Gatchina era o palácio/quartel fortificado do tsar. Depois da morte de Alexandre II e da ascensão de Alexandre III, a Gatchina foi a principal residência do novo tsar.
Guberniia [Губерния]	Principal divisão administrativa no Império Russo, podendo ser entendida como uma província ou governorato. A partir da reforma administrativa de 1796, as *guberniias* foram subdivididas em *uezds*, que, por sua vez, eram subdivididos em *volosts*.

Knout [Кнут]	О кнут [*knout/knut*] era um tipo de chicote russo. Composto por um cabo de madeira e flagelos de couro cru ou cordas, o кнут era o chicote mais comumente empregado para punição corporal na Rússia até a década de 1840, quando Nicolas I proibiu seu uso, substituindo-o por um tipo de chicote mais leve.
Kolokol [Колокол]	O *Kolokol* ou O Sino foi o jornal editado por Aleksandr Herzen e Nikolai Ogarev em Londres, entre 1857 e 1865, e em Genebra, entre 1865 e 1867. Mikhail Bakunin também foi colaborador frequente do periódico
Krestyanskaya chern [Крестьянская чёрна]	Indica o povo camponês comum. A tradução literal de *krestyanskaya* é 'camponês' e *chern* pode ser traduzido como 'negro', que pode ser referência tanto ao solo negro que cultivavam, quanto à pele escurecida pelos trabalhos ao sol. O 'camponês negro', por assim dizer, indica um camponês simples, 'humilde', isto é, que não é *kulak*.
Kulak [Ку́лак]	Inicialmente, era o nome dado ao camponês que enriquecera explorando outros camponeses por meio da prática usurária e mercantil, também conhecidos como '*miroeds*'. Em um dado momento, passa a significar simplesmente "camponês rico".
Mir [Мир]	*Mir*' possuía diferentes acepções, dentre as quais destacamos as seguintes: (i) mundo, (ii) conjunto das comunas agrárias, (iii) comuna agrária individual. Quando usado para se referir à comuna agrária individual, possuía sentido mais amplo do que '*obshchina*'
Miroed [Мироед]	Traduzido literalmente, 'devorador do *mir*'. Pode ser usado como sinônimo para o '*kulak*', o camponês que se enriquecia explorando outros camponeses e a comuna agrária. *Miroed* poderia ainda ser usado para se referir a outros 'devoradores de comuna' que não fossem camponeses.
Muzhik [Мужик]	Até o fim da servidão, referia-se especificamente aos servos. Depois da abolição da servidão em 1861, encontramos *muzhik* ou mujique significando camponês (крестьянин ou *krest'yanin*)
Nabat [Набат]	Jornal editado por Pyotr Tkatchov, sendo o principal veículo das ideias 'jacobinas' russas.
Narod [Народ]	Nome romanizado para 'o povo'.

Narodnaia rasprava [Наро́дная расправь]	Conspiração revolucionária organizada por Sergey Nechaev entre 1869 e 1870. Os nechaevistas eram defensores do uso do terrorismo como tática revolucionária, inclusive para coibir a traição dentro da organização. O programa que Nechaev elaborou para a organização, chamado Catecismo, era marcadamente influenciado por Bakunin. O Catecismo de Nechaev trazia a ideia de um movimento revolucionário constituído por pessoas completamente abnegadas, que se devotariam inteiramente à causa revolucionária. Os membros da *Narodnaia rasprava* deveriam ser revolucionários sem nome e sem interesses próprios, e deveriam estar dispostos a usar os meios necessários para fazer avançar a causa revolucionária. O grupo se desmantelou depois que Nechaev e três outros membros do grupo assassinaram Ivan Ivanovich Ivanov em novembro de 1869, um estudante bastante ativo na organização. O assassinato de Ivanov deu início a uma longa investigação que levou à prisão vários membros da *Narodnaia rasprava*. Nechaev fugiu para a Suíça em dezembro 1869, conseguindo fugir da polícia até 1872, quando foi detido na Suíça e extraditado para Moscou. Julgado em 1873, Nechaev foi condenado ao exílio na Sibéria, mas Alexandre II decidiu mudar a pena do exílio para prisão.
Narodnaia volia [Наро́дная воля]	Organização surgida da cisão da segunda *Zemlia i volia* em 1879, tendo sido a responsável pelo assassinato do tsar Alexandre II em março de 1881. Seus principais membros foram Aleksandr Mikhailov, Andrey Zhelyabov, Evgenia Figner, Gesia Gelfman, Ignaty Grinevstky, Nikolai Kibalchich, Nikolai Morozov, Nikolai Rysakov, Sofia Perovskaya, Vera Figner e Yvan Yemelianov.
Narodnichestvo [Наро́дничество]	Nome romanizado para o chamado movimento populista russo, nascido na Rússia em meados do século XIX. A designação 'populista' pode se referir a uma extensa variedade de ideias desde os fins da década de 1840, sendo comum entre elas o foco no '*narod*', o povo russo, e uma tendência anticapitalista *ante rem*, isto é, antes que o capitalismo fosse consolidado na Rússia. Aqui limitamos o uso do nome '*narodnichestvo*' para tratar dos grupos da década de 1870 em diante.
Narodnik [Наро́дник]	Nome romanizado para os *partisans* de uma das correntes populismo russo.
Narodovoltsy [Наро́довольцы]	Membros da *Narodnaia volia*.

Obshchina [Община]	Nome romanizado para a comuna/comunidade agrária russa, as quais eram compostas um grupo de famílias camponesas, cada uma das quais possuía uma casa e um pátio privados, mas que terras que eram propriedade coletiva. A partir da Reforma de 1861, é possível identificar nos documentos oficiais referência a dois tipos de comunidade camponesa: a *selskoe obchestvo*, que era a vila camponesa 'oficial', composta pelos camponeses que viviam nas terras de um dado senhor; a *krestianskaia obshchina*, que era a comuna camponesa tradicional, formada por uma coletividade de famílias camponesas que cultivavam uma dada porção de terra com a qual se relacionavam como propriedade comum. Em função das determinações da Reforma de 1861, a *selskoe obchestvo* poderia ou não coincidir com a *krestianskaia obshchina*, uma vez que era possível existir mais de uma comuna dentro das terras de um dado proprietário. Em linhas gerais, antes da Reforma, cada *krestianskaia obshchina* compunha uma selskoe obchestvo, possuindo uma assembleia comunal para as decisões relativas à comunidade, as quais eram formadas pelos representantes das unidades familiares que viviam naquela dada comuna. Depois de 1861, passou a existir apenas uma *selskii shkod* para cada *selskoe obchestvo*, mesmo naquelas terras existisse mais de uma *obshchina*.
Obshchinnoe vladenie ou polzovanie [Общиной бладеньй/ позловонней]	Posse reparticional das terras comunais na *obshchina*. Era o tipo mais comum na Rússia. Nas comunas em que a posse da terra era desse tipo, a casa, o jardim e o pátio eram posse hereditária de cada família camponesa. Entretanto, uma parte das terras comunais era periodicamente redistribuída em parcelas entre os membros da comuna. Assim, a posse de um dado pedaço de terra era temporário nessas comunas, sendo que somente a posse da casa, do pátio e do jardim era hereditária. Entretanto, era prática comum manter uma parte das terras da comuna sem repartir entre as famílias, de modo que eram exploradas de forma coletiva.
Otechestvennie zapiski [Отечественные записки]	Periódico literário publicado legalmente na Rússia entre 1818 e 1884.
Podvornoe vladenie [Подворное владение]	Posse hereditária das terras comunais na *obshchina*. Nessas comunas agrárias, cada família camponesa tinha posse hereditária da casa, do pátio, do jardim e de uma parte das terras comunais. Entretanto, exceto com autorização da assembleia comunal, era proibido que esses lotes de terras individuais fossem cercados ou que se fizesse construções neles. Isso porque, como os camponeses praticavam todos um ciclo de colheita em comum dentro da mesma comuna, quando esses lotes de terra não estava sendo utilizados para o cultivo, eles serviam de pasto comum para os animais da *obshchina*.
Sovremennik [Современник]	Periódico literário criado por Pushkin nos anos 1830 e teve vários contribuintes ilustres a longo dos anos, como Bielinsky, Goncharov, Oblomov, Turgueniêv e Tolstoy. Na década de 1850, Nikolai Chernyshevsky e Nikolai Dobrolyubov assumiram o comando do jornal, tornando o *Sovremennik* um grande veículo de ideias revolucionárias.
Tretiye otdeleniye [III отделение]	A Terceira Divisão da Chancelaria de Sua Majestade Imperial foi a polícia secreta tsarista fundada por Nicolas I nos anos 1820.

Zemlia i volia (1861) [Земля́ и Во́ля]	Grupo secreto formado na década de 1860 pelos irmãos Aleksandr e Nikolai Serno-Solovevich com a ajuda do *Kolokol* de Herzen e Ogarev e do *Sovremennik* de Chernyshevsky. Como o próprio nome nos conta (Terra e liberdade) — assim como o texto de mesmo nome redigido por Ogarev em 1861 —, o grupo se focava na questão dos camponeses russos e na crítica à Emancipação dos servos de 1861, que havia basicamente substituído a antiga servidão do camponês por uma nova forma. A *Zemlia i volia* preocupava-se também com luta pela emancipação da Polônia nos anos 1860, pois consideravam que a Rússia só poderia ser livre depois que a Polônia fosse livre. Tanto Chernyshevsky quanto Herzen e Ogarev tiveram participação central no grupo, usando o *Sovremennik* e o *Kolokol* como instrumentos de divulgação e mobilização, embora os irmãos Solovevich tenham eventualmente rompido com as ideias de Herzen. Contudo, a primeira *Zemlia i volia* teve uma vida curta, tendo praticamente acabado quando Nikolai Solovevich e Chernyshevsky foram presos em 1862.
Zemlia i volia (1875-1879)	Grupo populista revolucionário formado em 1875 por Mark Andreyevich Natanson e Olga Alexandrovna. Vários de seus membros foram Chaikovskistas, como Natanson e Alexandrovna, além de Alexey Oboleshev, Nikolai Morozov, Sergey Kravchinsky e Sofia Perovskaia. Alguns outros membros importantes foram Aleksandr Mikhailov e Georg Plekhanov. Em agosto de 1879, essa *Zemlia i volia* se dividiu na *Narodnaia volia* e na *Cherniy peredel*.
Zemlevoltsy [землево́лцы]	Nome dado aos membros da *Zemlia i volia*, em especial da segunda.